

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES

Ronald de Carvalho
Monteiro Lobato
Brenno Ferra*

IN. 76

ABRIL
1922

EDITORES

Monteiro Lobato
«t Comp. - São Paulo
Mua do» Gusmões, 70

SUMMARIO

A "EVOLUÇÃO DAS IDÉAS ARGENTINAS".	Monteiro Lobato	289
O CRIME INÚTIL	Lucilo Varejão.	295
Os pois BRASIS	V. Coaracy.	307
VELHINHA RENDEIRA	Jayme D'Altavilla	314
A PHILOSOPHIA NATURAL DO DR. VON IHERING	Kodolpho von Ihering	316
TRINTA ANNOS. V	Oscar Brisolla	323
VARIANTE CARIOCA DE UM SUBDIALECTO BRASILEIRO	Antenor Nascentes	327
IMPORTANCIA DA RIQUEZA MI- NERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES	Miguel Arrojado Lisboa	333
BIBLIOGRAPHIA		339
RESENHA DO MEZ		348
DEBATES E PESQUIZAS		363
QUESTÕES SOCIAES.		371
NOTAS DO EXTERIOR		376

REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANJEIRO - 25\$000 - NUMERO AVULSO - 1\$600.

O Que Todas as SENHORAS e SENHORITAS, devem • Saber e Ensinar as suas Amigas!!!

A PASTA RUSSA do Doutor G. RICABAL, é o unico Remedio existente no Mundo inteiro, que em menos de um mez dá á Mulher a Belleza do SEIOS, fazendo Crescer, fortificando e Aformoseando, produzindo rapidamente ENDURECIMENTO E FIRMEZA,

Milhares de attestados affirmam o grande valor curativo da Pasta Russa do Doutor G. Ricabal. - Cautela com as falsificações e imitações perigoas!

Exijam sempre "A PASTA RUSSA" do Doutor G. Ricabal

NAO SE ILLUDAMIU

A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil

 AVISO - Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 12\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

GRAVIDEZ

Evita-se usando os Pessarlos Americanos; são inofensivos, comodos, de effeito seguro e antiseptico». —

Encontram-se á venda na9 principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

 AVISO - Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

AOS ASTHMATICOS

O Remedio do Doutor Reyngate, notável Medico e Cientista Inglez, para a cura radical d» Aithma, Dy»pnéa», InfUenza, Deflaxo», Bronehitea Catarhaes, Cequeluche, To»»e» rebelde», Cansaço, Suffoc»çõe», t «m Medicamenta d» valor, compoito excluivivemente- de vegetae», nU é xarope, nem e»nténi lodureto», nem morphina e outra» s«b»tancia» nociva» á samda do» A»tkm»tíeo».

Vide o» atteattdo» e proapecto» que acompanham cada fraaco.

Encontra-se á venda nas principaes Pharmacia» e Drogaria» de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. - Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 11/2 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Eléctricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

ÚNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

DOIS LIVROS NOTÁVEIS

PARQUE ANTIGO, de Galeão Coutinho
e MOCIDADE, de Affonso Schmidt.



Diversos na contextura porém ambos igualmente notáveis como expressão dos pensamentos mais altos e dos sentimentos mais subtis de dois verdadeiros, de dois grandes poetas.

Em paiz de poetas como o nosso, para alcançar o destaque destes dois estreantes é necessário que possuam elles um valor realmente de excepção.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

REVISTA DO BRASIL

RUA DOS GUSMÕES, 70

S. PAULO

m m n Beca & CIA.

IMPORTADORES

'Rua Uibero Badaró, 169

= S. PAULO =

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

I = » C=J C=3

Papel, materia.es

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

prodcticos chimicos.



o movimento contra-revolucionario encabeçado pela Santa Alliança e o movimento restaurador de Rosas.

Não ha negar que, tanto no velho como no novo mundo, a acção e a reacção tiveram causas communs, e que esta veio pela fome de paz e sede de ordem que as convulsões revolucionarias abriram em todos os paizes. Mas na America Rosas imprimiu-lhe um cunho especialissimo. De todas as figuras do movimento, Fernando VII de Espanha, Luiz XVIII de França, os reis da Prússia, da Austria, da Sardenha, de Nápoles e o papa, nenhuma possuiu o relevo nem a envergadura de Rosas, que foi innegavelmente uma força da natureza, producto logico do campo argentino, plasmado e conformado da mesma massa e no mesmo molde dos Napoleões. Creou como o corso a sua formula pessoal de despotismo, mentiu como elle e como elle construiu os alicerces da ordem nova que até hoje dura, com excepção da Rússia onde a subverteu o bolchevismo.

Juan Manuel de Rosas appareceu no momento opportuno, quando a republica, a braços com a anarchia consequente a todo movimento revolucionário que procura ás cegas um systema de equilibrio estável, revelou-se cançada de idealismo e sequiosa por um regimen de ordem em que os negocios pudessm prosperar.

Orden e patacones! A tyrannia de Rosas deu a ella esse ambicionado periodo de ordem, suffocando brutalmente todas as reacções e preparando o advento da Argentina actual.

Rosas foi um homem de qualidades excepcionaes, desses seres sobrehumanos que nascem para a dominação. Filho de familia prestigiosa, começou a vida activa administrando os vastos feudos paternos, em Rincon de López. E lá, pelo prestigio fascinante de sua presença, o mais bello homem que era do seu tempo, e pelas geniaes qualidades de administrador que foi revelando, conseguiu em breve transformar o latifúndio num centro pecuário e agrícola de grande movimento. Como, porém, os seus processos eram novidade naquelle meio, surgiram intrigantes que indispuzeram contra elle sua mãe, residente em Buenos Aires, mulher energica e despótica, de quem o joven Rosas herdara a infibratura do character. Esquecida das vantagens enormes que a familia auferia com a gerencia do filho, commetteu eila a imprudência de censural-o. Foi o bastante para que o ardoroso mancebo, que primava em manter insuspeita a sua honestidade, abandonasse o feudo e rompesse com a familia, mudando-se para a capital. Lá viveu uns tempos, inteiramente deslocado no torvelinho da vida urbana. Nascera para o viver libérrimo dos campos e não se conformava com a vida estreita, amarrada e policiada de uma capital. Sahiu. Estudou a situação e resolveu fazer-se tropeiro ao sul de Buenos Aires.

Adquirindo a credito uma bella tropa de muares, pessoalmente •a conduziu, nas primeiras viajens, em serviços de transporte. Começa aqui a carreira do dictador. Começa Rosas de baixo, do ultimo degrão, e, como Napoleão, ascende ao fastígio exclusivamente pela força do valor pessoal. Napoleão inda teve a favor a circumstancia de encarrear-se pelo exercito, meio commum que aos temperamentos despoticos occorre de mais depressa alcançarem a mira. Rosa não se apoiou no exercito. Fez-se elle proprio um fóco de convergência e deixou que em torno de si se creasse um exercito de peões, fanatizados pela varonilidade do mais bello e valente dos gaúchos. Nascido para governar povos, começasse por onde começasse seu destino havia de cumprir-se. Como ha o artista que se faz, ha o artista que nasce feito. Como ha reis por injunções da estirpe, ha-os natos. Rosas foi um. Nasceria rei e rei seria.

Começou duas vezes. A primeira em Rincon de López. Não fôra a incompreensão da familia e seria de lá que a aguia al-tearia o vôo. Rompido com os seus, porém, desce ao mais infimo degrão da escada, e, só, desajudado de toda influencia familiar, recomeça a escalada do poder, desta feita com gloria maior porque a ninguém deveria o menor impulso ascencional.

O bello tropeiro impoz-se na zona trafegada, auferiu lucros abundantes, augmentou a tropa, tomou a serviço peões, cresceu em credito e pode logo adquirir as primeiras terras.

Estava fincado no territorio argentino o germen de um estado dentro do estado. A estancia inicial de Rosas cresceria como mancha de azeite até absorver toda republica. Seu governo naquella estancia seria o governo do paiz. Seu modo de tratar os peões, seu systema administrativo, seu despotismo seriam em breve o governo da Argentina durante trinta annos.

Não ha na historia caso mais typico de victoria individual. Rosas cresce sempre, em prestigio, á medida que sua estancia cresce eni area. Em pouco tempo o maior proprietário argentino •é elle, e como lhe não bastassem as terras existentes, conquista-as aos indios. Só numa destas expedições de investida contra o deserto recebeu como paga de serviços sessenta léguas quadradas.

Organizador nato, deu á população do feudo uma disciplina férrea, de maneira a tel-a móbil, prompta e segura, como um •exercito. A gaúchada accorria de todos os lados afim de servir sob suas ordens, arrastada pelo mysterioso prestigio do rei dos pampas. Os estancieros viam nelle o *leader* sonhado, a força c-ipaz de amparal-os e dar-lhes um periodo longo de ordem favoravel á prosperidade economica. E Rosas surgia assim, aos olhos de todos, como o salvador, o guia, o sol do systema planetario dos prejudicados pelas experiencias *in anima vili* dos ideologos



de Maio. E o dictador 'entrou a dictar as bases do *trust saladeirista*. Constituiu uma firma social, Rosas, Torrero & Cia. que se erigiu logo na maior potencia commercial da época e que negociou em larga escala com a ilha de Cuba e o império do Brasil, a cujos escravos se destinava quasi toda a producção do xarque platino.

Como fosse o governo o senhor das portas de sahida e impedisse a prosperidade do negccio, cobrando em Buenos Aires taxas alfandegarias, Rosas abriu um porto para o *trust* e organisou frota mercante própria. Contrabando? Que lhe importava isso, "essa palavra"? Era, sim, a reacção, a resposta lógica e natural de um organismo que quer e precisa viver dada á inépcia de um governo fraco, incompreensivo e suffocante. Se a lavoura de S. Paulo encontrasse um Rosas que lhe abrisse um porto contrabandista por onde se escoassem as safras cafeeiras que pagam um absurdo, ineptissimo e imbecilissimo imposto de sahida (*taxa, castigo á mercadoria que sae a buscar o ouro de que o país precisa!...*), que beneficio enorme para a nação!

Esse assombroso movimento expansivo de Rosas processou-se de maneira tal que, quando o paiz despertou, o governo era elle; a lei, Sua vontade; o guia, sua previsão; a força, sua manopla de ferro; a ordem, "sua ordem". A' medida que crescia esta força nova o governo legal empallidecia e annullava-se. E' que o governe já o era *in-nomine*; o governo de facto já era Juan Manuel de Rosas.

Ao contrario dos outros chefes de estado, Rosas não procurou ser governo á força de intrigas e manhas. Fez-se governo naturalmente, sem imposição, sem revolução, sem conchavo de partidos ou de influencias familiares. Fez-se governo pela força irresistível da formidável irradiação da sua personalidade.

Todos sabemos o que foi o despotismo de Rosas e Tngenieros o repete na linguagem condemnatoria sobejamente conhecida. Elie o vê como reflexo da contra-revolução e mostra como agiu, odiosamente, pelas regras e como que de accordo com os reis-ultramontanos da Santa Alliança.

Parece-nos certo isto — na apparencia. No fundo ha que divergir. Rovas deu á restauração um cunho de que Fernando VII, Luiz XVIII e outros imbecis coroados, conduzidos pelo nariz por Metternich, não eram capazes. Longe e livre da influencia tremenda dos focos reaccionários, Papado e Santa Alliança, incapaz de obedecer a *mot-d'ordres*, elle plasmou a restauração por um molde seu, de sentido accentuadamente economico.

A revolução prejudicava os saladeiristas; a revolução era liberal; logo, o inimigo da ordem que os fazendeiros pediam era o liberalismo. Refreal-o por longos annos, violentamente, até



que os alicerces economicos da nação se consolidassem, se não foi estrictamente o seu programma, foi a resultante do seu despotismo. E outra não podia ser a politica de um estancieiro de gênio, que figurava á frente da cohorte estancieira argentina. Eoi, pois, o mais logico dos tyrannos e, confessemol-o, um tyranno genial! Os meios que inventou para comprimir a ideologia revolucionaria, nociva, "no momento", á economia da nação, foram odiosos, e ataram-no ao pelourinho da historia, mas é innegavel que foram engenhosíssimos e perfeitamente adequados aos fins.

Rosas orientou a criação da Sociedade Popular Restauradora, por meio da qual elle, como chefe supremo, "emittia opinião publica". Esta opinião apontava a dedo e marcava com um signal singelíssimo a todos os discolos que erguiam ou ameaçavam erguer a cabeça contra o regimen de "orden e patacones". A marca era simplesmente genial e abrangia tudo, supprimindo subtilezas e nuanças que complicam as situações e embaraçam a acção repressiva: "Morrám os selvajens unitários!" Em baixo, figurando de soberania popular, uma ralé executiva, a "Mazorca". Rosas, indicava o discolo, o embaraço, o tropeço, o inimigo, emfim, com um simples volver de olhos. A "opinião publica" o condemnava, marcando-o com o estigma fatal. A Mazorca intervinha então e eliminava o rebelde. Odioso, não ha duvida, mas efficacissimo e pratico. Sem esta invenção os *pronunciamentos* se succederiam e a industria da carne não conseguiria formar os alicerces sobre os quaes se ergue a grande Argentina de hoje.

Parece-nos que Ingenieros, tomado de nobre indignação contra a tyrannia theocratica de Rosas, não deu o devido apreço a este aspecto do phenomeno; como nos parece também que o sociologo futuro exculpará Rosas dos seus crimes dada a innegavel utilidade que delles resultou para a nação. Alem disso, se, no terreno material, a paz despótica apressou o advento da nação moderna, no moral contribuiu bastante para a tempera do character argentino. A atroz perseguição ao liberalismo lançou no exilio os seus mais nobres representantes e lá se temperaram elles de modo feliz, a jeito de, após á queda do tyranno, virem continuar a obra da revolução, num paiz já muito differente do primitivo, porque enriquecido, disciplinado á força e domado pelo freio terrível do formidável domador de homens. Dahi a facilidade com que, após pequenas oscillações, cahiu a nação argentina na magnifica estabilidade actual.

Os povos que nunca soffreram o açoite das tyrannias jámais adquirem plena consciência dos seus direitos e deveres. As liberdades publicas não de ser arrancadas e não recebidas por outorga.



No Brasil, muita falha do caracter nacional provém da ausência de tyrannos em sua vida politica. O 7 de Setembro, outorgado por um rei portuguez, foi um mal. Bem, e grande, seria se em vez de o recebermos de presente, cheios de surpresa, o tivéssemos conquistado de armas na mão, depois de longa e sangrenta lucta.

O despotismo de Rosas creou em Montividéo um centro de reacção que não esmoreceu nunca e acabou vencendo a tyrannia.

Ingenieros estuda a funcção social dessa pleiade fulgurante, os verdadeiros organizadores da Argentina moderna sob as bases unitarias que o maior unitário da Argentina, Juan Manuel de Rosas (que ironia!) lhes deixou.

Foram elles Echeverria, o poeta; Alberdi, o sociologo; Gutierrez, o historiador; Mitre, o grande soldado; Sarmiento, o educador; Lopez e tantos outros menores. Nelles o espirito da revolução permaneceu vivo, *ignis ardens*, e pelo soffrimento, pela paciência, pelas durezas todas do ostracismo se depurou e se sublimou para a victoria definitiva. "Na hora memorável de Caseros, convocados para constituir a nacionalidade sonhada no exilio, acudiram todos, com luzes novas, trazendo, cada qual á sua maneira, um raio de sol no cerebro. A proscricção foi a escola da Liberdade."

E Rosas o creador dessa escola. Se supprimiu elle as outras onde se ensinava a ler a cartilha, teve a gloria de crear a única que tempera e amadurece os grandes caracteres. Isto o ridime da metade dos seus crimes, pelo menos.





O CRIME INÚTIL

LUCILO VAREJAO

/"AUSOU-ME, na verdade, um grande pasmo o casamento do Benício ^ Gonzaga — aquelle incomensurável Benício de quem todos nós tão bem conheciamos as opiniões extravagantes sdbre o matrimonio.

Ainda tres annos atrás, em Paris, affirmára-nos elle certa noite, com a sua gordura immensa e o seu Immenso horror á virtude, que preferia de bom grado a mais tremenda das mortes á desgraça de vir um dia a ficar preso á graça de uma mulher honesta.

E embora, naquella occasiãot, o Benício tivesse na cabeça nada menos de tres garrafas de authenticico "Clicquot", embora o relógio marcasse tres horas da manhã ie num dos seus divans estivesse adormecida pela fadiga a mais bella das viciosas do Paris alegre, todos acreditávamos que realmente o Banicio falava com a mais admiravel das franquezas.

Ademais tinha elle já seus quarenta e quatro! annos, uma calvicie pronunciada, uma obesidade nada recommendavel além duma fortuna de quatro mil contos, que lhe permitiria todos os vícios capazes de fazerem-no esquecer as vantagens e o conforto do casamento, se elle um d:a chegasse na verdade a pensar nisso.

— Nem o Benício — ponderou o Julio de Xáu — com aquelle seu aspecto suino, e aquella sua idade, e sobretudo aquella sua dolorosa experiencia dá vida, adquirida no contacto diário com o vicio, seria capaz de se metter nessa tremenda aventura a que @e chama de casamento.

— ... a menos que — atalhou o Eliseu Claro, outro empedernido solteirão impenitente — a menos que se dispuzesse a fundar uma sociedade a tres...

Estiraçado numa cadeira, defronte de nós, Benigno, ainda de casaca, ria a bom rir dos nossos dislates. E não havia no seu vasto rosto raspado, uma só ruga indicadora de desgosto ou de tristeza.

No começo da primavera de 1914, regressámos todos ao Brasil. Éramos sete, brasileiros, e todos do norte.

Ainda me recordo daquella manhã tristonha em qu, na "gare" Saint Lazare, lançámos o ultimo olhar para a cidade que acordava. Havia já em tudo um ar de tristeza, como o presentimento da grande desgraça que em breve teria de acontecer. Ainda um instante permanecemos debruçados nos vagon, com os corações oppressos de saudade.

— Até quando, Paris? — gritou a Raul de Mello, unco herdeiro dum grande proprietário de usinas.

— Até para o anno — bradámos todos a uma voz.

Na "gare", ainda illuminada, as nossas ultimas conquistas choramingavam docemente. Um apito rouco, um estremeção repentino, e o coimboio foi deixando para traz a cidade onde acabáramos de commettir as maiores loucuras.

Ainda por alguns minutos olhámos no ceu cinzento, quasi apagado na névoa amethista, o perfil esguio da Torre Eiffel. E só. Tinhamos deixado Paris. Nos nossos corações, agora, só havia a saudade. Sentados todos num compartimento do vagon, não dizíamos uma palavra. Pensavamos, vendo escorrer através do crystal do vagão, a paizagem monotona e nua, nas seis intérminas horas de viagem em comboio, na trist'ezza do "Cherbourg" e no tédio do "Avon" que nos havia de recambiar á patria. Em Recife ainda outra tristeza. Dos sete viandantes apenas eu e o Benício ficaríamos na cidade. Raul de Mello retornava á sua Alagoas; Julio de Xáu subia para o Ceará. Os outros iriam ainda mais além — para o Pará e para Manãos.

E ainda de nós dois, emquanto Benício se reinstallaria no seu sumptuoso palacete em Olinda, onde, nois 'seus ocios de rico, ganharia novas forças para a volta projectada, eu continuaria em Recife, roendo os fundilhos numa pequena nepartição publica.

Mas a verdade era que não deixaria de visitar como sempre continuamente o Benício. Devia-lhe muitos obséquios, devia-lhe mesmo dinheiro e cada dia me recebia elle mais alegre, mais satisfeito, interessando-se pela minha saúde e pelo meu bem-estar.

Embora a nossa flagrante differença de idade — pois Benício era mais velho quinze annos do que eu, havia entre nós tantas affinidades de pensar e de sentir que, se fomos irmãos pelo sangue, não viveríamos em melhor harmonia. E lhes não quero negar que, apesar da gordura disforme do Benício, e da sua fealdade, ie mesmo da sua idade desigual da minha, sempre me pareceu que aque/la criatura tinha em si qualquer coisa que fascinava, que empolgava mesmo. Seu modo de falar e de andar, até o côrte das suas rompas, tudo nelle, para mim, era o alvo das minhas aspirações de rapazola pobre. Até suas idéas de celibatismo e que elle tão bem sabia defender, eu as ia aos poucos assimilando para fazel-as depois, diante dos meus amigos, passar por minhas.

Comtudo, uma manhã, fiquei estatelado, quasi em syneope.

Benício me fizera parar e pozera-me sobre a fragilidade do meu hombro, a sua gordanchuda manopla, para dizer-me simplesmente:

— Sabes que me vou casar?

A principio aquillo me pareceu tão fantastico, tão impossivel de se realizar, que sorri.

Mas logo o riso gelou-se-me nos lábios. Benício estava sério e pallido, com uma grande decisão nos olhos fulgentes:

— Nãoi rias, Jorge. Vou casar.

E como eu fizesse uma tremenda cara de espanto:

— Não te admires, meu caro. O homem nunca terá vontade «quanto a terra nunca existirá a mulher .iE como a mulher existirá sempre na terra, o homem nunca terá vontade.



Eu não dizia nada. Nem, aliás, cousa alguma poderia dizer, se o quizesse

Benício pegou-me pela mão e puxou-me:

— Anda cá.

Um minuto atravessamos tm silencio o longo corredor da casa e entrámos num salão ao fundo que era o bello salão em que o Benício sempre nós recebia nos dias de seu anniversario. Era uma peça imensa e sumptuosa. Ao longo de todas as paredes estendiam-se •enormes colchas da índia, dos mais bizzaros e imprevisos desenhos. Sobre riquíssimos contadores de páu preto, com ferragens, pesados candelabros de prata lavrada pareciam dormir allí uma paz de séculos.

Pelos oantos do salão, onde a luz mal penetrava pela única janella aberta, arcas negras, de ricas incrustações doiradas, lembravam esquifes em deposito. Um tapéte espessissimo abafava-nos os passos. Um cheiro de morte enchia o ambiente. Sempre sentira um grande aperto no coração todas as vezes, aliás bem poucas, em que fôra obrigado a entrar naquelle salão'. Era sempre nelle, naquelle «cenário propicio á meditação e á tristeza, que Benício mp falava dos seus antepassados e da influencia nefasta que a mulher exercera entre iodos elles. Allí mesmo, trinta annos antes, confessara-me elle certa vez, seu pai apunhalara a mulher, numa crise de ciúme. No salão contiguo — o da bibliotheca, seu tio, conego da Sié de Olinda, diante dos quinze mil volumes que lá estão, enforcára-se numa estante, para não renegar a crença por uma mulher.

E não parava ahi o martyrologio. Seu avô matara a mulher e se matára depois: dois irmãos de seu avô se haviam batido até á morte por um corpo branco> de mulher. E agora, a meio daquelles moveis •arves, Benício fazia-me a descripção do tremendo amôr que o empolgára :

•— Sinto-me perdido, meu caro Jorge, completamente perdido. Aquella creatura entrou-me por todos os sentidos entontecendo-me, maltratando-me. E embora saiba que não escaparei á negra fatalidade 4ue pesa sobre os meus, sinto que não posso esquecer a mulher a quem adoro e morrerei de desespero se não a possuir.

Assaltou-me o desejo de lhe perguntar o nome! delia. Benício não me deixou realizar o secreto intento. E proseguiu:

— Faz hoje quatro mezes quie os meus olhos se detiveram pela primeira vez no seu perfil. E inão exagero se< lhe disser que desde esse tempo' não posso dormir, não possoi comer, não tenho um instante de socego.

Fiz um grande esforço para perguntar-lhe a causa daquella inquietação. Não o amaria a rapariga?

Benício sorriu com desanimo.

— A outro teria o pudor de confessar as causas múltiplas desse meu desespero. A ti, não. E's o meu maior amigo. A rapariga por quem estou apaixonado, com quem hei de me casar se não endoidecerei, a quem hei de matar porque assim o quier a fatalidade, essa rapariga é bonita, é ardente, é mais moça vinte annos do que eu. Além disso foí noiva, meu amigo, noiva dum dos rapazes mais bellos da cidade — o Hemeterio Gonçalves. O que houve entre os dois ninguém o sabe. O certo é que o casamento se acabou de repente. E é isso o que sobretudo me desinquieta, me tortura...

— F. quem é essa rapariga? — perguntei alfim.

— Clara Rosal ! — repeti levantando-me sem querer.

— Sim, Clara Rosal — neaffirmou Benício tranquillamente e como que já conformado com aquella desgraça que lhe ia acontecer.



Deixei-me cair de novo no divan. Clara Rosal era então considerada a creatura mais feviana da cidade. Depois de ter arrastado após si a mais sedenta das theorias de admiradores, escolhera quatro ou cinco aos quaes, diziam, concedera todos os favores permittidos por uma rapariga solteira. Posteriormente fôra noiva de Hemerterio Gonçalves e o casamento também se desmanchára da noite para o dia, sem que ninguém soubesse o motivo da ruptura. E agora, á idéa de que iria ser o Benicio, o reparador de todos os prováveis desmandos da rapariga, enchia-me de piedade.

Ainda tentei demovel-o do triste intuito.

— Mas lembra-te de que és quasi um velho, e sobretudo gasto, doente... As tuas dez ou doze viagens a Paris, estragaram-te por toda a vida. As noitadas desarranjaram-te para sempre a saúde, o "champagnie" arruinou-te o estomagoi, o contacto diário com o amor venal', tornou-te um descrente do amor. Estás assim inutilizado para todos os efeitos.

— Mas por isso mesmo quero casar-me com Clara...

Não pude conter um riso de piedade.

— Ama-tie ella, ao menos? — insisti.

— Assim o parece.

E Benicio tirou do bolso de dentro do seu rico pijama de velludo, uma carta, entregando-m'a. Desdobrei o papel e li:

"Meu caro Senhor Benicio"

"Aceito a proposta que me faz, de ser sua esposa. Creio que se não arrependerá de me havkr escolhido. Preciso de me affeiçoar a alguém. Assim pôde vir pedir-me a mieu pae".

"Clara".

No papel levemente violeta, a lettra correra doce e finamente talhada. Um ingênuo perfume de rosa evolava-se delle.

Devolvi o papel ao Benicio, sem uma palavra. E assim ficámos um instante, cada qual voltado para dentro de si mesmo, a seguir não sei que trama exquisito do pensamento. Do alto das paredes, das suas molduras custosas, — todos os antepassados de Benicio pareciam olhar-me com rancor.

* * *

Uma manhã, quinze dias depois, o vasto palacete de Benicio, em Olinda, recebia pela primeira vez a graça amoral de Clara Rosal.

O casamento se effectuara logo ao amanhecter, no Recife, sem cerimonia, e em tres aitomoveis chegavamos agora, os mais íntimos, para o fautozo almoço que o noivo nos oifferencia.

Dos companheiros de pandegas do Benicio, somente eu comparecera. E isso foi motivo para que elle me dissesse:

— A tua presença aqui quer dizer que és o único amigo em quem confio e a quem permitto a liberdade de visitar-me como sempre.

Agradeçi commovido áquella defeTencia, mas já Tesolvido a não mais pôr os pés alli. De resto, somente a presença de Clara Rosal, era o sufficiente para perturbar-me. Jamais conhecera mulher entontecedora. As modas exageradas de que ella usava, apparecendo muita vez quasi nua dentro das mais bizarras e ricas sedas; o fulgor amortecido dos seus olhos pesados de volúpia; o contacto avelludado dos seus braços brancos, o perfume entontecedor do seu corpo, attraíam-me como o mais venenoso dos filtros mágicos.

Comtudo não me foi muito fácil realizar o que desejava. Se por um lado Clara me sagrara desde o primeiro dia o seu bom amigo, Benicio fazia questão absoluta de que o visitasse todos os dias, de que o ajudasse a "vigiar aquelle thesouro".

Mas, com franqueza, nem parecia necessaria tal vigilancia. A transformação de Clara, após o casamento, fôra das mais notáveis. Não mais saíra, não mais quizera receber. Só vivia para Benicio, a quem parecia cada dia querer mais e mais ardentemente.

E enquanto leste parecia nadar em jubilo, assaltava-me a suspeita de haver em tudo aquillo um alarmante mysterio. Teria o Benicio reparado o mal de outro, e aquella amisade de Clara por elle não seria então mais do que uma gratidão? Ou se pervertera o senso daquella rapariga, a ponto de, depois de ter amado um lindo rapaz, se dispuzesse assim a acceitar depois a um quasi velho, obeso, calvo e gasto?

De supposição em supposição, cada qual mais temeraria, andei eu muito tempo sem que pudesse encontrar uma solução satisfactoria. E cada vez mais a harmonia entre os dois parecia augmentar.

Passaram-se assim oito mezes. Passou-se um anno. Clara era a mesma flôr de belleza e de luxuria. Era tão grande a radiação de sua sensualidade que até os menores objectos dir-se-iam adquirir ao seu contacto o dom de fascinar.

No emtanto, uma manhã, entrando inesperadamente na bibliotheca, surpreendi-a a lêr um papel. Quando me viu dobrou-o rápido e escondeu-o no seio.

Por mais que tentasse, naquelle momento, disfarçar a surpresa que me tomou, não o consegui.

Ella 'também ficara de repente pallida, e mal tivera animo de estender-me a mão branca e gelada.

— Por aqui? I

— E' verdade. Vim ver o Benicio.

— O Benicio não está. Mas espere por elle.

Sentei-me. Não sei por que meu coração batia desordenadamente. Ella veio para mim, devagar, com uma ruga de tristeza na face branca. Estava com um kimono de seda lilás e sob o tecido molle e fino eu sentia o seu corpo palpitante e magnifico, num desejo de amor.

Diante da minha cadeira sentou-se e traçou a perna, numa alarmante desenvoltura.

— Sabe que amo muito o Benicio? — foi logo perguntando-me com um metal de voz que me pareceu cheio de fingimento.

Disse-lhe que sim, que sabia.

Ella sorriu.

— Mas por mais que calcule esse amor, nunca lhe poderá medir a extensão. Amo Benicio como se pode amar a alguém na vida.

Ahi fui eu quem sorriu— Ella fixou-me:

— Não ria. Digo a verdade. Por que o amo não sei, com franqueza Mas posso-lhe affirmar que o amo tanto que por elle seria capaz de commetter as maiores loucuras.

Estive para abrir a bocca e lhe dizer que não acreditava nas suas palavras. Mas na velha bibliotheca o velho relógio batia nove horas da manhã. Preferi levantar-me. E despedi-me. Ella trouxe-me á porta e ahi, lentamente, deu-me a beijar a mão.

— Então não quer esperar pelo Benicio?

— Vinha vel-o, somente. Ficaré a prosa para outra occasião.

E sahi. Mas na rua mil desencontrados pensamentos embatiam-se-me no cerebro. Por que tivera Clara tantos gestos delicados para commigo, a ponto de me vir trazer á porta? Mêdo de que eu chegasse a-



contar a Benicio que a encontrara na bibliotheca, a ler um papel? Desejo vicioso de me fazer também seu amante?

Não podia adivinhar. O certo, porém, era que Clara me parecia uma mulher perigosíssima. E em casa, já deitado, essa idéa, essa quasi certeza, não me deixou durante longas horas, conciliar a somno-

* » *

No outro dia voltei á casa do Benicio.

Encontrei-o como sempre, sorridente e feliz.

Conversámos tranquillamente, durante longo tempo. Como Clara não estivesse presente, relebrámos com saudades vários episodios interessantes das nossas pandegas em Paris.

— Vamos até lá, para o anno? — perguntou-me de repente Benicio, levantando os olhos para mim.

Com a minha rude franqueza confessei-lhe que não podia nem tão cedo, por difficuldades financeiras, retornar á Paris.

Benicio, paternalmente, pôz-me a mão no hombro.

— Mas se sou eu quem te convida...

— Queres então dizer — repisei — que farás por mim todas as despezas da viagem?

— Pois claro. Nem foi outro o meu intuito, ao te convidar.

Fiquei um instante confuso.

E Benicio proseguiu:

— Indo commigo a Paris, Jorge, faz'es-me até um favor. Um immenso favor. Ando num nervoso de que nem fazes idéa. E para ir sómente com Clara, temo que Paris me acabe de entediar.

— Mas, — porque? — quiz saber.

A testa de Benicio enrugou-se de repente. Lentamente accendeu o charuto que se apagara e começou:

— Creio não ser preciso te repetir, meu grande Jorge, que amo Clara como se pode amar alguém na vida— Quero-a com todo o furor diabolico dum avarento que levou annos a amealhar uma fortuna; e só me parece que a cada passo m'a querem tirar. Por mais que a possúa, que a sinta minha, só me parece que ella vai fugir, que ha alguém, na sombra, trabalhando para arrancar-m'a. Sei que isso, em parte, é excitação nervosa, é ciúme, é apprehensão infundada. Mas, que diabo, é uma cousa maior do que mim mesmo e que me domina.

Nesse momento uma lembrança terrível atravessou-me o cerebro: a do papel que na vespera eu vira Clara a ler, e que ella, tão presurosamente escomdera.

Senti um calafrio percorrer-me a espinha dorsal. Mas Benicio proseguia:

— Ademais, como já lhe disse, a Mulher na minha familia, tem sido sempre o elemento da desgraça dos homens. Um homem sequer dos meus antepassados não escapou a essa fatalidade.

Nesse ponto ordenava o meu coração que tentasse demonstrar ao Benicio a Inconsistência das suas convicções. Mas o seu ar era tão compungido que me faltou a coragem para arriscar qualquer pala«vra. Benicio continuou:

— Não fica ainda nisso. Cada desgraça é sempre annunciadora ao que vai soffrel-a, por um antepassado que já a soífreu.

Então não pude conter o riso:

—> Pois s'erá possível, Benicio, que tu acredites realmente inisso?

Benicio meneou com tristeza a cabeça.

— Não cações, meu caro Jorge. Não são fantasias do meu cerebro, essas cousas que te digo. Vês esses quadros que ahi estão?

E o SPU dedo, tremulo, apontava a vasta galeria de retratos que ricamente emmoldurados se 'enfileiravam por sobre as altas estantes de páu preto:

— Pois bem: no dia em que qualquer retrato desses desabar, posso escrever que Clara me vai trahir. Tem sido sempre assim. Não rias. E' uma verdade, uma allucinante verdade.

Embora tudo aquillo me desse apenas uma iimmensa vontade de rir, tive sinceramente pena de Benicio. Como seria possivel que aquelle rapaz, tão alegre, tão folgazão, tão estróina, se houvesse de repente transmudado naquelle homem cheio de superstições, de credices absurdas?

Assim pensando, mais por piedade, animei-o a ir a Paris. Cheguei mesmo a suggerir-lhe a idéa de partirmos logo naquelle mez apezar da guerra que continuava.

Benicio achou razoavel a minha lembrança.

Estava pallido, a vasta fronte aljofrada de suor. Animei-o. Fil-o sorrir. Mas pouco a pouco o pobre recaiu na mesma tristeza.

Por fim, depois de ter ido cautelosamente espiar se vinha alguém, tornou para mim.

— Jorge, sabis que te considero, meu amigo?

— E tudo farei para continuar a merecer a tua amizade — retruquei commovido.

— Pois bem. Dize-me com franqueza. Conheces Hemeterioi Gonçalves?

O diabo daquelle nome bateu-me em cheio como uma vergastada. Fechei os olhos, fingindo que rtmexia as idéas. Afinal fiz que me recordava. Ah! Era verdade. Conhecia-o. Era o tal que fôra noivo de Clara.

Benicio rangeu tristemente os dentes.

—i Pois bem, Jorge. Ha mais de um mez que este homem me passa todos os dias por aqui, por defronte da minha casa. Rara é a manhã em que, ao chegar á janella, o não veja. Será possivel que Clara...?

E não pode continuar, afastando o collarinho como se este estivesse a suffocal-o.

Acalmei-o com um gesto. E ajuntei:

— Oh! Benicio! Isso é uma supposição infame e que offende.

Mas Benicio não me attendia.

— E se fosse verdade? — bradava. Se fosse verdade? Porque Clara gostou do Hemcterio- Amou-o mesmo» E só <j deixou porque soube que elle tinha uma amante. Quem sabe? Talvez que até acceitasse casar commgo, para se vingar delle- E agora... agora...

— Mas não é possivel — ponderava eu mollemente, do outro lado da meza. Não é possivel.

E Benicio:

—»-Ora, se é. E'. E se não é, ha de ser. Tu verás. Tu verás. Clara não me ama. Nunca me amou- E' a eterna fatalidade que peza sobre a minha raça-

Mas de repente ficamos hirtos, espavoridos, os cabellos eriçados. O primeiro dos quadros, o do con.go, sinistramente doirado, começou a se agi.ar, rangindo, como sacudido por algum braço invisivel.

E de súbito despenhou-se sobre a estante, attingiu a ponta da meza junto a que estavamos sentados e foi espedaçar-se no chão.

Devagar a porta rangeu e aiguem appareceu. Era Clara.

* « *



D'ahi não pude, por mais que procurasse, convencer o Benício de que havia em tudo aquillo uma simples obra do Accaso.

Não me acreditou e até por fim mostrou-se zangado commigo, pedindo-me para não mais falar-lhe do assumpto. Mas desde esse instante tornou-se taciturno, com um ar evidente de quem se julgava impotente ante o que elle chamava a fatalidade que pesava sobre a sua gente.

E eu, pelo meu lado, fiquei também embaraçado em arranjar uma solução para o caso, solução que se me afigurava necessaria e immediata.

Cheguei a pensar em relatar tudo a Clara e pedir-lhe até explicações sobre aquelle mysterioso papel que a apanhara a ler.

Em ultimo caso, pensei, amedrontal-a-ia com a vingança a que o ciúme de Benicio, a poderia arrastar e pelo menos haveria de perceber pelo seu semblante, se ella era ou não merecedora das suspeitas do marido.

Por outro lado incitava Benicio a apressar a projectada viagem.

Elle agora, porém, recusava-se terminantemente a viajar. Uma vez chegou a dizer-me:

— Mas p'ra que diabo, afinal, servir-me-á viajar. Clara terá de me enganar. A prova já a tiveste. E tanto faz aqui como lá. Pelo menos acaba-se logo tudo e está prompto.

Esse "acaba-se" atterisou-me. Insisti:

— Mas que pretendes tu dizer com isso, meu amigo?

Benicio fixou-me:

Matal-os ambos e matar-me depois.

— Estás doido? — gritei-lhe.

— Doido, eu?! — contestou Benicio.

E soltou uma gargalhada de louco. Depois, com mais calma, voltou a falar:

— Olha, Jorge. De hoje em diante não saes mais d'aqui. Preciso da tua mão amiga.

Acceitei com desgosto o offercimento. E quando esperava que Clara reparasse naquelle capricho intempestivo do marido, pelo contrario ella achou muito justa aquella lembrança.

— Pelo menos — opinou — o marido se distrahiria mais.

E redobrou para elle de ternuras. Tinha doçuras maternas, carinhos de creança, de forma a já me convencer de que de facto o Benicio tinha apenas um esgotamento nervoso e Clara era na verdade uma creatura honesta.

Quiz o Accaso, porém, que uma manhã, abrindo logo ao acordar, a janella do meu quarto, que deitava para a rua, deparasse de repente com o Hemeterio plantado deante do palacete, a fazer signaes para a jamella do quarto de Clara.

Quasi caio, de cólera, de horror!

Qu? mulher infamei — conclui enojado, encostando discretamente o postigo.

É d'spuz-me ahi a preparar uma situação para o Benicio, obrigar-o a abandonar a mulher e convecel-o de que devíamos partir fosse lá para onde fosse.

Mas o Benicio, naquelles dias, andava evidentemente peor, de sorte que me pareceu azado adiar a conversa para mais longe. Todavia, uma manhã, consegui falar a Clara. Não me pude conter. A cólera que me veio de repente foi tamanha, que as primeiras palavras hegaram a sair-me dos lábios, trôpegas e confusas:

— Clara! Não é bonito o que v. faz.

— Não é bonito?



— Sim... Se não queria casar com Benício, não casasse. Ivas agora...

— Agora...?

— Agora... a aceitar de novo a corte do Hemeterio...

Ella não deu uma palavra. Dir-se-ia que a indignação por se ver descoberta, era tanta que lhe prendera a voz. E eu insisti:

— Sim... Ainda ante-hontem apanhei o Hemeterio a falar-lhe por acenos. Se o Benício soubesse disso seria capaz de matá-la. Não o leve á loucura. Tenha pena delle. Não avalia quanto elle a ama.

Mas não pude continuar. Clara chorava, de soluçar. Por fim limpou os olhos, alegrou o rosto com um sorriso forçado e sahio sem nada dizer.

Fiquei só. Mas sentia que das suas molduras, todos os antepassados de Benício acenavam gestos de desprezo por aquella pérfida creatura.

* * *

D'ahi a tres dias, uma noite no meu quarto, acabava eu de ler "Vie de Jesus" de "Renan", que pela manhã fôra buscar á bibliotheca. O relógio marcava meia noite menos dez minutos. Todo o palacete dormia. Apenas, fóra, no ervaçal do jardim, grillos cantavam docemente.

De repente ouvi como o baque de alguém que saltasse no jardim. Cheguei mesmo a perceber, depois, os passos cautelosos de alguém na areia. Levantei-me instinctivamente e fui como um automato até ao interruptor da luz que torci. Depois, tentei escutar. Nada. Silencio absoluto. Mas pouco a pouco pareceu-me ouvir de novo os passos de alguém, agora mais distinctos e menos cautelosos. Passaram por baixo das minhas janellas, afastaram-se para o lado da entrada. Dir-se-iam de alguém que conhecesse a casa. Então, assaltado de repente por uma suspeita terrivel, abri cautelosamente a porta e ia já transpor o corredor, quando notei que uma sombra branca como que escorregava com mil precauções em direcção á escada. Fiquei estatelado— O coração pulsava-me tanto que por vezes tive medo de que lhe ouvissem as pulsações. Mas lentamente fui acompanhando a sombra. Desci a escada atraz delia. Penetrei o saguão da entrada atraz delia. No fundo, encostada á vidraça da porta que ficara aberta, sem duvida adrede, outra sombra se desenhava e para quem a primeira sombra se encaminhou. Houve então um longo e repisado resmungar. Sobre o fundo vagamente illuminado, dir-se-ia que uma das sombras tentava por vezes fugir á outra. E o resmungar começava, inintelligivel e arrastado. Não posso descrever o que então senti, por que parara de raciocinar. Só um desejo me dominava quasi: gritar por Benício, fazer um escandalo. Mas isso seria matá-lo ou obrigá-lo, talvez, a fazer uma desgraça. E que fazer? Que solução achar para o caso? Pensava eu assim quando de súbito o interruptor da luz estalou, o saguão illuminou-se e dois estampidos se ouviram, tão seguidos que se juraria não terem sido despedidos pela mesma arma.

Um grande grito, a queda de um corpo, e vi que Benício, atraz de mim, parecia um louco— Adeante dois corpos estavam no chão estendidos. E só. Nada mais posso dizer porque me não recordo do que depois se passou. Lembro-me, apenas, vagamente, que ainda caminhei para Benício e lhe tomei o revolver. Mas isso sem uma palavra. Nem minha. Nem delle.

* « *



No outro dia os grandes diários do Recife relatavam pormenorizadamente o facto- E não quero inem devo negar que fui eu quem atirou á Clara, os adjectivos mais hediondas. Pena era, cheguei a adiantar, que o outro tiro não tivesse attingido como o primeiro attingira seu amante — em pleno coração- A desgraçada apenas recebera uma ferida no braço e desmaiara.

Na mesma noite do crime, Benício se entregára á prisão. Clara fôra para casa de seus paes. E eu, por minha vez, recolhi-me sob a mais funda e dolorosa das impressões. Estava exgottado, quasi morto.

Comtudo, ainda na manhã seguinte, logo cedo, tive de ir visitar o Benicio. O desgraçado estava como um trapo, mas amparado pela convicção intima de que cumprira com o seu dever de marido ultrajado. Nem outra cousa diziam os jornaes- E até eu proprio, embora sempre me houvesse parecido, repugnante uma solução tão violenta, sentia que Benício tinha a desculpa-o um punhado de ponderosas atenuantes.

Aliás, seus advogados, dois dos mais reputados da cidade, já desbravavam a estrada salvatoria por onde teriam de empurral-o para a rua — a dirimente da privação dos sentidos. E assim, depois da tempestade em que tantos dias nos debateramos, vinha a bonança farta e promissora de compensadoras calmas.

Uma manhã, quasi tres mezes depois da negra tragedia, marcou-se o julgamento de Benicio. E nesse tmsrno dia, já de tarde, ao reentrar em casa, encontrei Clara á minha espera.

Não pude conter a indignação que me assaltou:

— A senhora, aqui?!

Ella olhon-me com humildade, os olhos razos d'agua. E depois:

— Sim, eu- Admira-se?

— Pois é claro que sim.

E ella, com uma alarmente tranquillidade:

— Procurei-o de preferencia por que sei que é o maior dos meus inimigos. Não nêgue. E'. A maior parte daquellas informações fornecidas aos jornaes, foram dadas pelo senhor. Sei que foi- E por isso mesmo aqui estou para provar-lhe quanto foi injusto a meu respeito.

Eu fazia mil esforços para me conter e não ceder ao impeto de expulsal-a.

Ella, no emtanto, abria a bolsinha de ouro, tirava um maço de cartas, atado por uma fita rósea.

E antes de desnastrar o laço:

— Não lhe preciso dizer, porque já sab-, que fui inoiva de Hemeterio Gonçalves. Quêro-lhe confessar apenas, porque não sabe, que amei liem. terio como alguém amoit na vida. E não lhe devo negar que na convicção de só a elle pertencer concedi-lhe toda a sorte de levandades. Por estas cartas que aqui estão e que foram todas quantas lhe escrevi, durante o nosso noivado, verá o sr. que fiz por elle as maior, s loucuras. Qualquer delias, não lhe quero esconder, é uma tremenda prova accusatoria. á m nha, dignidade de mulher. Quasi todos dizem os beijos que dei no Hemeterio, e todas as outras fraquezas" a qu., na exaltação do amor que lhe tinha, cheguei a descer. Mas desde o dia em que tive a prova de que Hemeterio guardava comsigo uma outra mulher, tudo que em mim era amor por elle, transmudou-se de súbito em odio e em nojo. Aborreci-o, detestei-o com a mesma vertigem com que o amaria. Foi quando então Benicio appareceu e eu o accitei prompta a amal-o e a ser-lhe fiel, como semre he fui. Mas Hemeterio fôra quem se não conformara com o meu casamento. E como possuia estas cartas planeou com ellas des-





ANGELO CANTÙ — Retrato da Princesa Isabel





truir a minha felicidade. Certo dia escreveu-me dizendo-me que as ia entregar ao Benicio. Inutilmente procurei o Hemeterio, inutilmente tentei, por cartas, convencil-o da baixaza dessa sua decisão. Tudo sem proveito. Em fim, certo dia, recebia uma carta sua marcando-me uma entrevista onde, dizia elle, eu receberia as minhas cartas. Fui. Mas o infame, depois de mostrar-m'as, exigiu cousas que a minha dignidade de mulher honesta para logo repelliu. Voltei como louca. E se contasse tudo a Benicio? — pensei. Mas logo reflecti. Benicio tinha de mim um ciúme tremendo. Não me perdoaria aquellas levandades a que eu descera. Vivi nessa agonia um anno inteiro. Diariamente escrevia ao Hemeterio, implorando-lhe as cartas. E afinal, no dia em que elle se resolveu a vir entregar-m'as, Benicio nos apanhou e deu-se a desgraça.

Emquanto dizia estas ultimas palavras, a desgraçada tirara da bolsa outro maço de cartas.

— Estas — disse-me ella — são as cartas que depois do meu casamento Hemeterio me escreveu.

E enquanto desdobrava uma delias:

— Para provar a minha innocencia, se o quizesse, bastaria apresentar esta carta, escripta na própria manhã do dia em que se deu o crime. Tenha a bondade de lê-l-as. Olhei o papel. Lá estava:

"Clara"

Já me convenci de que nada poderei obter de ti. E's bôa, és pura, és santa e só agora, desgraçadamente, cheguei a reconhecer em ti a grandeza desses sentimentos. Hoje ás onze e meia irei levantar as cartas. Deixa aberta a grade do saguão. Quero ainda uma vez sentir te junto a mim antes de te perder para sempre.

Hemeterio "

Por baixo da assignatura estava a data bem clara, sem offerecer duvida.

— Eu poderia — proseguiu ella quando lhe entreguei a carta —, se quizesse gritar bem alto a minha innocencia, provar que Bnicio matou levianamente, malvadamente. Mas isso importaria precisamente na sua condemnação. E' preciso que eu continue a ser, aos olhos de toda a gente, a mulher perjura, a mulher que enganou, por que só assim, o jury absolverá meu marido. E ainda mesmo depois de sua absolvição é preciso que eu continue a ser a mesma traidora para que elle não venha a morrer de remorsos pelo acto que impensadamente praticou.

E duas lagrimas desceram-lhe docemente pela face.

Lentamente, eu que ainda conservára na cabeça o meu chapéu, descobri-me sem uma palavra.

E humildemente, cheio de remorsos, varado de dôr, de agonia, de desespero, beijei-lhe a fimbria do vestido de gaze negra.

* * *

Benicio, no entanto ignorou sempre este incidente. Antes de sahir Cbra me fizera ainda jurar que nada diria a elle de tudo isso. E assim cumpri a risca a promessa que lhe fizera.

Um mez depois, Benicio estava em liberdade.

O jury pozera-o na rua por unanimidade de votos. Fui buscal-o á Penitenciaría e recordo-me ainda dos novos planos de vida que elle



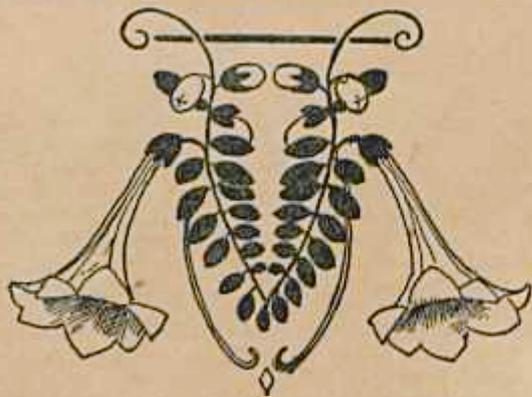
me traçou, em voz alta, enquanto o automovel nos reconduzia á casa que, para nosso provisorio abrigo, eu fizera preparar na Magdalena.

— Agora parto p'ra Europa e para sempre. Nem espero que a guerra termine. Vou assim mesmo. Aquella mulher tornou-me isto aqui insupportavel.

Houve um silencio. O auto corria célere, devorando a distancia. Pelos vidros do "landaulet" eu via escorrer a paizagem docemente illuminada pela luz do entardecer.

E sem querer, comparava mentalmente aquelle egoista a quem a liberdade quasi já restituirá á antiga felicidade, desconfiado, orgulhoso, inútil, sem duvida esquecido do crime que praticára, e aquella Clara tão sincera, tão honesta, tão injustamente maltratada no seu pudor de mulher.

E senti a inutilidade do meu esforço em tentar unir de novo aquellas duas almas tão diversas uma da outra como a luz da treva, como o passaro gazil, airoso ma sua plumagem e o reptil ignóbil que em baixo se preparasse para apanhal'-o...





OS DOIS BRASIS

V. COARACY

A independência dos países da América veio trazer ao mundo um novo fenómeno — a formação intensiva das nacionalidades. Não é talvez bem claro o pensamento, assim comprimido na synthese de tres palavras rapidas e pôde ter cabimento que se procure desenvolvê-lo.

Os povos do velho mundo se formaram por uma longa evolução secular, verdadeiro processo de sedimentação em que camadas sobre outras camadas sobrepostas foram assentando, precipitando-se ao fundo da agua-mãe constituida pelas condições mesologicas do *habitat*, cementando-se as inferiores e destas aspirando, por uma especie de capilaridade social, os elementos, menos densos que pelos intersticios e porosidades da nova massa se infiltraram, persuadindo-a. Assim se formaram esses agglomerados de apparencia homogenea que constituem as nacionalidades europeas. São do typo dos concretos hydraulicos, ou, para usar um simile geologico, têm os característicos das formações neptunicas.

Com os povos -americanos já o mesmo não succedeu. Entrando para a vida autonoma quando a civilização do Velho Mundo attingia já um estádio resultante de séculos de evolução, receberam-na completa, feita, sem ter passado pelos longos e demorados processos de construcção. E com ella receberam o núcleo ethnico, da metropole primitiva, em torno do qual haviam de formar as respectivas nacionalidades. Esse núcleo, porém, era — si apenas quizermos considerar-lhe a quantidade, deixando para outra hora o estudo da quantidade — reduzidíssimo em numero, ante a vastidão e potencialidade dos territorios que couberam ás novas nações. Logo de inicio, attrahidos pelas oportunidades e liberdade que os novos países offerenciam, accorreram forasteiros de espirito aventureiro a adicionar-se áquelle núcleo; ou, em certos



casos — e é o dos portuguezes no Brasil — a corrente immigra-
toria permaneceu, em obediencia á lei natural de inércia, como a
continuação do movimento iniciado nos tempos coloniaes. Mais-
tarde abriram-se os olhos dos governos americanos á verdade
cbvia de que para valorizar a riqueza natural dos paizes recentes,,
para crear recursos economicos sem os quaes a independencia.
não passaria de simples formula politica, necessário se fazia
adensar a população dos amplissimos territorios do novo mundo,
pois não seria difficil a um economista descobrir, com a facilidade
com que taes descobertas se fazem, um indice para a riqueza
nacional no coefficiente de população do respectivo paiz. Por
todos os processos compatíveis com as circumstancias varias do
momento comecaram aquelles governos a estimular a corrente
immigratoria, a creal-a quando não existisse, a derivar para ellas-
filões das mais heterogeneas nascentes.

Ahi se origina a formação intensiva das nacionalidades, a que
atraz me referia.

Esse phenomeno, cuja phase mais intensa é aquella talvez,
pela qual estamos passando na hora presente, caracteriza-se por
oposição ao processo acima descripto a proposito dos povos
europeus. Não é mais a sedimentação vagarosa e continua pela.
qual se constituram aquellas nacionalidades; é uma verdadeira
ebulição violenta, não raro perturbada pela adducção de ele-
mentos novos. Cada um dos povos americanos é, no momento
actual, um legitimo cadinho de fusão em que se caldeiam os
mais hetorogeneos materiaes ethnicos para a formação duma
raça. Da diversidade dos elementos derivam naturalmente os
riscos proprios a todas as fusões desta especie: a assimilação
incompleta, os enkystamentos, as extractificações, falhas e "bol-
sas", trazendo como consequência fir.al a imperfeita homoge-
neidade da liga resultante e as suas deficiências quanto á unifor-
midade e generalização das qualidades.

Si se quizer proseguir com o simile geologico de ainda ha
pouco, dir-se-á que se trata aqui duma formação plutonica, com
a sua violência característica e as originalidades imprevistas das-
suas erosões dendrimorphicas.

Este o processo geral que se desenvolve na America. Mas-
soffre, necessariamente, as influencias locaes das condições cli-
matéricas, históricas e sociaes dos diversos ambientes, a trazer-
lhe modificações na marcha. Ainda é o mesmo processo, como
todas as fusões igneas, caracterizado por uma successão de pha-
ses diferenciadas. Não se acham todos os povos americanos no
mesmo estádio do phenomeno. Certos paizes, como os Estados
Unidos, já estão constituídos com características próprias, for-
mando nacionalidades definidas. Outros estão em verdadeiro



período de elaboração; são substancia social em ebulição, ainda sem ter assentado o typo ethnico final, a ultima expressão da raça.

Naquelle caso o problema, ante as correntes immigratorias. é de assimilação e absorpção. Na segunda hypothese, que é a do Brasil, é ainda necessaria uma fusão completa para constituir um material homogeneo e continuo.

Para não redizer a mesma cousa por outras palavras, aqui repito a que, já em 1917, escrevia:

"Si o problema é dos mais sérios — como prova o caso dos *americanos de segunda classe* — na hypothese dos Estados Unidos com as suas características definitivamente traçadas, a sua civilização já em pleno período febril; fácil é ver quanto mais importante não será no caso de nacionalidades que ainda não attingiram aquelle ponto de evolução.

"Paizes como o nosso são officinas em que se está fabricando uma nacionalidade. E o mais solido fundamento desta é a homogeneidade da raça, o que só pôde ser obtido pela inteira, absoluta fusão dos elementos constituintes, dos componentes immigratorios. Tal fusão ha de ser completa, ha de se fazer por todos os aspectos, atacando simultaneamente todos os pontos de radiação: hábitos, idiomas, direitos e deveres, distribuição topographica, tendencias psychologicas, orientação mental... Falhas na constituição duma liga só podem conduzir á formação de núcleos diversificados evoluindo no futuro para diferenciações ethnicas que nas occasiões de crises nacionaes podem dar oportunidade a collisões violentas.

"A questão é complexa. Não houve povo ainda que a resolvesse. Nenhuma nacionalidade ha com maior poder de absorpção do que os Estados Unidos. Desde que o individuo põe pé em terras de lá, o "americanismo" assalta-o por todos os lados, envolve-o, afoga-o, invade-o numa osmose energica, delle se apodera e absorve-o. Entretanto, ainda sob taes condições, o problema não deixa lá de existir. Aqui, onde a potencia de absorpção permanece em estado latente, a gestão pôde dum dia para outro assumir character de emergencia grave".

Foram essas linhas escriptas no Rio Grande do Sul e referiam-se a uma questão local, a nucleação dos immigrantes. Applicam-se, porém, a todo o Brasil Austral. Com effeito, do centro para o sul a injeção de elementos alienos tem sido feita em zonas ou faixas que podem ser claramente demarcadas sobre a carra, com limites definidos e esporadicas insulações duma zona dentro do âmbito doutra.

Assim temos, já formadas, a zona italiana, — a zona polaca, a zona allemã e agora S. Paulo prepara-se para nos dotar com mais este horror que será a zona amarella, pela constituição dos nu-



cleos de colonização japoneza. Talvez ainda um dia Matto Grosso nos presenteie com a zona negra, aumentando a polychromia da nossa carta ethnographica pela importação de elemento tão indesejável quanto o nippão: o negro norte-americano.

Esta é, porém, a questão localizada no Brasil do Sul. Si olharmos o Norte, veremos que acolá o processo ethnogenico em desenvolvimento é inteiramente diverso e aproxima-se mais do padrão europeu, na sua lenta sedimentação.

A causticidade do clima tropical, a asperidade exigente das industrias extractivas em processos rudimentares, o nomadismo necessário da existencia, a inferioridade economica sobre o Sul, são todos elementos que se integram para de lá desviar o immigrante. Isolado, o Norte vae lentamente, com os recursos proprios e parcos, desenvolvendo a sua economia, em luca com a hispidez ingrata da natureza inclemente.

Os processos ethnogenicos são antagonicos: ao Sul, o cruzamento; ao Norte, a selecção.

De tal estado de cousas é fácil ver-se a consequência: a evolução para o futuro, dentro do paiz, de duas correntes divergentes, tendendo a formar typos raciaes diversos, duas caracterizações diferentes de nacionalidade, sob a unidade politica. Já diversidades múltiplas são manifestas e patentes, do physico do homem ás tendencias do seu espirito, á lingua que fala.

Em qualquer assembléa de biasileiros evidencia-se a distincção entre nortistas e homens do Sul. Aquelles, sob a influencia dos factores climatéricos, pelo entrecruzamento em longas gerações, pela porcentagem sensível de sangue tapuya, pela falta de injecções frequentes do elemento europeu recente, têm creado um typo peculiar, de aspecto physico característico. Si começam a falar, a differença ainda mais se affirma e impõe, não limitada apenas ao timbre e accento da pronuncia e á phonetica das vogaes, mas incidindo sobre o proprio vocabulario, alma e cerne da lingua. Na linguagem escripta, essa differença não existe ainda; mas quem poderá prever si, com as tendencias regionalistas que andam agora de feição na literatura brasileira, a própria lingua impressa não virá a reflectir essas divergências e anomalias despa relhadas?

E' este um problema que não pôde deixar de se impôr á attenção e estudo de quantos se interessem pelo futuro da nossa terra e da nossa nacionalidade.

Esse problema, sob o influxo das diversidades mesologicas, já começou a se esboçar no nosso breve regimen feudal, no tempo das capitánias. Talvez um lúcido momento de previsão, uma súbita intuição politica fosse a causa que levou a metrópole portugueza a, uma e outra vez, dividir a colonia em dous gover-



nos geraes, com as respectivas sedes naturalmente indicadas na Bahia e no Rio de Janeiro, a capital do Norte e a capital do Sul.

Após a independencia, sob o regimen imperial de centralização, a divergencia das duas directrizes não se tornou tão manifesta quanto agora nos apparece, com os seus processos plenamente definidos, posta em evidencia pela forma federativa da nossa presente organização politica.

Qual o hyphen de xiphopagia que durante estes quatro séculos e mais tem mantido unidos o Norte e o Sul? Até ha pouco julgava eu que apenas o tenue cordão da unidade politica e histórica. Corrigiu-me desse erro o dr. Vicente Licínio Cardoso a quem eu o expunha quando o distincto engenheiro patricio regressava de longa viagem de estudos pelos sertões do Norte. E tão clara é a sua indicação que não resisto ao desejo daqui transcrever, *data vénia*, o ponto essencial da carta delle recebida sobre o assumpto.

"O que V. disse a respeito do *processo de selecção* ao Norte e do *processo de cruzamento* ao Sul define perfeitamente o phenomeno da formação da nacionalidade em suas linhas geraes. Si tivéssemos conversado longamente sobre o assumpto, não estaríamos em accôrdo mais perfeito. A respeito, porém, do cordão umbelical da politica secular que V. viu como elemento básico da união dos "dois irmãos siamezes", apresso-me em indicar a V. o fructo máximo colhido de minhas observações no Norte. O grande cordão de ligação entre as terras e gentes do Norte e do Sul foi o *Valle do S. Francisco*. Essa a base concreta da ligação completada então, na esphera administrativa, pela união politica a que V. se referiu.

"Hoje estou de facto convencido de que sem esse caminho interior teria sido impossivel a manutenção do todo em sua unidade. Pelo rio desceram paulistas e mineiros que se fixaram nos sertões bahianos; por elle subiram, em épocas differentes, os missionários catechizadores (encontrei templos franciscanos e jesuítas em todas as povoações a beira-rio) fixando o gentio, e os bahianos que acossados pelas seccas vieram se fixar no sul. Por tudo isso, nesse grande papel de *vehiculador de população*, a importancia histórica do rio S. Francisco é bem maior do que a tem feito acreditar os nossos historiadores. Lembro-me que João Ribeiro tocou nesse assumpto, mas muito mais teria dito sobre elle si tivesse executado a viagem que em boa hora emprehendi. Euclýdes da Cunha voltou de Canudos pelo rio, mas vinha de tal forma preocupado com a campanha que não pode comprehender com visão mais larga o grande papel historico desempenhado pelo vale nos séculos XVII e XVIII".

Ahi está, em poucas linhas mas de forma positiva, apontado o laço concreto que ligados manteve o Norte e o Sul no período



que precedeu a independência, período que foi o do descobrimento do nosso interior, a devassa aos sertões, prolongamento logico, natural e lento por força, da época dos descobrimentos do littoral.

Foram os séculos XVII e XVIII aquelles em que bandeiras de paulistas e de emboavas e expedições de missionários e garimpeiros foram explorando a terra, demarcando-a, fixando referencias nas largas vastidões desconhecidas. Um roteiro commum, a facilitar as migrações alternativas, a servir de extensa base de operações para as ousadas investidas pelos sertões bravios, a ser elemento de primordial importancia no nomadismo fatal dos tempos de desbravamento da terra, tinha necessariamente de se tornar laço fortíssimo de unidade, mantendo cohesa a nacionalidade incipiente, quando cohesos não se puderam conservar os domínios vizinhos de Hespanha. Soube-o ver com larga visão o dr. Vicente Cardoso ao percorrer o valle que com tanta felicidade qualifica de "vehiculador de populações". Ignoram-no quasi todos os nossos historiadores (x) porque absortos no clangor bellico das guerras, luctas e revoltas do littoral ainda não aprofundaram pormenorizadamente a heróica epopéa silenciosa da conquista dos sertões.

Hoje, porém, já se não faz ao longo do extenso valle, rio abaixo e rio acima, o mesmo intenso transito de antanho. Outras vias de penetração, ligando directamente o littoral ao interior, têm dispensado essa base de operações. O estabelecimento de núcleos de povoação, os interesses commerciaes, as facilidades de intercambio impuzeram novos roteiros, formaram canaes definidos de vehiculação. Já, em relação ás densidades de população ao Norte e ao Sul, não é o trafego ao longo do S. Francisco de intensidade sufficiente para constituir o "laço concreto" a manter unidos os irmãos siamezes. Hoje apenas o atilho politico e administrativo e, mais o que isto talvez, o interesse economico conservam a apparencia de unidade que encobre a formação progressiva de dois Brazis diferentes e divergentes.

Para onde tenderá, com o correr dos annos, essa divergencia que já se vae traduzindo na animosidade dos bairrismos e se manifesta na indiferença com que uns aos outros nos ignorámos, brasileiros do Norte e do Sul?

Será possível paralyzar a dissolução progressiva, reestabelecer a unidade, conservar a solidariedade nacional, mantendo a integridade da grande Patria? Ou é fatal a dissociação e a formação futura de duas nacionalidades distinctas, acelerado o movimento centrifugo no momento em que, firmada a autonomia

(1) Que eu saiba, apenas João Ribeiro e Capisbrano de Abreu sentiram a importancia histórica do S. Francisco.

•economica do Norte, este não mais estiver como agora na dependencia financeira do Sul?

A essas interrogações responderão talvez que, activando o intercambio entre os dois Brasis, tenderão a desaparecer as causas de divergencia. E que esse intercambio, não apenas de productos, mas de idéas, de interesses e si possivel de populações só poderá ser estimulado pelas vias de communicação. Não faltará quem veja, com meridional optimo, na estrada de ferro de Pirapora a fielém a solução completa e radical do problema. Ora, essa estrada, além dum erro technico e muito provavelmente também um erro economico, não virá de forma alguma resolver a questão social e politica que o futuro nos reserva.

Uma via de communicação não constitue laço de unidade sinão emquanto serve á interpenetração das populações e esta cessou desde que os povoadores se tornaram sedentários, não mais existente por dispensável o nomadismo da época do desbravamente e conquista. Via de communicação é o valle de S. Francisco e si mais não serve á vehiculação é que a necessidade desta desapareceu. Não vae a substituição da estrada fluvial franca e economica por uma via ferrea difficil e dispendiosa fazer resurgir uma necessidade morta. Via de communicação é a navegação costeira, franca, barata e regular, e entretanto não serve para manter entre as populações do proprio littoral mais do que o mero contacto commercial.

Fcrrmutar-se-ão mais intensamente os productos; seja. Estabelecer-se-á talvez um mais intimo conhecimento ou contacto entre as duas nacionalidades; admittamos. Mas nem a troca de producções, nem o mais frequente contacto poderão modificar as caracterisações que já se firmaram, torcer as directrizes centrifugas já accentuadas.

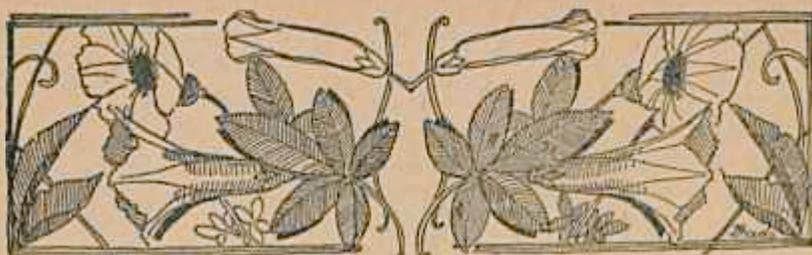
A maior facilidade de communicações não resolve a questão.

Tentar introduzir no Norte os processos ethnogemcos que vão formando o Sul, por uma serie de injeccões intensas de elementos transatlanticos, é pueril suggeril-o. As condições mesologicas repudiam o immigrante europeu; quando fosse possivel radical-ó, modificações profundas do individuo se fariam manifestas ao termo de poucas gerações.

Estamos em face do accidente dum territorio que se estende por trinta e nove grãos de latitude. Encaremos de frente as consequências dessa fatalidade geographica e adaptemo-nos a ellas. Vamo? a caminho da desintegração.

O segundo centenário da Independencia será commemorado por dois Brazis distinctos , profundamente differenciados, talvez ainda unidos por um laço politico que provavelmente será muito diverso daquelle que ora nos une.





VELHINHA RENDEIRA

JAYME D'ALTAVILLA

*Sentada á porta, encarquilhada,
Com as mãos esguias de faquir,
Branca velhinha na almofada
Emmalha a renda, socegada,
Sem se cançar, sem se affligir.*

*E a renda que possui a alvura
Dos seus cabellos de algodão,
Tem tal finissima urdidura
Que lembra a esgalga contextura
De um arabesco do Japão.*

*Passam a rir, ao sol do estio,
As raparigas do logar,
Mas a velhinha, com o seu fio,
Ouve dos bilros o cicio.
Entre os seus dedos, a bailar.*

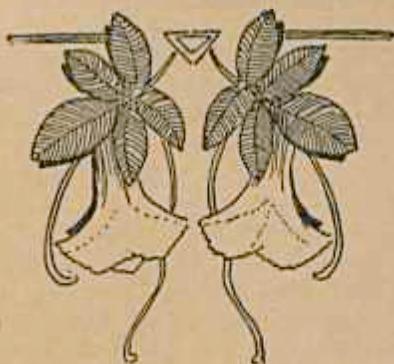
*Os bilros falam do passado
E ella os ouvindo, muita vez,
Esquece a trama do bordado
E ri do logro inesperado
Que o alfinete assim lhe fes.*

Já foi feliz, já teve um dia
Uma illusão, um doce amor.
Hoje no olhar tem cinza fria
E si ainda vive é de alegria
De os fios alvos justapor.

Tropeiros vão de estrada afóra
Cantando, á luz canicular.
E olhando a longa estrada, agora,
Pensa a velhinha em breve na hora
De a vida e a renda terminar.

E assim paciente, bôa e pura,
Com os seus cabellos de algodão,
A meiga e candida creatura
Bemdiz a Deus pela ventura
De ter nos bilros a ambição.

Como a velhinha sem vaidade,
Quando eu um dia envelhecer,
Rememorando a mocidade,
A renda branca da saudade
Nos versos meus hei de tecer.





A PHILOSOPHIA NATURAL DO DR. VON IHERING

RODOLPHO VON IHERING

APÓS 50 annos de estudos, todos elles consagrados á elucidação de problemas de historia natural, o dr. H. von Ihering resolveu tornar publicas as idéas basicas que o orientam no modo de encarar a essência das cousas: "Phylogemia e Systema dois Molluscos" é o titulo de sua ultima obra, publicada nos Archivos fuer Molluskenkunde (Frankfurt, 1922) e as ultimas paginas, no capitulo "Considerações finaes de philosophia natural" encerram o crédo philosophico do auctor.

Zoologo de reputação mundial, as suas palavras merecem, além disto, ser ouvidas, porque accrescem duas circumstancias sobre-modo favoraveis para o desenvolvimento de idéas livres de peias e preconceitos. Em primeiro lugar gozou o dr. Ihering de uma iniciação académica perfeita, cursando duas faculdades, de sciencias naturaes e de medicina, com a vantagem, para suas relações com os mestres, de ser filho de collega illustre, de forma a ser discipulo a quem eram dispensadas todas as regalias nos laboratórios de Leukart, Virchow e outros professores celebres — mas logo após, fixando residencia no Brasil, viu-se afastado da influencia directa das escolas em lucta e assim mais facilmente o seu espirito tomou rumo independente. Em segundo lugar, o Brasil lhe proporcionava um campo de estudo muito diverso do de seus collegas europeus: lá não ha naturalistas propriamente ditos, senão zoologos ou botânicos especialistas, cujas investigações, aprofundadas até o fim da vida, se resentem da estreiteza dos limites



impostos pela especialização. O naturalista no Brasil, ao contrario, não pôde especializar-se e, queira ou não, sua atenção é solici- tada por um sem numero de problemas, que o levam de um ex- tremo ao outro de toda a escala zoologica e ainda a botanica, a mineralogia e geologia se lhe vão tornando familiares.

E claro está que melhor se observa a natureza, prestando atten- ção também ás suas múltiplas manifestações, do que restringindo a experiencia scientifica a um único campo limitado.

Ha ainda uma outra circumstancia igualmente favoravel ao desenvolvimento independente das idéas philosophicas: durante os seus 50 annos de investigações e nas centenas de folhetos e livros, que publicou, o dr. Ihering nunca se externou claramente no que concerne sua orientação philosophica. Eu mesmo, apesar de ter sido por elle iniciado em zoologia e na dupla convivência intima, de filho e assistente no Museu durante 15 annos, não me posso dizer seu discipulo em philosophia. Mesmo cercando o mestre- com a liberdade de filho e a imprudência de moço, eu não con- seguia arrancar-lhe as palavras que definissem claramente a sua posição como philosopho — e se assim procedia para com o filho, muito mais reservado era para com outros e ao escrever. Bem mais fácil me foi ouvir os mestres das universidades allemãs, os quaes, como Haeckel, com todo enthusiasmo de chefes de escola., avançavam suas idéas e as defendiam com todas as armas.

Não que fosse timorato e que não soubesse defender com cora- gem os pontos de vista de que estava convencido — basta men- cionar a prolongada correspondência com Ameghino (o notável cientista do Museo Nacional de Buenos Aires), enormes epistolas que iam e vinham com cerrada argumentação sobre as edades das formações terciarias da Argentina; ou a trabalhosa reunião Je documentos com que ainda neste mesmo estudo, ao qual aqui nos referimos, sustenta os seus assertos sobre a phylogenia dos Mol- luscus. Neste particular é interessante observar que esse trabalho assenta quasi todo elle sobre investigações realizadas já em 1876- a 1880 e agora, tendo recapitulado a respectiva literatura na Sta- zione Zoologica de Nápoles, e vendo que as suas exposições sobre a seriação natural do desenvolvimento dos molluscos encontravam, ainda obstáculos para serem acceitas, aos 72 annos não lhe faltou coragem para emprehender a nova revisão de todo o estudo e reaffirmar as suas convicções. E com o mesmo desassombro com que refuta as opiniões contrarias que lhe parecem erradas, con- fessa os proprios erros, acceitando as modificações impostas pela forca dos argumentos.

Mas é justamente ahi que vemos o dr. Ihering trabalhando á sua. vontade, em seu elemento, pois nessas discussões pôde elle invocar os dados que resultaram das suas pesquisas, precisar os factos que:



observou, esmiuçar os detalhes e depois confrontar e tirar suas conclusões de accordo com os resultados do exame.

* * *

Passemos agora a resumir o capitulo do estudo em questão. Não daremos uma simples traducção, porque o auctor fala principalmente aos leitores da revista para a qual escreveu e assim entra ás vezes em detalhes demasiado malacologicos.

Confessa que não dá para philosophar em torno de idéas vagas e cousas abstractas, e que por conseguinte não é o caso de se attribuir maior valor ao que disser sobre assumptos metaphysicos. Acha porém que denotaria falta de coragem não expôr também as conclusões finaes de todos os seus estudos. Chega mesmo a pedir excusas (com simplicidade que denota um certo acanhamento) por incluir tal dissertação em um estudo zoologico.

Ao iniciar -a sua carreira scientifica parecia que entre a crença e as sciencias naturaes se erigia uma barreira insuperável. Abandonando seu primeiro mestre, Leukart, buscou as fileiras de Haeckel e Gegenbauer; mas, apesar das melhores relações com estes chefes de escola, não formava comtudo como soldado destas hostes, onde o crédo do evolucionismo só era admittido quando explicado pelo Darwinismo.

Observe-se que todos os estudos do dr. Ihering encerram documentas que reaffirmam o evolucionismo (ou theoria da descendencia) e o proprio titulo do presente trabalho indica esta orientação; mas repetidas vezes o vemos combatendo o Darwinismo, como ainda aqui o faz, fundamentando sua exposição por meio de vários exemplos.

A variação das especies existe e ella se manifesta tanto em órgãos essenciaes como em detalhes de somenos importancia. Vá que se diga ser um aperfeiçoamento, uma conquista para a luetá pela vida, dotar-se o mollusco de uma concha cada vez mais resistente e mais efficaz como protecção; mas desde que tal abrigo seja completo, em nada adianta ao animal se a variação continúa e se a concha passa a ter ornatos e coloridas diversos, pois que o mollusco vive no fundo do mar, no lusco-fusco, e além disto uma epiderme grossa, rugosa, recobre a casca, que só é artistica e linda quando, depois da morte do mollusco, a concha dá á praia e descasca. A própria formação dessa concha não é prova em que se possa estribar o darwinismo. Certo, a concha é util ao mollusco e marca uma etapa no progresso da especie animal; mas desde o aleozoico até hoje as tribus das lesmas e dos vermes se mantiveram, luetando efficazmente pela existencia e nem por terem concha protectora, milhares de especies deixaram de existir.

Aperfeiçoaram-se os hymenopteros adquirindo o agulhão, seu órgão de defesa e util também para a captura das prezais. No entanto esse órgão atrophiou-se nas nossas abelhas do matto (Meliponas) e a prova de que os ascendentes eram providos desse aparelho observa-se no embryão, que o traz esboçado. Mas certas especies destas abelhas procuram, novamente, obter meios de defesa, e assim aperfeiçoam outros órgãos que se vão tornando armas úteis (por exemplo: a irapoan já não é tão inerte como a mandaissaia). Com auxilio do darwinismo não se explica tal facto, pois não ha "triumpho do mais forte" neste caso da lenta aquisição de um órgão util, que depois é sacrificado como cousa indifferente, para mais tarde ir sendo substituído pela adaptação de outro órgão muito menos efficiente.

Se pela lei da sobrevivência do mais apto se tratasse de alcançar um record de aperfeiçoamento, a selecção não deveria ser assim titubante — progrediria apenas o melhor, e o imprestável desapareceria. Mas a variação não affecta apenas os órgãos que necessitam de aperfeiçoamento; todo o corpo do animal lhe está sujeito e simultaneamente a variação actua, modificando peças essenciaes e também caracteres de nenhuma importancia.

E a variação no seu inicio, como explical-a, a sabor do darwinismo, como sendo obra da selecção natural? Qual o valor funcional de uma concha de mollusco ao ella se esboçar nos primeiros especimens sujeitos a tal variação? Podemos acompanhar o seu desenvolvimento, e isto baseado tanto na comparação dos elementos da serie, apreciando conjuntamente as especies actuaes e as fosseis, bem como servindo-nos das provas fornecidas pela embryologia (lei fundamental biogenetica). Qualquer desses estudos nos demonstra que ha uma perfeita seriação, que ao mesmo tempo representa uma escala evolutiva, ou antes, como se costuma representar o facto graphicamente, ramos com bifurcações e cujas folhas correspondem ás especies da forma hodierna. Acontecendo, porém, muitas vezes, não termos á mão todos os elementos componentes da serie, podemos mui licitamente suppôr que mais oedo ou mais tarde taes documentos serão encontrados, como aliás tantas vezes já tem succedido.

Em todo caso tem-se demonstrado á saciedade, por meio dos mais variados documentos comprobatorios e em toda a escala animal e vegetal, que a theoria da evolução das especies é exacta. O modo, porém, como esta evolução se realiza, ainda não encontrou explicação scientifica acceitavel ou plausível. O darwinismo (na accepção exacta do termo) é justamente uma tentativa para tal explicação; mas nem ella nem outras theorias mais ou menos analogas resistiram á critica, e portanto representam apenas recordações históricas do affan humano de tudo explicar.

observou, esmiuçar os detalhes e depois confrontar e tirar suas conclusões de acordo com os resultados do exame.

* * *

Passemos agora a resumir o capítulo do estudo em questão. Não daremos uma simples tradução, porque o auctor fala principalmente aos leitores da revista para a qual escreveu e assim entra ás vezes em detalhes demasiado malacologicos.

Confessa que não dá para philosophar em torno de idéas vagas e cousas abstractas, e que por conseguinte não é o caso de se attribuir maior valor ao que disser sobre assumptos metaphysicos. Acha porém que denotaria falta de coragem não expôr também as conclusões finaes de todos os seus estudos. Chega mesmo a pedir excusas (com simplicidade que denota um certo acanhamento) por incluir tal dissertação em um estudo zoologico.

Ao iniciar a sua carreira scientifica parecia que entre a crença e as sciencias naturaes se erigia uma barreira insuperável. Abandonando seu primeiro mestre, Leukart, buscou as fileiras de Haeckel e Gegenbauer; mas, apesar das melhores relações com estes chefes de escola, não formava comtudo como soldado destas hostes, onde o crêdo do evolucionismo só era admittido quando explicado pelo Darwinismo.

Observe-se que todos os estudos do dr. Ihering encerram documentos que reafirmam o evolucionismo (ou theoria da descendencia) e o proprio titulo do presente trabalho indica esta orientação; mas repetidas vezes o vemos combatendo o Darwinismo, como ainda aqui o faz, fundamentando sua exposição por meio de vários exemplos.

A variação das especies existe e ella se manifesta tanto em órgãos essenciaes como em detalhes de somenos importancia. Vá que se diga ser um aperfeiçoamento, uma conquista para a lucta pek Vida, dotar-se o mollusco de uma concha cada vez mais resistente e mais efficaz como protecção; mas desde que tal abrigo seja completo, em nada adianta ao animal se a variação continúa e se a concha passa a ter ornatos e coloridos diversos, pois que o mollusco vive no fundo do mar, no lusco-fusco, e além disto uma epiderme grossa, rugosa, recobre a casca, que só é artistica e linda quando, depois da morte do mollusco, a concha dá á praia e descasca. A própria formação dessa concha não é prova em que se possa estribar o darwinismo. Certo, a concha é iitil ao mollusco e marca uma etapa no progresso da especie animal; mas desde o aleozoico até hoje as tribus das lesmas e dos vermes se mantiveram, luctando efficazmente pela existencia e nem por terem concha protectora, milhares de especies deixaram de existir.



Aperfeiçoaram-se os hymenopteros adquirindo o agulhão, seu órgão de defesa e útil também para a captura das prezais. No entanto esse órgão atrophiou-se nas nossas abelhas do matto (Meliponas) e a prova de que os ascendentes eram providos desse aparelho observa-se no embryão, que o traz esboçado. Mas certas especies destas abelhas procuram, novamente, obter meios de defesa, e assim aperfeiçoam outros órgãos que se vão tornando armas úteis (por exemplo: a irapoan já não é tão inerte como a mandassaia). Com auxilio do darwinismo não se explica tal facto, pôs não ha "triumpho do mais forte" neste caso da lenta aquisição de um órgão util, que depois é sacrificado como cousa indifferente, para mais tarde ir sendo substituído pela adaptação de outro órgão muito menos efficiente.

Se pela lei da sobrevivência do mais apto se tratasse de alcançar um record de aperfeiçoamento, a selecção não deveria ser assim titubiante — progrediria apenas o melhor, e o imprestável desapareceria. Mas a variação não affecta apenas os órgãos que necessitam de aperfeiçoamento; todo o corpo do animal lhe está sujeito e simultaneamente a variação actua, modificando peças essenciaes e também caracteres de nenhuma importancia.

E a variação no seu inicio, como explical-a, a sabor do darwinismo, como sendo obra da selecção natural? Qual o valor funcional de uma concha de mollusco ao ella se esboçar nos primeiros especimens sujeitos a tal variação? Podemos acompanhar o seu desenvolvimento, e isto baseado tanto na comparação dos elementos da serie, apreciando conjunctamente as especies actuaes e as fosseis, bem como servindo-nos das provas fornecidas pela embryologia (lei fundamental biogenetica). Qualquer desses estudos nos demonstra que ha uma perfeita seriação, que ao mesmo tempo representa uma escala evolutiva, ou antes, como se costuma representar o facto graphicamente, ramos com bifurcações e cujas folhas correspondem ás especies da forma hodierna. Acontecendo, porém, muitas vezes, não termos á mão todos os elementos componentes da serie, podemos mui licitamente suppôr que mais cedo ou mais tarde taes documentos serão encontrados, como aliás tantas vezes já tem succedido.

Em todo caso tem-se demonstrado á saciedade, por meio dos mais variados documentos comprobatorios e em toda a escala animal e vegetal, que a theoria cia evolução das especies é exacta. O modo, porém, como esta evolução se realiza, ainda não encontrou explicação «cientifica accetavel ou plausivel. O darwinismo (na accepção exacta do termo) é justamente uma tentativa para tal explicação; mas nem ella nem outras theorias mais ou menos analogas resistiram á critica, e portanto representam apenas recordações históricas do affan humano de tudo explicar.



Mas é aqui que se manifesta o espirito de philosopho conformado do dr. Ihering, fazendo suas as expressões de Goethe, quando o príncipe da poesia alemã diz: "A maior felicidade do homem que pensa é: Ter penetrado o penetrável e calmamente venerar o impenetrável".

Esta consciência da limitação de nossa intelligencia não o acobrunha, e o seu espirito se satisfaz reconhecendo que sua theoria philosophica se approxima em muitos pontos da do padre E. Wasmann (S. J.).

Até aqui, em resumo, as palavras do dr. Ihering.

Estas porém não são bastante claras para que nos dêem certeza a respeito de um aspecto da questão que certamente é o de capital interesse para a maioria dos leitores: A theoria da evolução dos seres applica-se também ao homem?

Vejam se indirectamente chegamos a interpretar-lhe o pensamento. Ihering e Wasmann concordam apenas "em muitos pontos" ("in vieler Hinsicht"). Fixemos primeiro a posição do preclaro jesuita zoologo (*) e philosopho, citando alguns trechos de sua obra de 1904, traduzida para o italiano: *La Biologia Moderna e la Teoria dell'Evoluzione*.

"Cosicché oggi... si ammette una evoluzione naturale delle "forme organiche, applicando la tesi fondamentale che Dio nell'ordine naturale nel quale può operare per mezzo di cause naturali non opera immediatamente. In questo modo la dottrina dell'evoluzione, considerata senza pregiudici ci si presenta oggi quale "ultima conseguenza della concezione copernicana dei mondo, cui "oggi nessuno vorrebbe chiamare anticristiana."

(Considerazioni sulla teoria della evoluzione, pg. 279).

"Per l'abuso che il monismo... ha fatto della teoria della evoluzione, avendola egli utilizzata come arma contro l'odiato teismo, si é formata in varia guisa fra le persone dei partiti conservatori l'idea che l'evoluzione sia una scoperta completamente "ateistica e contraria al cristianismo. Noi abbiamo mostrato poco "fa che questa interpretação é errônea ed infondata" (ibid., pg. 281).

"... sembra però forse a parecchi ancora più probabile che "Dio nella procreazione dei primo uomo, come anche in quella "dei rimanenti esseri della natura, si sia servito delle cause naturali, come di quelle che erano atte ad operare per l'origine dei "primo uomo... La zoologia può ritenere con ragione che l'uomo quanto al suo corpo é il più alto rappresentante della classe

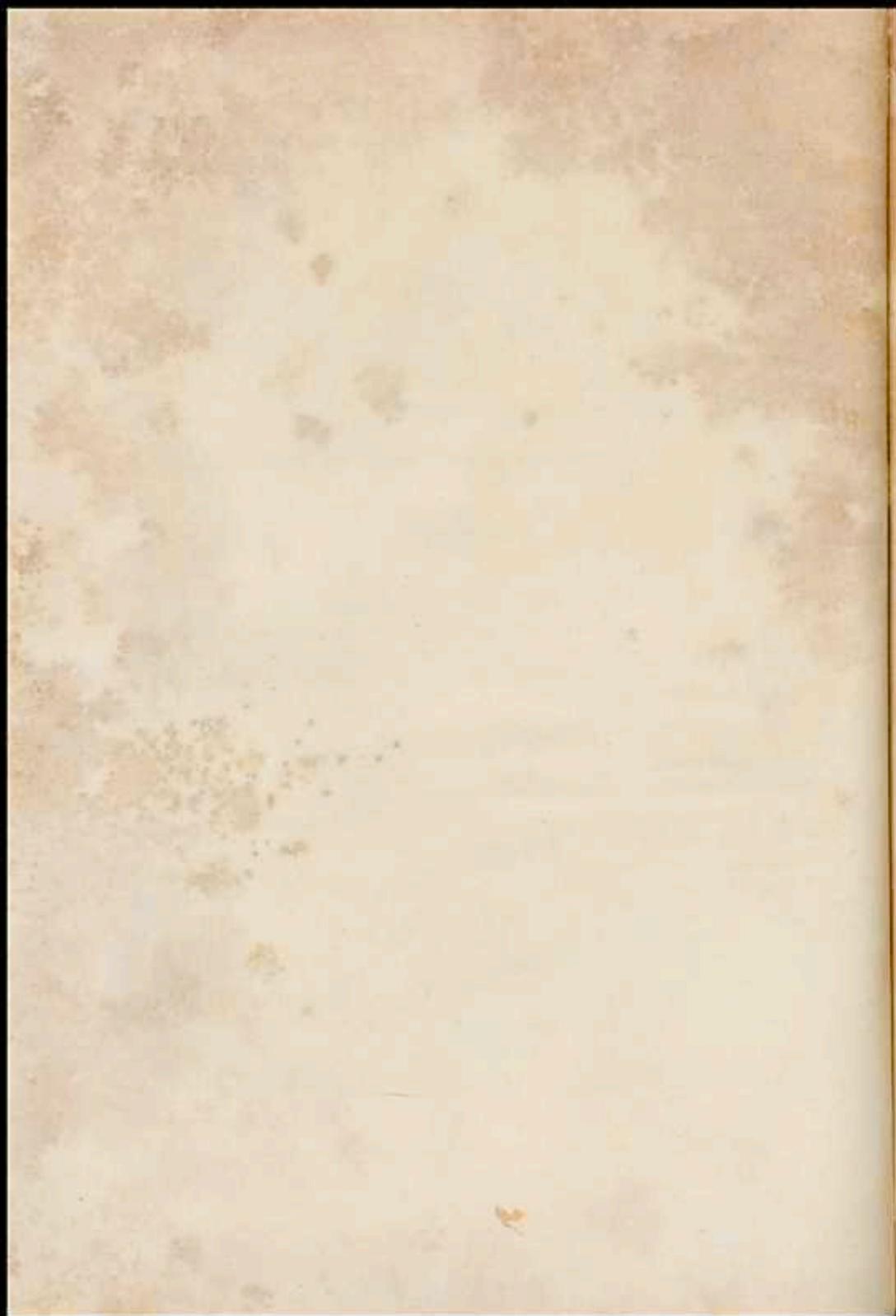
(*) Estamos certos que, escrevendo para leitores brasileiros, o dr. Ihering não deixaria de mencionar que a "Revista do Museu Paulista", quando por elle dirigida, foi honrada com a colaboração deste notável cientista, especializado no estudo dos insectos hospedes das formigas e dos cupins.





ANGELO CANTÚ — Retrato





"dei mamíferi; ciò vale anche per lo sviluppo embrionale dell'uomo, il quale si svolge analogamente a quello degli altri mamíferi..."

"La filosofia può anche concedere che non é affatto impossibile un'origine dei corpo umano nel senso della teoria dell'evoluzione."

Conclue porém o ultimo capitolo do volume com as seguintes palavras de J. Reinke:

"Ailla dignità della scienza conviene il dire soltanto che essa *sopra l'origine dell'uomo non sa nulla."

E ainda em advertencia fornecida ao traductor italiano afirma: "Nessuno adunque lia diritto di citarmi in favore della reale derivazione dell'uomo dagli animali in quanto al corpo..."

Da leitura do ultimo capitolo da obra de Wasmann tem-se a impressão de que o auctor não está longe de admitir a origem da especie humana como sendo analoga á dos outros mamíferos, desde que fique salvaguardada a intervenção divina, immediata ou mediata, como o requer a interpretação da sagrada Escripura. Para se adiantar, sente falta, por emquanto, de melhor documentação paleontologica. Conitudo não fará concessão alguma ao materialismo, porque reconhece o homem dotado de alma, a qual o differencia nitidamente de todos os outros seres.

Von Ihering nunca duvidou da posição zoologica do homem e da sua evolução como verdadeiro primata, e era de se vê o interesse com que acompanhava os achados paleontologicos de Ameghino. Este, com rara felicidade obteve successivamente vários restos de simios anthropomorphos e, como merito conhecedor de mamíferos fosseis, os classificava, sempre prcpenso a vêr nos mesmos grande aproximação do homem. Ihering, porém, era seu consultor quanto ás edades das camadas geologicas, pois que o Museu de Buenos Aires lhe havia confiado todo o material básico para taes verificações, isto é, os molluscos fosseis. E para immenso pezar do collega argentino, o scientisia de São Paulo sempre levantava ponderosas objecções, que destruíam o valor genealógico dos "Homunculos" e "Prothomunculos". Collocava a probidade scientifica acima de tudo, mas bem sei o jubilo que lhe teria proporcionado a verificação indiscutível do homem terciário ou o achado de um authentic "missing-link".

Apezar de um tanto diversa, a posição de Wasmann e Ihering tem em commum a expectativa ou diremos melhor, com relação a este ultimo, a esperança de que a sciencia encontre os documentos paleontologicos necessários para que fique assignalado cada passo da rota seguida pelos antepassados do homem.

Certamente tem razão quem objecta que tudo isto não satisfaz o espirito humano, ou antes a sua curiosidade; mas é força con-

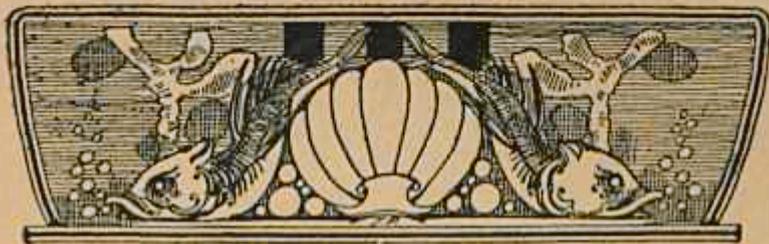


fessar que ao naturalista assenta bem esta franqueza com que manifesta a sua actual ignorancia, em vista da insufficiencia dos dados de que dispõe para conclusões definitivas.

Finalmente quanto á ultima pergunta que se fará ao naturalista com relação á origem e o fim das cousas em si, elle limita-se ás já citadais palavras de Goethe, accrescentando: "Com a idade "e maior somma de conhecimentos tornou-se-me mais clara a impossibilidade de aprehendermos mais do que a exterioridade, do "que o mechanismo do mundo orgânico, da vida; e assim reporto^ "me á sentença de Haller:

"Nenhum espirito creado penetra no
intimo da Natureza".





TRINTA ANNOS

OSCAR BRISOLLA

(A MONTEIRO LOBATO)

I

*Trinta annos a galgar a montanha da vida
como bola atirada á tóa, aos solavancos,
fui cantando, apezar das dôres da subida,
ensanguentando os pés em ásperos barrancos.*

*Numa ascensão de sol, de gloria appelecida,
indifferente á chuva e aos barbaros arrancos
da inveja, ia subindo a encosta, a fronte erguida,
para rolar depois pelos rochosos flancos.*

*Eis-me quasi no cimo altivo da montanha,
no cansaço febril de tamanho correr,
ante-sorvendo o fel de uma derrota estranha...*

*Nunca pude attingir a méta ambicionada!
Sempre em mim o desejo ardente de saber...
E afinal — que sei eu? — Miséria... nada... nada...*



II

*Si acaso eu perecer nestes prélios sangrentos,
mortalmente ferido em meus sonhos de artista,
saberei suffocar os meus próprios lamentos
e fazer que minh'alma a taes golpes resista.*

*A miséria social que vejo me contrista:
a injustiça que fere, os sorrisos nevoentos
do venenoso escarneo, a tenebrosa Ikta
das feias tralições de todos os momentos.*

*Tudo, tudo o que a dôr e as trevas rememora
de sombras a minh'alma extactica povoa,
espancando os clarões purissimos da aurora...*

*Entretanto reajo e luto com valor;
si ha víboras no mundo, ha muita gente bôa
que propaga e semeia o áureo trigo do amôr.*

III

*Si um a um por acaso os meus sonhos cahirem
aos látegos feraes de rude ventania,
ou como um frágil vaso os mesmos se partirem
á hora do pôr-do-sol, immersos de poesia;*

*si não restar um só dos sonhos que eu possuia,
si tudo me faltar no dia em que fugirem,
afundados na lama e sujos de ironia,
— as dôres sentirei que os míseros sentirem.*

*Mas o chôro, que é o symbolo e a arma da fraqueza,
não virá macular-me as faces doloridas,
imprimindo-lhes côr e sulcos de tristeza...*

*Vencerei a cantar os tôrvos impecilhos:
pois inda guardarei — herança dos vencidos!
o amor da minha esposa e os beijos dos meus filhos.*

IV

*Si alguma vez o desalento me enfraquece
tus minhas longas caminhadas literanas,
ergo a lyra olvidada e, em soluços de prece,
eu me ponho a cantar as mais sentidas arias.*

*E a coragem de novo ás faces me aparece,
incitando-me á luta heróica contra as varias
especies de reptis — raça espúria e refece —
que envenenam a terra inclemente dos parias.*

*E o calor da justiça, entrando-me nas veias,
misturando-se á luz que me aclara as ideias,
aos meus sonhos lhes dando um caminho diverso,*

*com novas vibrações iras cordas musicaes
da lyra varonil dos meus santos ideacs,
— vem cantar no meu sangue e viver no meu verso!*

V

*Só — 110 rochedo exul do meu sonho perfeito —
aos pés a multidão dos necios e malvados,
aperto o coração no seu covil estreito,
ninho outrora feliz de passaros doirados.*

*Acima — o firmamento, os condores ousados,
a luta pelo ideal a que me fiz affeito;
o velho mar bramindo, ameaçador, aos lados,
e, feroz, a rugir, meu coração no peito.*

*Basta! Basta, ó leão indomito e selvagem!
Cala, por piedade, essa canção dorida,
e perdôa, sereno, aos maus, seja onde fôr...*

*Que a inveja aumente a sua negra vassalagem!
Riamos, com desdem, atravessando a vida,
prêgando ás multidões o evangelho do amor!*



VI

*E' a minha Santa Helena este escuro penedo,
cujas grimpas, no horror de uma horrenda tormenta,
rasgam, furiosamente, altivas e sem medo,
a treva que as envolve em luta assas odienta.*

*Porque impedir que, do alto e sereno rochedo,
a aguia desfira o vôo? O espaço livre a tenta...
Porque' ás aves roubar os templos do arvoredo
Como acre vendaval numa fúria violenta?*

*Que brama a inveja e ruja a hipocrisia
sobre os velhos degraus de thronos carcomidos,
no meio de imbecis e vãos adoradores!*

*Embora! muito em breve os anjos da Poesia
virão amortalhar os seus heróes cahidos
em chuvenos de sol e pétalas de flores!*

VII

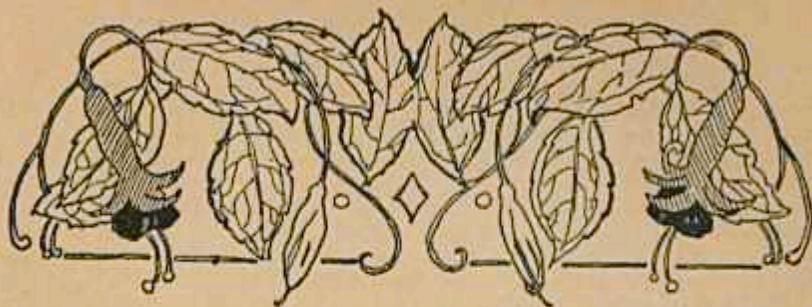
*Só? Nunca estive só nas batalhas da vida:
alguém me acompanhava, alguém que se não via,
alma gêmea da minha e à minha sempre unida,
e cahindo commigo ás vezes si eu cahia.*

*Não sei quem fosse... A sua luz me protegia,
seu olhar me abençoava a estrada percorrida,
guiando-me através de uma noite sombria,
em busca de uma sombra errante, esmaecida.*

*Eu nunca estive só: perseguem-me cortejos
de duendes, illusões, insaciados desejos
de gloria, de ambição, de sonhos immortaes.*

*Percorri as regiões esplendidas da Historia,
a ouvir, embevecido, os clarins da victoria
chamando á luta e á vida os' mortos ideaes.*





VARIANTE CARIOCA DE UM SUBDIALECTO BRASILEIRO

ANTENOR NASCENTES

SYNTAXE

O gênio de uma língua se acha principalmente na syntaxe; por isso tantas dificuldades apresenta esta parte da grammatica.

Ainda é cedo para se fazer a syntaxe do dialecto, como aliás ainda é para se fazer a phonologia e a morphologia, mas nada impede que se accumulem materiaes que mais tarde p-ermitam a construcção do edificio.

Por emquanto as divergências syntaticas com o portuguez de além mar são grosseiros solecismos que não merecem guarida, mas lembrem-nos de que é assim que se constituem as linguas.

Os solecismos da peninsula ibérica, assim como os das outras partes da Romania, conseguiram impôr-se á lingua culta e hoje deixaram de o ser. Outro tanto acontecerá com os nossos num futuro que ninguém pode prever.

A prova da vitalidade que elles já possuem está em que alguns são perpetrados com toda a consciência pela própria classe culta quando fala despreocupadamente. E' o relaxamento, é o menor esforço, a necessidade de accomodar a expressão á mentalidade da classe inculta e todos nós sabemos quanto é perniciosa a influencia dos maus hábitos.

Por conseguinte, tudo é questão de relativismo: o que hoje ainda é erroneo, daqui a séculos será uma linguagem castiça onde por sua vez novos solecismos hão de surgir porque, embora daqui até lá não haja mais analfabetos talvez, sempre haverá uma classe que fale bem e outra que fale menos bem.

A svntaxe do substantivo e a do adjectivo nada de característico por assim dizer nos revela.

Notemos os comparativos duplicados *mais mió*, *mais piá*, *mais maió*, *mais menó*, que teem seu paralelo nas fôrmas *mais superior*, *muito intimo*,

(*) V. numero de janeiro.



melhor boa vontade e outras que a classe culta deixa escapar; explica-se isto pe'a atenuação da força gradativa nas formas synteticas, de modo que, para sentir o grau, o povo se vê obrigado a lançar mão do analytismo.

Na syntaxe do pronome é que encontramos farta messe.

A flexão casual, que tanto soffreu na passagem do latim para o portuguez, *oi acolher-se nos pronomes como ultimo refugio e lá não a deixou em paz a tendencia destruidora popular.

E' um dos brasileirismos mais característicos o uso do pronome em caso recto em vez do caso obliquo: *vi elle, mostrei ella*.

Tal v.so se encontra nos mais antigos clássicos, conforme mostrou Ruy Barbosa na *Replica*, e até num documento do século XIII, razão pela qual muitos não o consideram um brasileirismo e sim um caso de conservação de archaismo.

Out'o caso, que também pode ser assim considerado, é o do emprego do pronome *lhe* (*le*) em funcção de objecto directo: *eu le vi hontem na rua*.

Esse emprego, corrente também em Goa, tem seu paralelo no hespanhol onde as formas *le* e *lo* servem de objecto directo; encontra-se nos melhores clássicos, como bem documentou Sousa da Silveira em seus "Trechos Selectos "

E' naturalissima a explicação delle: assim como os pronomes *me*, *te* e *se* excem as duas funcções, por analogia *lhe* passou também a exercel-as.

As reduzidas de infinitivo nas quaes apparece a preposição *para* têm o pronome em caso obliquo cm vez de tel-o em caso recto: *isto para mim levar*. Explica-se: a preposição acarreta a forma obliqua *mim*, por analogia com outras phrases: *isto é para mim, comprei um livro para mim*, de modo que o uso correcto do *cu* passa aos ouvidos do povo como um erro e elle o emenda do modo indicado. E' preciso notar que o povo ás vezes procura acertar; vimos muitos casos na phonologia (*velgonha*) e na morphologia (*leões*): se erra, a culpa não é delle.

Quaquer que seja a interpretação, que se dê ás expressões verbaes em que *mindar*, *deixar*, *fazer*, *ver*, *ouvir*, etc. apparecem com outros verbos no infinitivo, todos concordam em que o pronome deve vir em accusativo: *dêixa-o vir* e não *deixa elle vir*, como diz o povo.

Quer na funcção de sujeito, quer na de objecto, o povo só comprehende a forma tirada do nominativo *ille*: já vimos na morphologia a decadencia da tirada de *illu(m)*.

Muitas vezes apparecem regidas de preposição as formas rectas: *ella quer ir sem EU, entre elle* e *EU*.

O caso recto é mais emphatico, é mais significativo do que o obliquo.

Aliás, este emprego popular é correctissimo no hespanhol: *entre tú y yo lo arreglareinos* (Academia).

São correntes as construcções: *estou muito zangado comsigo, falei muito mal de si*. *Si*, *comsigo* sendo os reflexivos de terceira pessoa, é incorrecto empregai os em relação á pessoa com quem se fala, mas é preciso notar que também foi incorrecto a principio o uso do verbo, dos pronomes e adjectivos em terceira pessoa, tratando-se de segunda (*ocê VÊ, você perdeu SEU chapéu*).

O pronome usual de segunda pessoa é *ocê*, cujas concordâncias se fazem na terceira: dahi o emprego de *si*, *comsigo*, á semelhança de *mim commigo, ti, comtigo*. Nos clássicos archaicos ha exemplos de *si* não reflexivo.

Em matéria de collocação dos pronomes pessoaes obliquos, grande é a divergência entre o falar de Portugal e o do Brasil.

O melhor ponto de vista nos parece ser o de Said Ali que explica phonéticamente o caso.



E' preciso attender á relatividade dos factos; era Portugal, as formas em e são atonissimas: *me* = m', *te* = t', *se* = s' e no Brasil o e final é surdo e ás vezes tem o som de f tão pronunciado que chega a ser tonico: *me* = mi, *te* = ti, *se* = si. O tratamento tem de ser differente.

E' communiissimo começar o periodo por pronome obliquo (em todas as chsses sociaes): *ELLE dá isso, ME diga uma coisa.*

A's outras linguas romanicas não repugna este uso; encontramol-o no hespanhol, no itaiiano, no francez.

A m^a collocação em phrases negativas ou começadas por pronome relativo é vulgar (como também no portuguez da Asia e da Africa): *Não zangue-se commigo, o homem que suicidoti-se hontem.*

Sem lusitanismo podemos dizer que taes phrases ferem os ouvidos das pessoas cultas.

A variação precedendo a negação, apesar de vir bem collocada, desagrade ao ouvido brasileiro: *Elle se não zangou.* Nós dizemos natural e também certamente: *Elle não se zangou.*

Repugna ao ouvido da classe culta a collocação do pronome depois do participio passado, facto de que ha exemplos clássicos, comquanto raros: *ella tinha sahido-se bem no exame.*

O hespanhol, aliás, tem desses empregos, mas só quando ha dois participios formando tempos compostos e se dá elipse do auxiliar com o segundo participio e quando ha complemento entre o auxiliar e o participio. O italiano também tem.

A linguagem usual não emprega as combinações dos pronomes *me, te, lhe* com os pronomes *o, a, os, as: mo, ma, etc.*; diz-se *deu-me* com elipse de *o* e não *deu-mo*.

Não se usam absolutamente no Rio de Janeiro, excepto por affectação, formas verbaes proparoxytonas acompanhadas de dois pronomes encliticos: *dávamc-vo-lo* (Gonçalves Vianna). Com um só existe raramente: *dávamos-lhe*.

Nas expressões constituídas por verbo auxiliar modificativo e infinitivo o pronome deve ser proclitico ao auxiliar (collocação muito ao sabor (portuguez) ou enclitico ao infinitivo (collocação fiortugueza ou brasileira). Ha, porém, uma collocação genuinamente brasileira, quando o pronome vem entre os dois verbos: *elle pode SE zangar.*

Os verbos pronominæes, na classe inculta, apresentam ás vezes dois pronomes obliquos: *ella se casou-se.*

A enclise tira um pouco da força pronominal do verbo; dahi a necessidade do reforço por meio do pronome proclitico.

Nos mesmos verbos o pronome desaparece no participio passado; entretanto, na emphase, usam-no desnecessariamente e ainda o collocam mal: *uma menina chamada-SE Maria.*

Em matéria de pronomes pessoas resta-nos tratar da mistura de tratamentos, o que também se dá na America hespanhola. São communs dialogcs deste jaez: — "VOCÊ foi hontem ao cinema? Não TE vi lá." E' um vestígio da vitalidade do pronome da segunda pessoa.

Na emphase usa o povo o relativo *cujo* em vez de *o qual* para dar mais força. *comeu a banana CUJA banana fez mal a elle.* Este solecismo, commrnn na linguagem tabelliôa, também existe na Hespanha e na America hespanhola.

Nas orações relativas onde *que* representa outra funcção que não a de sujeito ou objecto directo, em vez de empregal-o com a preposição competente, usam-no sem ella e no fim da oração a empregam com um pronore pessoal: o *pessoa QUE eu falei com ella*, em vez de *a pessoa com que eu falei.*



Isto faz lembrar um pouco a syntaxe ingleza: *the man whom I have spoken of*.

A razão deste facto nos parece ser a seguinte: as funcções normaes do *que* são as de sujeito e objecto directo, de modo que pelo costume o *que* vem iniciando a phrase: *a pessoa que*; devia-se continuar: *falou, commigo*, mas o interlocutor quer salientar que foi elle quem falou, por isso continua: *a pessoa que eu falei*; ahi elle sente a necessidade da relação syntactica e para remediar a situação emprega a preposição e o pronome pessoal: *com ella*. Dá-se um cruzamento syntactico *que*, para o povo, é muito mais fácil do que: *a pessoa com que eu falei*.

O povo não sente a duplicidade de *quem*, de modo que depois de *auern* frequentemente usa *que*: QUEM QUE *disse isto*?

Usa-se *qualquer uvi* e não *um qualquer* como em Portugal.

O interrogativo e exclamativo *o que*, tão condemnado pelos grammaticos, é de uso correntissimo: *o QUE é isso?*

O professor Carneiro dá a este *o* mera funeção euphonica.

Ruy Barbosa, que na *Replica* tratou exhaustivamente do assumpto, aponta exemplos de bons escriptores os quaes capitula como descuidos e explica deste modo o solecismo:

"Como nas construcções affirmativas o artigo preceda o adjectivo *que*, determinando o objecto, ou individuo, por elle representado, dessas phrases passou facilmente esta syntaxe, em corruptelas do uso vulgar, para as interrogativas. Dahi provavelmente o contagio, *que*, por inadvertência, leva, uma ou outra vez, os seus effeitos até á pratica dos bons escriptores. Porque de outro modo não seria possível explicar a enxertia do artigo nessa especie de sentenças, nas quaes a própria na-tureza delia está em antagonismo com aquella funeção."

O verbo *ter* vai substituindo o verbo *haver* em seu emprego impessoal: não TEM *agua na bica*.

Etyr.ologicamente *haver*, do latim *habere*, significa ter; igual substituição se deu nas linguagens compostas: *tenho amado* por *hei amado*, etc.

Ha exemplos clássicos deste solecismo que também existe no portuguez asiatico.

O mesmo verbo *haver*, impessoalmente empregado, vai indebitamente para o plural: *houveram casos interessantes naquelle dia*.

Note-se que isto se dá quasi sempre em outras formas que não o presente do indicativo; parece que o singular *ha* está de tal modo crystalizado que resiste á deturpação.

Ruy Barbosa apresenta exemplos clássicos desta syntaxe e Ribeiro de Vasconcellos a legitima.

Selecismo igual existe na America hespanhola (Bello); Cuervo explica mui racionalmente o phenomeno: "Nas locuções explicadas é visivel como se foi obscurecendo o sujeito e predominando o accusativo até vir a ser o objecto principal do conceito, ou seja, o sujeito psychologico; dahi que pela tendencia natural a restabelecer a harmonia entre a formula psychologica e a expressão grammatical, se diga... *hubieron fiestas, habiam cuatro días*."

Caso analogo se dá com o verbo *fazer*: FAZEM *dois annos que elle esteve aqui*. O mesmo acontece no Chile.

O verbo *chamar*, no sentido de *dar nome*, é usado com a preposição *de*: *chame* elle de feio*. Ha exemplos clássicos.

Na conjugação periphrastica usa-se mais o gerúndio do que o infinitivo precedido de *a*: *fiquei conversando com elle*. Ha também muitos exemplos clássicos deste emprego.



O emprego do indicativo nas formas imperativas negativas se explica pela dificuldade que traz ao povo o uso do subjunctivo: *não chora, meu filho*.

O horror que o povo tem ás formas do subjunctivo é tal que frequentemente o leva a substituir o presente e o imperfeito de subjunctivos pelos tempos correspondentes do indicativo: *não quero que elle VAI, não queria que elle ia*.

O subjunctivo é menos usado e mais difficil do que o indicativo.

Com os verbos *pagar, gastar, ganhar, acceitar* estão ainda em inteiro uso os participios regulares, como em hespanhol; em compensação, com o verbo *pasmar* se usa quasi sempre o participio contracto: *pasmo*. Numa ronda infantil ficou o regular: *Depois do joelho em terra, Paz a gente ficar pasmada...*

O verbo *matar* tem com o auxiliar *ter* o participio irregular *morto*, por affectação: *eu tinha morto muito passarinho*. Ha exemplos clássicos desse emprego.

O colectivo *gente* leva o verbo ás vezes á primeira pessoa do plural: *a gente vamos*, porque, quando a pessoa que fala diz *a gente*, tem em mente a sua pessoa e a dos interlocutores. Igual solecismo ha no sul de Portugal; na lingua antiga o verbo *ia* para a terceira do plural: *o gente vão*. (L. de V.)

A mesma palavra, assim como o pronome *nós*, na fala da Ínfima classe, em vez do adjectivo, *tudo*, recebe o pronome *tudo* porque domina o sentido colectivo: *a gente tudo, nós tudo*.

Os verbos de movimento são construidos com a preposição *em* e não com *a*: *fui NA casa de João*.

E' certo que *em* indica lugar onde e *a* lugar para onde, mas, como provaram Sousa da Silveira e Amadeu Amaral, tal syntaxe se encontra nos melhores clássicos e tanto não repugna á indole das línguas novilatinas que, além do latim que usa *in* com accusativo, apparece em línguas românicas: *arrivato in Roma* (Manzoni), *Malbrough s'en va-t' en guerre*.

O caso se explica do seguinte modo: o verbo indica o movimento, a preposição indica o ponto terminal deste movimento, ficando subentendida a direcção.

O mesmo solecismo se encontra em Gôa e em Angola.

Com o verbo *estar* dá-se vacillação entre o e *em*, o que também se dá em francez, em italiano e em rurneno (Meyer Ltibke). Em certas phrases, em que os portuguezes usam *a*, os brasileiros usam *em*: *estar á porta, estar á janella*; o *a* portuguez é o *ad* latino, junto de; o *em* brasileiro traz idéa de lugar onde.

Nos objectos indirectos de verbos bitransitivos nota-se a tendencia syntectica de fazer ellipse da preposição, quando o objecto representa pessoa: *pergunta elle, vou contá papai, vou dizê mamãe*. A razão parece ser esta: o verbo pede objecto directo de coisa e indirecto de pessoa, não ha possibilidade de confusão; dahí o simplificar-se a frase. Este facto faz lembrar os verbos latinos com dois accusativos: *doces pueros grammaticam*.

Nota-se também ellipse da preposição em adjunctos adverbiaes de lugar: *fui o teatro, vou o cinema*.

O verbo *não* é absolutamente transitivo, dahí a desnecessidade completa da preposição, como se dá com os adjunctos adverbiaes de tempo.

O caso lembra o emprego do accusativo latino com verbos de movimento: *eo rus, Italiam venit*.

Na locução *não deixar de*, que é uma verdadeira litote, o povo sente a attenuação da idéa negativa e a reforça por meio de um segundo *não* < exo'etivo

A classe culta diz: *não deixou de fazer*, isto é, não fez. O povo diz sempre: *não deixou de não fazer*.

O fenómeno é românico: *je crains qu'il NE vienne*.

Atteiuu'-ão e reforço da negação também se notam em outros casos.

O povo diz: *ninguém não vem*, porque sente pouco a idéa negativa de *ninguém*. O caso não é muito de espantar pois em francez *personne* na accepção negativa exige o emprego da negativa *ne*: *PERSONNE N'est sujet à filus de fautes nue ceux oui n'agissent aue bar réflexion* (Vauvernagues apud Floriano Brito).

Já vimos na morphologia o caso de *desinfeliz*: o prefixo *in* dá uma negação attenuada, *des* é mais forte, daí seu emprego que, na lingua culta, viria aliás destruir o effeito de *in*.

O adverbio *meio* por atracção varia de genero e numero, facto de que ha exemplos clássicos: *ella está MEIA doente*.

Os advérbios de lugar geralmente seguem o verbo: *elle CÁ está* (Portugal), está AQUI *elle* (Brasil), *tenho vontade de LÁ ir* (Portugal), *tenho vontade de ir LÁ* (Brasil).

(A concluir)





IMPORTÂNCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES

MIGUEL ARROJADO LISBOA

O geólogo americano I. C. White, como chefe da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra do Brasil empreendeu, de 1906 a 1908, o estudo das regiões carboníferas do sul, cujos resultados foram publicados em um volumoso relatório oficial contendo, de sua autoria, a parte relativa ao "Coal Mesures" e rochas associadas, e relatórios do dr. John Clark, Mc. Gregor e David White sobre a fauna devoniana e a fauna e a flora permianas. Pela minuciosidade do estudo feito, pela capacidade de I. C. White como especialista e pelas valiosas contribuições que resultaram do trabalho systemático empreendido, esse "Relatório Final" tem um especial destaque na nossa litteratura geológica. Como colaboradores, aqui no paiz, teve I. C. White uma boa turma de engenheiros de Minas da Escola de Ouro Preto: F. Paula Oliveira, Euzébio Oliveira, Cicero Campos e Esdras Seixas; o petrographo americano Merrill descreveu algumas rochas ⁽⁴⁴⁾.

O relatório White abrange tudo quanto até 1908 viemos a conhecer da faixa pertno-carbonífera de S. Paulo ao Rio Grande do Sul, e engloba muitas das observações feitas pela Comissão Geologica de S. Paulo e verbalmente comunicadas a White, como tambem a contribuição anterior e muito valiosa de Gonzaga de Campos, sobre o "coal mesures" de Santa Catharina ⁽⁴⁷⁾. Realmente o Relatório final de White, pelos detalhes geológicos que nos revela, dispensa ou invalida toda a litteratura anterior relativa ao assumpto ⁽⁴⁸⁾.

Dessa litteratura merecem menção principalmente os trabalhos antigos, do dr. Parigot (1841-1842), o de Frederico de Vasconcellos Pereira Cabral (1851), os de Carlos Rath (1856) e de Nathaniel Plaut (1869). O rela-

(47) J. F. *Gonzaga Campos* — Minas de carvão de Tubarão. Rio. 1890.

(48) I. C. *White* — Relatório sobre o "Coal Measures" e rochas associadas do Sul do Brasil. Rio de Janeiro. Imp. Nac. 1908. pg. 617.



torio de James Johnson de 1861 apresentado ao Vise. de Barbacena é sem valor e de falsas observações, segundo refere Gonzaga de Campos (48).

O dr. Parigot foi quem, por delegação official primeiramente estudou o terreno carbonífero em Santa Catharina e depois no Rio Grande do Sul. Foi elle quem então chamou attenção para o engano da indicação de Spix e Martius relativamente a uma supposta formação carbonífera na Bahia e desfez também a confusão popular de considerar oertos svhetes betuminosos e linhistas, já então assignalados em Alagoas, como carvão (50).

Mas, em toda essa literatura antiga o trabalho mais interessante é o de Frederico A. Vasconcellos Pereira Cabral que estudou, no correr de 1849, a região de Curral Alto e Serro do Roque (Companhia Jacuhy) no Rio Grande do Sul, publicando o seu relatório em 1851 onde tratou tanto da geologia descriptiva como economica. Este trabalho dá-nos a conhecer um geologo portuguez formado em Coimbra, perfeitamente a par da sciencia do seu tempo e da litteratura geologica referente ao Brasil: estudou em seus detalhes esses terrenos carboníferos da vertente esquerda do rio Jacuhy, assignalou as varias camadas, os fosseis vegetaes e discutio vários problemas geologicos e, baseado nas referencias feitas por Pissis nas commentadas na Academia de Sciencias de França por Cordier, Dufremy e Elie de Beaumont, relativos aos calcareos e schistos bituminosos de S. Paulo, e também discutindo os trabalhos de Parrigot em Santa Catharina, correlacionou com grande tino certas camadas de Curral Alto, com as de Tubarão e também com aquellas outras de S. Paulo, embora attribuisse pelas influencias da época, todas ellas ao cretáceo ou terciário. O trabalho de Cabral, em 165 paginas, entre as publicações antigas relativas a nossa geologia, é um dos mais suggestivos de serem lidos (51).

Carlos Rath em 1865 publicou parte dos estudos detalhados dos terrenos com carvão em S. Paulo, mas, foi Nathaniel Plaut quem primeiramente fixou com evidencia paleontologica em 1869 a idade das camadas carboníferas do Sul, cujos fosseis foram estudados então por Carruthers.

Hartt, em 1876, percorreu a região de Tubarão e fez varias secções e observações peologicas, mas, o seu trabalho ficou até hoje inédito (49).

As contribuições scientificas mais modernas que permittiram ainda melhor firmar a idade das camadas carboníferas e diferencial-as dos outros sedimentos, inclusive do devoniano, foram as de Derby em 1878 e 1883 sobre o terreno devoniano e carbonífero do Paraná (53), os de Cope (1887), o de S. Woodward e Geinitz, 1897-1900 sobre o *stereostemum*, que fixaram definitivamente a idade dos respectivos terrenos paleontologicamenfre. Os de Renauld, em 1890, tratam da flóra fóssil de S. Paulo e sobretudo os de Zeiler, em 1895 e 1898, que constituem uma das mais notáveis contribuições paleontologicas relativas ao permo-carbonífero, pela delimitação que estabeleceu para os dois typos da flora do norte e do sul (54).

(49) Veja-se: *Gonzaga Campos* — Minas de carvão de Tubarão.

(50) *Julio Parigot* — Minas de carvão de Pedra de Santa Catharina. Rio. 1841. 12 pus. — Memoria sobre as minas de carvão de pedra no Brasil. Rio. 1841. 30 pgs. — Memoria terceira, etc. 1842.

(51) *Fred. A. de Vasc. Pereira Cabral* — Memoria geologica sobre os terrenos de Curral-Alto e Serro do Roque, na Provincia de S. Pedro do Sul, Porto Alegre, 1851. 162 pgs.

(52) *Orville A. Derby* — Geologia da região diamantífera da Provincia do Paraná. *Arch. Mus. Nac. do Rio de Janeiro*. III. 1878. pgs. 89-96. — Os terrenos carboníferos das Provs. de S. Paulo e Paraná. *Rev. Eng.* V. 1893.

(53) *E. D. Cope* — A contribution to the vertebrate paleontology of Brasil. *Proceedings of the Amer. Psilos. Society*. XXIII. 1886. — The carboniferous genus *Stereostemum*. *Amer. Natura*. XXI. 1907.

(54) *R. Zeiler* — Note sur la flor* fússile des gisements houillers de Rio Grande *du Sud. *Bui. Soc. Geol. de France*. XXIII.



A' exploração de Gonzaga de Campos, realisada em 1890, precedeu a de White de dezeseis annos e o seu relatorio regista as melhores observações de detalhe, relativas ás camadas carboníferas, conhecidas até a publicação do "Relatorio Final" do geologo americano. Gonzaga procurou então já estabelecer que a faixa carbonifera de Tubarão era um prolongamento da do Rio Grande do Sul (47).

O reconhecimento geologico de substancias bituminosas, feito pelo mesmo autor, em 1902, na bacia do rio Marahú, ainda contém valiosos dados relativos á occorrença geologica e composição chimica dessas camadas schistosas da Bahia, já ahí estudadas anteriormente, e em Alagoas e Sergipe principalmente por T. C. Branner, em 1901.

Em seu relatorio I. C. White não somente faz o exame detalhado das diferentes séries geologicas correlacionadas com as jazidas de carvão, mas também estuda estas ultimas com grandes detalhes estratigraphicos baseando-se em observações paleontologicas. Elie constituiu assim o que chamou o Systema de Santa Catharina, dividido em tres series que denominou respectivamente de baixo para cima, series de Tubarão, Passa Dois e S. Bento, incluindo o carvão naquella primeira e sendo esta ultima triassica; identificou com segurança o "coal mesures", reconheceu o conglomerato glacial e correlacionou assim o systema de Santa Catharina com o Systema Karroo, — com omissão porém da serie de Beauford — o que corroborou as presumpções de anteriores geologos e deu forte plausibilidade á existencia da terra Gondowanda de Suess.

A conribuição de David White sobre a flora fóssil, publicada no mesmo volume e em annexo, tem um grande alcance e completa os estudos de Zeiler pelo reconhecimento de uma flora typica caracteristica do Gondouanda inferior; Woodward descreveu ainda no mesmo volume um novo reptil, o "*Scaphonix fischeri*", que foi considerado o primeiro fóssil sul-americano pertencente indubitavelmente á fauna do continente Gondouana, mas quanto á sua proveniência das camadas do Rio do Rasto é ponto ainda controverso.

Duas explorações empreendidas pelo autor destas linhas ao interior do paiz, em 1905 e 1907, deram-lhe a oportunidade de observar alguns factos de interesse geologico. Da primeira, realisada na bacia do S. Francisco, resultou a observação ainda não feita, aqui, da occorrença de seixos facetados e a presumpção da existencia do terreno permo-carbonifero no centro de Minas (55). Com a segunda exploração, feita a cavallo, de Baurú, em S. Paulo, á fronteira da Bolivia em Corumbá, juntamente com a Comissão Schnoor, ficou delineada em seus traços geraes a geologia do sul de Matto Grosso e correlacionadas as camadas geologicas em um quadro synoptico, além de reconhecida ewi detalhe a geologia do trajecto (56).

A exploração de Euzebio de Oliveira aue fez parte da expedição Rossevelt-Nondon, em 1914, permittiu o reconhecimento da geologia geral a Oeste e ao Norte desse Estado e o quadro das formações geologicas inserido no texto que acompanha o mappa de Branner, confeccionado pelo autor do presente escripto, resume a situação dos conhecimentos geologicos do grande Estado do Oeste brasileiro.

Com a installação do Serviço Geologico e Mineralógico do Brasil, no Rio, em 1907, conseguiu Derby aqui reunir os seus antigos collaboridores de S. Paulo, o Prof. Eugênio Hussak, Gonzaga de Campos, F. de Paula Oliveira e H. Williams e a estes juntar mais tres novos treologos, Roderic Grandall, discipulo e assistente de Branner na sua ultima expedição á

(55) Arrojado Lisboa — Os seixos facetado» do planalto central do Brasil.

(56) Arrojado Lisboa — Oeste de S. Paulo. Sul de Matto Grosso.



Bahia, Euzebio de Paula Oliveira e Cicero de Campos, da Escola de Ouro Preto.

O Serviço Federal iniciou um reconhecimento geral geológico na Bahia e no nordeste semi-árido, levado a efeito por Grandell, mas os resultados não vieram a publicidade.

A iniciativa desses estudos se deve ao Prof. Branner que, em 1907, promoveu a sua custa mais uma expedição ao Brasil, para completar os seus estudos anteriores da geologia de Sergipe e Alagoas e investigar principalmente quanto à ocorrência e distribuição dos carbonados da Bahia.

Nessa expedição reconheceu Branner uma área diamantífera bem mais extensa que a supposta e assinalou a ocorrência de um calcareo de formação moderna bem como tornou conhecida a existência de jazidas de manganês na Bahia ⁽⁵⁷⁾. Foi para completar esses estudos que Frederic Grandell ficou agregado ao Serviço Geológico Federal, onde firmou as suas qualidades de operoso e atilado observador.

Na exploração em que o autor destas linhas levou a efeito, por conta do Serviço Geológico Federal, em 1909, nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará e Goyaz, foi assinalada a existência indubitável do permocarbonífero no norte do Brasil e reconhecida a sua ocorrência por grandes áreas do Piauí, Maranhão « Goyaz até Natividade, no alto Tocantins.

A descoberta de inúmeras localidades fossilíferas permitiu que fossem recolhidos vários exemplares de fósseis vegetais, inclusive de fetos arbóreos, ficando assim confirmada a inteira probabilidade da origem nortista do "*Psaronius brasiliensis*", descrito por Brongniard em 1872, quando o imperador D. Pedro II fez a sua celebre visita à Academia de Ciências, e que fôra levado à Europa por Martius.

Os resultados dessa exploração foram apenas em parte e resumidamente publicados ⁽⁵⁸⁾, mas, ficou assinalado o grande desenvolvimento da formação permocarbonífera no Brasil e suggerida a provável ligação da formação do norte, continuamente, através dos Estados da Bahia e Minas Geraes, com a do Sul, já reconhecida das divisas de S. Paulo ao Uruguay. Pelourde publicou uma nota sobre um novo fóssil, o "*Psaronius arrojadoi*", característico do permocarbonífero do Maranhão e Piauí ⁽⁵⁹⁾.

O estudo das jazidas de ferro em Minas, levado a efeito por Gonzaga, o das jazidas de Diamante que o petrographo alemão Rienann fez em continuação aos de Hussak, e o prosseguimento dos trabalhos geológicos na região carbonífera constituem as iniciativas mais importantes do Serviço Geológico, levadas a efeito no centro e no sul do país. O resumo do trabalho de Gonzaga relativo ao ferro ficou incorporado ao que Derby publicou para o Congresso de Stockolmo em 1910 (60); o de Rienann foi publicado parcialmente em alemão e sahio uma nota em portuguez e os de Eusébio de Oliveira constam de publicações officiaes do Serviço ⁽⁶¹⁾.

Merece aqui referencia especial o trabalho geológico de C. H. Harder, assistente do Prof. Leith, que veio ao Brasil em 1911, especialmente es-

(57) J. C. Branner — Geology of Serra do Mulato. *Amer. Journal of Science*, 4th series, Vol. XXX, Oct., 1910. — The Tombador escarpment. *Idem*, Nov., 1910. — The aggraded limestone plains of the interior of Bahia and the climate changes suggested by them. *Bull. Geol. Soc. of Amer.* Vol. 21, 1911. — The Estancia Beds of Bahia, Sergipe and Alagoas. *Amer. Journal of Science*, 4.ª ser. Vol. XXXV Jun., 1913.

(58) Arrojado Lisboa — The Permian Geology of Northern Brazilian. *American Journal of Science*, May 1914, pgs. 425-443.

(59) F. Pelourde — A propos des Psaroniées du Brésil. *Comptes Rendus de l'Acad. franc. pour l'avanc. des Scienc.* 1914, pgs. 442-445.

(60) Orville A. Derby.

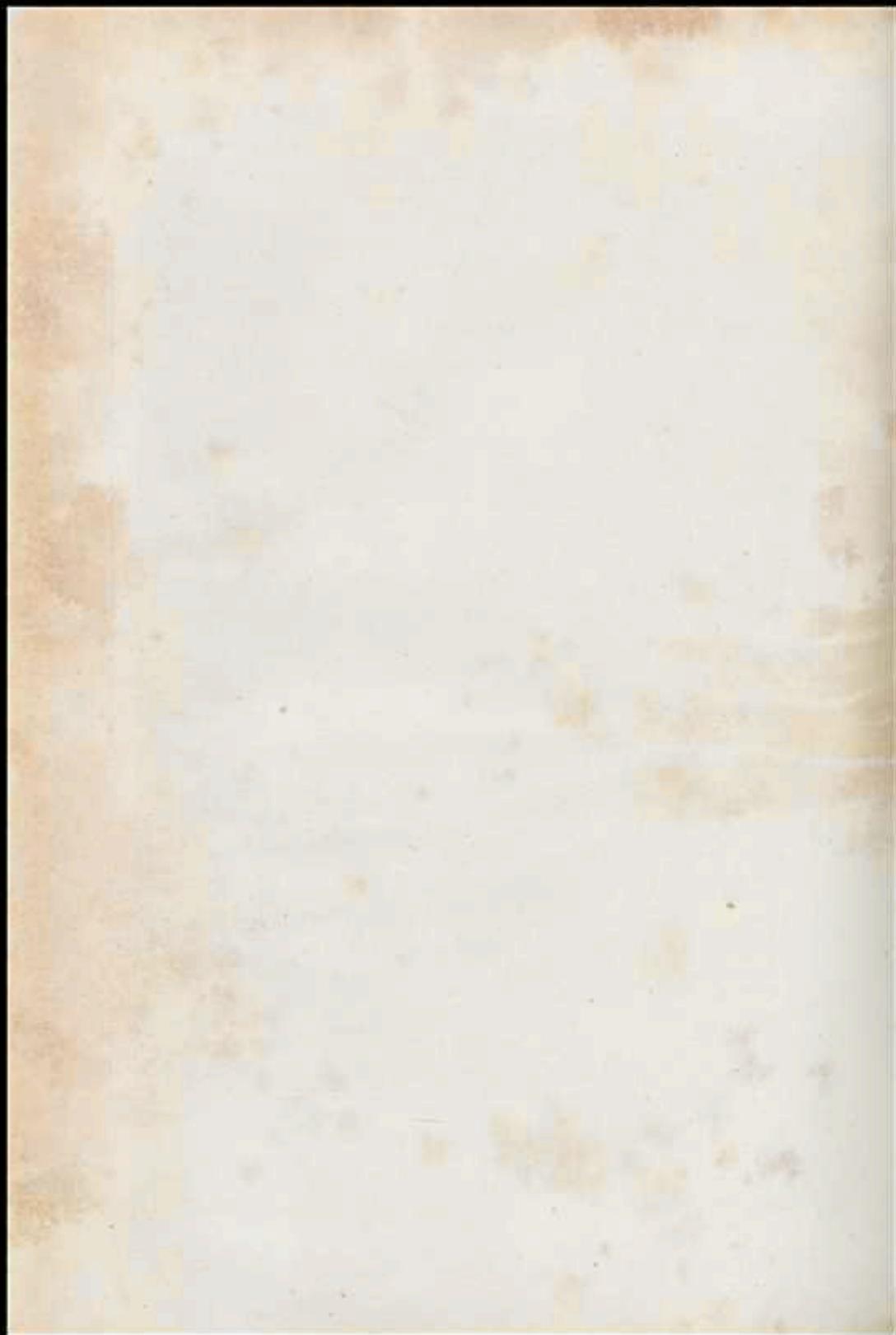
(61) Euzebio de Oliveira — Regiões carboníferas dos Estados do Sul. *Serviço Geol. e Min. do Brasil*. Rio de Janeiro, 1918, pgs. 125.





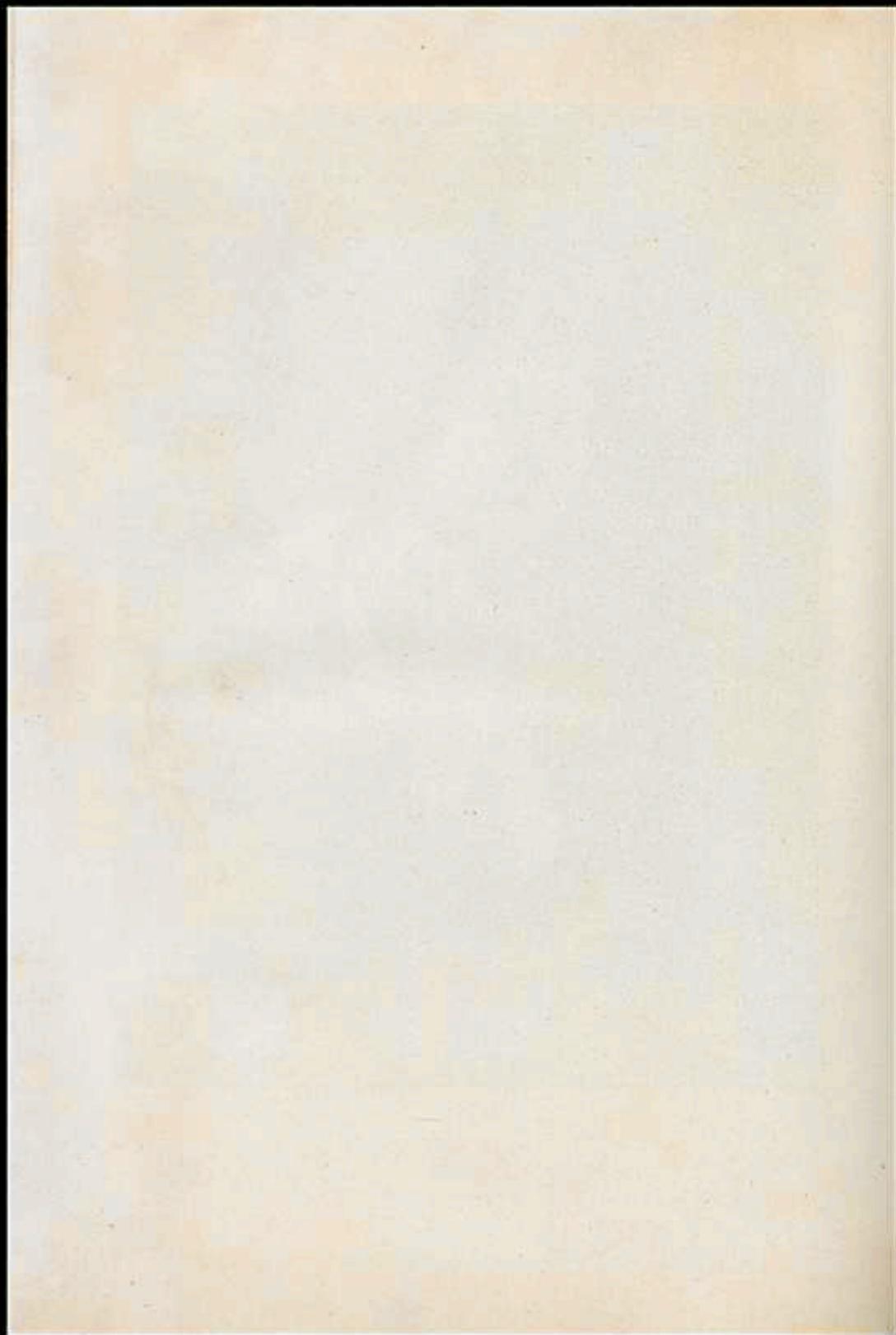
ANGELO CANTÙ — *Retrato*







ANGELO CANTÙ — Retrato



tudar as jazidas de ferro de Minas Geraes. Os resultados geologicos dessa exploração foram publicados de 1911 a 1915, por Leitz, C. H. Harder e Chamberlin ⁽⁶²⁾ e o estudo detalhado que tiveram de fazer das jazidas da Serra do Espinhaço, permittiu que se esclarecessem muitas das relações estruturales das rochas tão metamorphoseadas dessa região central de Minas, e facilitou a sua classificação provisoria em series até que se v.enha a descobrir evidencia paleontologica.

A Inspectoria de Obras contra as Seccas, installada em 1909, sob a direcção do autor deste escripto, iniciou um trabalho systematico para o conhecimento das condições phisicas do nordeste brasileiro abrangendo um3 grande parte do Estado da Bahia e os Estados situados ao Norte, desde Sergipe a Pernambuco até o Piauhj inclusive. Com o levantamento cartographico expedito fez-se também o reconhecimento geral geologico de todo paiz semi-arido e em pouco tempo, de terra quasi incógnita em seus aspectos phisicos como era, tornou-se uma região bem conhecida.

Ao começo, foram, tanto o serviço cartographico como o geologico, iniciados em collaboraçãõ com o Serviço Geologico Federal, mas passaram logo depois a serem executados exclusivamente pela Inspectoria de Seccas. Roderic Grandall e Horacee Williams executaram para a Inspectoria as cartas phisicas, tanto a pluvimétrica como a psycometrica, e aquelle fez o primeiro reconhecimento geral geologico dos Estados do Ceará, da Parahyba e do Rio Grande do Norte, que consignou na publicação n.º 4 da Inspectoria sob o titulo "Geographia Geologica, Supprimento d'agua, Transportes e Açudagem" ⁽¹³⁾. Quatro series de rochas foram discriminadas na area interior dos tres Estados, o complexo fundamental, a serie schistos argillosos antigos com quatzitos arenitos e calcareos, que Crandall denominou serie do Ceará, a serie cretacea e os depositos lacustres e calcareos recentes. Em um mappa geologico dos tres Estados, por Crandall e H. Williams, na escala de 1 para 3.000.000, ficou consignada a distribuição dessas quatro series geologicas e as occurencias das rochas graníticas.

Em trabalhos posteriores H. Small, continuou o estudo do permo-carbonifero no Piauhj juntando as occurencias dos "Psaronius" anteriormente assignalados á de uma "Sigilaria" (64). Os relatorios de Small e os de Soper ⁽⁶⁵⁾ consignam uma serie de observações de detalhe relativas á geologia dos Estados do Nordeste e a do Sergipe e Bahia, como os de Waring occupam-se especialmente das condições de supprimento d'agua.

A "Expedição Stanford" ao Brasil em 1911, chefiada por Branner, tinha por objecto o estudo de certos problemas geologicos e biologicos da costa do Brasil, em relação com a sahida da corrente volumosa do Amazonas no oceano, e embora não attingido o fim em vista, devido a difficuldades de navegaçãõ, foram feitas varias observações geographicas e gtologicas no Rio Grande do Norte, por Jenkins, e por Branner no Ceará, na Bahia, em Sergipe e Alagõas. Um dos resultados mais interessantes foi a determinaçãõ por David White de uma planta fóssil do geilero "ALethopteris" pertencente provavelmente ao terreno carbonifero e reco-

(62) C. K. heith and C. H. Harder — Hematite ores of Brazil and a oomparison with hematite ore of hake Superior. *Economic Geology*. Vol. VI. 1911.

C. H. Harder e Chamberlain — Geology of Central Minas Geraes. Brasil. *Journal of Geol* Vol. XXIII. 1915.

(63) Roderic Crandall — Publicaçãõ n.º 4. Serie S. D. E. da Inspectoria de Obras contra as Seccas. Rio. 1910.

(64) H. Small — Geologia e supprimento d'agua no Fiauhjr e parte do Ceará. Publ. n.º 32 da I. O. c. Seccas. 147 pgs. 1914.

(65) R. H. Soper — Geologia e supprimento d'agua no Rio Grande do Norte e na Parahyba. Publ. n.º 26 de I. O. c. Seccas. — Idem no Sergipe e na Bahia. Publ. «." 34 da I. O. c. Seccas. Julho 1914.

lhida em Aracy, na Bahia. O prof. Zeiller, em Pariz, já havia reconhecido o genero em amostras que o autor deste escripto lhe apresentara pessoalmente, mas a primeira descripção publicada é de White que dedicou a especie ao dr. Branner ⁽⁶⁶⁾. O trabalho de Branner relativo á serie que denominou da Estancia ⁽⁶⁷⁾ e que ocorre no nordeste da Bahia, etn Sergipe e Alagoas, por uma grande superficie merece especial referencia por alargar ainda mais a area já reconhecida da serie do permocarbonifero no Brasil, que constitue realmente a serie brasileira por exoellencia, como já muito anteriormente previra o autor deste escripto ⁽⁶⁸⁾.

Merecem aqui especial referencia a recente publicação de Waring relativa a certas feições estruturales do Nordeste, e que contém observações systematicas da direcção e inclinação das rochas crystallinas daquela região.

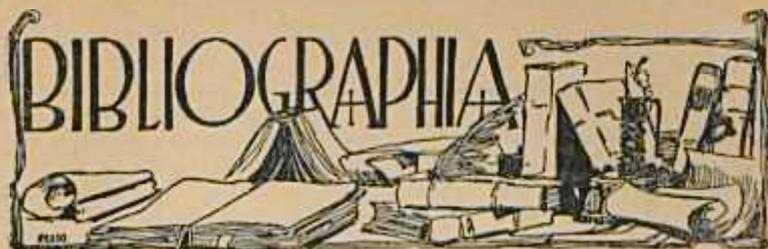


(66) *David White* — A new fossil plant from the State of Bahia. *Amer. Journal of Science*. Vol. 35. pags. 633, 636.

(67) *J. C. Branner* — The Estancia beds of Bahia, Sergipe and Alagoas. *Amer. Journal of Science*. 4th Series. VI. XXXV. Jure 1913.

(68) *Arrojudo Lisboa* — The Permian Geology, etc. Trabalho citado, pag. 442-443. — Os seixos facetados, annaes da Escola de Minas, n.º 8. 1916. pag. 37.





*João Pinto da Silva — PHY-
SIONOMIAS DE NOVOS —
Ed. Monteiro Lobato & Cia. —
São Paulo — 1922.*

Na critica nacional, João Pinto da Silva é um nome. Auctor de vários livros, todos muito apreciados, dispensa encômios. Suas obras se recommendam por si, pelas qualidades raras que o escriptor lhes communica. Assim, a um seguro critério julgador, allia João Pinto da Silva um grande poder de sympathia e solida cultura, perfazendo uma personalidade, que se impõe.

"Physionomias de novos" revela bem essas qualidades, entre as quaes é digna de menção especial a sua brava independencia mental. De facto, João Pinto da Silva não se fez, como tanta boa gente, escravo da erudição rotulada de cultura. Ilustrado e culto, pensa pela própria cabeça, com ideias próprias, originaes e brilhantes.

O estudo intitulado — "Escola paulista?" — é uma prova do que dizemos. Observando a vida nacional, na sua historia e nos factos sociaes do presente, encarando o meio paulista com uma visão larga do seu aparelhamento e da sua vitalidade, chegou à comprehensão perfeita do "caso literário" de São Paulo no Brasil.

Existe uma "escola paulista?" — pergunta. E, sem negações peremptórias de critico incontestável, nem exageros complacentes, conclue: — existe hoje uma "escola paulista" como existiu outrora uma "escola

mineira". E' tão simples a resposta...

Com esse estudo, revelador de uma capacidade de synthese invulgar, de observação e intelligencia das coisas, João Pinto da Silva firmou os créditos da sua autonomia mental, que lhe permite ver com os proprios olhos e julgar por si.

As "Physionomias" traçadas são as de Ronald de Carvalho, Alvaro Moreyra, Eduardo Guimaraens, A. Carneiro Leão, Mansueto Bernardi, Maria Eugenia Celso, Isolino Leal, Homero Prates, Carlos Maul, Pedro Vergara, Roque Callage, Aracy Dantas de Gusmão e dos escriptores paulistas Monteiro Lobato, Hilário Tácito, Godofredo Rangel, Guilherme de Almeida e Léo Vaz.

*Gabriel Marques — OS CON-
DEMNADOS (Collecção Brasília)
— Ed. Monteiro Lobato
& Cia. — São Paulo — 1922.*

A emoção em literatura não está tanto nos factos como na maneira de os apresentar e expor. A arte do imprevisito não é exactamente a arte do inaudito. Uma tragedia não é tragica sinão pelo desfecho. Mas o desfecho é o fim, não é o todo, muito menos o começo... "Enganar" esse desenlace é toda a arte de narrar.

Gabriel Marques, entretanto, não se contenta com o imprevisito. Vai ao inaudito, desde logo, sem muito preambulo. Espirito em que predomina a imaginação, tem a phantasia fértil. Tudo se lhe apresenta em mysterio, cujas dobrac guardam

sempre uma tragedia inédita. Para elle, o mundo real não existe na sua vulgaridade. O trivial da vida reveste-se sempre, para elle, de um caracter violentamente excepcional. O que para outros seriam dois gemeos, simplesmente, para elle são xyphopagos. Um marido ultrajado complica-se em carrasco século XX: encarcera a infiel entre paredes que são espelhos e a adultera, si se suicida, é cortando os seios com uma faca de cortar pão... Horror sobre horror, assim vae o livro até o fim.

"Os condemnados" é livro que promette outros, em que o auctor apure as suas excellentes qualidades de narrador, de que nos dá, neste, mostras muito apreciáveis.

Em edição popular, o volume consta das seguintes novellas: — "Os condemnados", "Os espelhos", "Um homem de brio", "O filho do antro", "Ecce Homo", "Alaria Luiza", "Um caso excepcional", "Dentro da noite", "Tentação", "Uma rapariga alegre", "Mãe", "A caveira" e "O amigo do coração".

Xavier Marques — O FEITICEIRO — Ed. Leite Ribeiro — Rio — 1922.

"O feiticeiro", de Xavier Marques, um dos romances mais completos que já se escreveram no Brasil, passa-se na Bahia, em tempos da escravidão.

E', porisso, um romance "regional" ?

Talvez... para o curioso critério moderno de critica, que distingue duas literaturas: — a da Avenida e a do sertão. O sertão começa, onde acaba a Avenida. Ora, a cidade do Salvador está a alguns dias do Pharaux. Logo, sertão. Portanto, "regional" a sua literatura...

Nós, porém, que não temos tamanho tacto para essas subtilissimas distineções, entendemos que "O feiticeiro" vae occupar um dos melhores logares entre os livros nacionaes.

Bem urdido, bem escripto, como, todos os romances de Xavier Marques, é de leitura cheia de interesse.

Os costumes da Bahia, ao tempo da acção, vivem nas suas paginas com intenso vigor. Algumas dessas paginas, como as que descrevem a iniciação de uma "filha do terreiro", o "candomblé", são de extraordinário vigor, modelos descriptivos, repassados de verdade e de emoção.

No "Imparcial", de 10 de janeiro, escreveu João Ribeiro, cujas palavras, data vênica, fazemos nossas:

"Nessas quatrocentas paginas ahi está debuxada ao vivo a Bahia, a velha cidade, a mais brasileira de todas as nossas agglomerações de gente, a mais pittoresca, a mais expressiva, a mais intima e espiritual uo nosso povo.

Com as suas mil egrejas, sua religião sonora de sinos e carrilhões obsessantes, com as suas festas populares, com os resquícios ainda vivos da raça escravizada, com os "candomblés" e os feitiços, Roma branca e Roma negra, ao mesmo tempo, ainda não perverteu a Bahia (e Deus queira que o não perverta) a originalidade do seu typo tradicional, antigo e magnifico.

No Brasil, a Bahia é a única cidade que vale a pena vêr. Europeizou-se, desde as suas origens, vagarosamente sem desaparecer e sem desertar do seu proprio typo ancestral. Por ella só, é possível reconstituir a civilização antiga e moderna de todo o Brasil.

E esse aspecto essencial encontramos na paisagem, nos cenários e na vida de cada instante, retratados com admiravel fidelidade e exacção no romance de Xavier Marques.

Este livro que é ao mesmo tempo um documento social e anthropologico, revela ao que o não conhece, a vida subterranea da raça negra que com os seus "candomblés", o seu feiticismo primitivo misturado ás praticas christans, ainda exerce um enorme prestigio na sociedade bahiana.

E* um engano suppor que alli as classes cultas estejam immunes daquelle contacto. A Bahia sem o feitiço seria o mesmo que a Bahia sem o catholicismo, um ente imperfeito e incompleto. Um dos encantos daquelle terra é a dupla personalidade, euro-africana toda feita de meiguice, devoção, força e mysticismo.

O — "Feiticeiro" — de Xavier Marques revela-nos essa união intima entre o drama psychico, o drama branco e universal de dois amores e a contribuição do sentimento sobrenatural do "yoruba".

O "terreiro", as gamelleiras "tahús", as feições da "alma nagô, bonacheirona



sóbria, submissa e jovial" lançou sobre a alma plebeia o banzo melancólico, a tristeza, a nostalgia, temperadas pelo syncretismo religioso.

"Havia alli quem o não conhecesse, o ecio percuciente e infindável do "baizam" africano?"

"Quantas vezes noite alta e calma a atmosphera, não chegava, esse ruído de uma cadencia inquietadora até o coração da cidade, até o ninho das Pombas, até o leito de outras mais selectas damas, povoando-lhes o pensamento e o somno de larvas negras e sonhos abracadafricos?"

Como quer que seja, as pessoas do nosso drama, ainda que quasi, todas, da nobre raça branca, pagam esse tributo da superstição larvada de seu meio. Quando sobrevem accidentes, desgostos, ausências inexplicáveis, amores fugitivos ou desdenhosos, não ha remedio senão recorrer ao feitiço, ás casas da fortuna, aos infectos e lobregos templos africanos e aos seus grosseiros manipansos para achar um lenitivo e esperança ou para dar volta ao infortúnio.

E' principalmente no frágil coração das mulheres que se perpetua esse culto inferior. Os negros nagôs sabem que tem na sociedade limpa numerosos "ougans", isto é, amigos protectores e talvez semi-crentes.

As superstições e praticas africanas e seus estados de alma deixaram vestigios nos costumes e na linguagem: a "quisilia", o "calundú", a "troca de cabeça", etc...

Nesse livro de natureza compósita vamos encontrar capitulos de interesse para o estudo da vida popular, além das credences negras; e taes se nos afiguram dignas de attenção as paginas magistraes escriptas com grande sentimento da realidade a proposito das eleições e das vergonheiras eleitoraes, as das festas da Lápina, do Bomfim e do — "Dois de Julho" — que constituem episodios regionaes do livro.

Por outro lado os typos do romance desenham-se com grande naturalidade: o de Pomba a namorada de Salustiano, mulata, typo intermedio bantu-europeu, o de Laly, branca supersticiosa, sempre desanimada dos seus ideaes de felicidade, Paulo, soeptico, que succumbe nas occasiões difíceis, Amâncio o espirito menos pratico possível para qualquer "arrivismo". Entre essas almas frágeis parece que a de Dona Branca é a que conserva mais dignidade e equilibrio.

Felizmente, o romance acaba com a alegria de todos e a satisfação de todas as esperanças, tantas vezes duvidosas e incertas.

Mas, uma nota melancólica sublinha «sse epilogo: é a morte do feiteiceiro, do tio Elesbão, o velho preto, o mago nagô <que tantas complicações urdira. Morria com as suas honras sacerdotaes, na ridiculez que desperta entre os "gavroches" da cidade o enterramento do pobre diabo:

Negro gêge quando morre
Vae na tumba de bangüê
Os parceiros vão dizendo:
— Urubú tem que comê.

Costumam cantar esses versos com a musica de Offenbach, do "Orpheé aux enfers".

Ocu babá,
Ocu gelê
Negro najô
Virou sarnê.

Já se vê que Paris e a civilização deram pelo menos a musica do necrologio facêto.

"On finit toujours par des chansons".

Encãs Ferraz—HISTORIA DE
JOÃO CRISPIM — Livraria
Schettino — Rio — 1922.

Houve um tempo em que todo bêbado era philosopho. Na verdade, não havia bêbados: — bohemios é como eram chamados. Dahi a philosopho, um instante.

Mas esse tempo passou. A semi-embriaguez que produzia no leitor um typo de êbrio, tornou-se indifferença. Ninguém mais se inebria da ebriedade alheia, assim pelos olhos... O velho bohemio, reduzido ás suas justas proporções, é hoje absolutamente desinteressante. O borracho, pelo seu aspecto sentimental, é um deslocado no século... Não o comprehendemos sinão como tarado.

O bello espirito de Enéas Ferraz ficou, entretanto, na antiga concepção romantica. E' um dos derradeiros entusiastas do êbrio inspirado e genial, que, quanto mais alcoolisado, mais génio revela... — absurdo perante o bom senso como perante a sciencia.

A "Historia de João Crispim" é a chronica de uma vida bohemio nos moldes dessa. João Crispim é o philosopho das tavernas e dos pardieiros: quanto mais bebe, mais talento revela, quanto mais chafurda, mais interessante. Afinal, morre sob as rodas de um automovel, roubados os seus bolsos pelo chinez a quem ainda ha pouco dera cinco mil réis.

O auctor é pouco cuidadoso no estylo e... na grammatica.

A. de Sampaio Doria — *COMO SE APRENDE A LÍNGUA* — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

O douto pedagogista dr. A. de Sampaio Doria, uma das mais lúcidas intelligencias da moderna geração brasileira, aparelhada de uma vasta cultura, acaba de editar com os srs. Monteiro Lobato & Cia., um livro notável, com o qual reafirma o seu systema de idéas referentes á educação e ao ensino. De facto, "Como se aprende a lingua", inspirado em principios admiraveis de psychologia, vem revolucionar o mundo pedagogico, não só em São Paulo, onde o doutrinamento está feito pela cathedra do professr e do director da instrucção, mas onde quer que as coisas do ensino sejam assumpto de cogitações. O dr. Sampaio Doria resolve com simplicidade o problema do ensino da lingua materna, rompendo com toda a rotina.

Não se ensina a lingua — entende, o dr. Sampaio Doria — começando pelas vogaes, nem pelas syllabas, nem mesmo pelas palavras. A escola paulista, adoptando o methodo analytico, já invertera essa ordem, ensinando a lêr pela phrase e pela sentença. Ja ahí houve, decerto, a influencia do professor de Pedagogia da Escola Normal. Proseguindo na ampliação desse pensamento inicial, o dr. Sampaio Doria voe além, desdobrando-o no correr do curso de linguagem, de modo a ensinar a lêr, a assimilar a lingua e a usal-a, pois, não basta saber lêr sem assimilar a lingua para servir-se delia. Cumpre proporcionar á criança os tres passos, racionalmente, para que, afinal, tenha o espirito normalmente desenvolvido. Assim, as aulas da lingua vernacula se tornam poderosíssimo factor de educação mental, de comprehensão e de lógica, o que é o mais bello e o mais alevantado escopo da instrucção.

"Como se aprende a lingua", livro que compendia instrucções que

deveriam ser dadas pela Directoria da Instrucção Publica, quando o auctor a occupava, institue o ensino da analyse lógica antes da analyse grammatical. Por esse processo, o alumno aprende a distincção entre as partes do discurso, levado a distinguir naturalmente o substantivo do verbo, o nome do pronome, o adjectivo do adverbio.

Resolvem-se, assim, vários dos-mais complexos problemas das aulas da linguagem: — evita-se o horror á grammatica, ensina-se a lingua, educa-se a intelligencia.

"Como se aprende a lingua", livro que lança as bases de um novo ensino, praticavel não só entre nós, mas no seio dos outros povos, terá seguimento em livros que dizem mais comnosco, com a nossa lingua e literatura.

Carlos S. de Mendonça — *O' SPORT ESTA' DESEDUCANDO A mocidade Brasileira* — E. Brasil Editora — Rio — 1921.

O auitor, filho de Lucio de Mendonça, herdou as nobres qualidades-paternas e possui aicm disso uin icrte espirito combativo. Seus livros são sempre campanhas e-n que elle mergulha cheio de ardor e coragem. Neste declara g-ter-a ao< sport e lhe dá combate impiedoso, desferindo golpes para todos >s !a-dc-s. Mas não cremos qui a raz'io< esteja com elle e que sua campanha resulte benefica. "em razão quando aponta e ataca os excessos do sport e ainda a sua má orientação. Mas, que excesso não é utn mal? Quanto á má organização isso é consequencia da falta de adaptação de que, como cousa recente, o sport é victima entre nós, mal que o tempo ha de corrigir fatalmente. A experiencia abrirá os olhos ofuscados, corrigirá os defeitos e o-sport dará aqui todos os fruetos beneficos que sempre deu nos paises civilizados.



Além disso a sua opinião que o *sport* deseduca a nossa mocidade implica a idéa de que é ella educada, *quod probandum...* Mas negará alguém que elle lhe dá mais muque? e que, a mentalidade permanecendo a mesma, é uni lucro real possuir homens que levantem cem kilos em vez de espirros de gente que só ergam vinte?

G. Bigourdan — GNOMONIQUE OU TRAITÉ THÉORIQUE ET PRATIQUE DE LA CONSTRUCTION DES CADRANS SOLAIRES — Ed. Gauthier-Villars & Cie. — Paris — 1921.

O conhecimento da hora exacta é evidentemente para nós uma necessidade continua: sem esse conhecimento, que seriam, por exemplo, os meios de comunicação?

Os relógios attendem perfeitamente a essa necessidade; mas, não faz ainda muito tempo, eram elles pouco espalhados, ao menos no interior, supprindo-se sua falta por meio de quadrantes solares, de que mui communs en'ão, e dos quaes se conservam especimens de typos e dimensões variadissimas. Um autor do século XVI pretende mesmo que era menos possível passar-se sem o quadrante do que sem comer e beber. Em meados do século XVIII, dizem autores do tempo, cada casa possuía seu quadrante, encontrando-se facilmente operários especialistas em traçal-os. Emfim, taes instrumentos ainda não foram de todo abandonados: actualmente, os de pequenas dimensões são mui procurados pelos colleccionadores, e os grandes quadrantes formam elegantes motivos de decoração architectural ou de ornamentação de jardins.

A todos quantos se interessam por esses instrumentos, o volume de que tratamos será de grande interesse. Após um curto historico, mostrando como se passou do

"gnomon" primitivo ao quadrante solar, encontra-se ahi, com numerosas gravuras illustrativas, a theoria desses instrumentos, de dimensões e de typos tão variados: quadrantes equatoriaes, horizontaes, verticaes, azimutaes, analemmaticos, etc. A parte pratica não é descuidada: indicam-se os instrumentos necessários, os meios de determinar a longitude e a latitude do logar, alternando-se com os numéricos os methodos graphicos.

O volume fecha por quadros ao alcance de todos, para mostrar as datas das Paschoas e festas moveis dum anno dado, no calendario Juliano ou no Gregoriano.

A. Chiappori—BORDERLAND — Buenos Aires — 1921.

"Borderland"! Bello titulo, dos mais adequados que conhecemos para um livro desta natureza, onde se romanceia a vida de creaturas" meio cá meio lá" como diz o povo. Chiappori, ja conhecido como critico d'arte, tendo dado na "Belleza Invisível" magnificas amostras da sua sensibilidade esthetica, capaz de todas as finuras, aborda aqui a novela, pela primeira vez. Mas escolhe para elementos deOlla personagens especialissimos, esses seres mysteriosos, precursores talvez da humanidade de amanhã e como que dotados de sentidos novos, ainda no vago, no indeciso, no inconsciente da formação. Não loucos, embora a loucura nos pareça, em innumerous casos, uma consequência da vida em "Borderland", a zona que separa os dois mundos, este physico que todos conhecemos e um outro, que presentimos, e que será no futuro tão conhecido como o primeiro.

D'ahi o estranho das suas novelas, que lembra a vida nos sonhos. E como o autor é um artista de finissimos quilates e sabe contper com mestria, o livro resulta ao mesmo tempo que farto, singular e estranho, lembrando por vezes o extraordinário romance de J. A. Noqueira, "Amor Immortal".

Osorio Casar — A CHIMICA DA VIDA (Ensaios philosophicos) — Ed. Vieira dos Santos & Irmão — São Paulo — 1922.

O volume "A chimica da vida", com cerca de cento e vinte paginas, impressas em magnifico papel, honra os seus editores, bem como as artes graphicas de São Paulo. E' uma luxuosa brochura, ornada com uma linda capa, que não faria má figura num livro de versos.

Não é, porém, de poesia que se trata, mas de sciencia. Os "ensaios philosophicos" do sr. Osorio Casar são alguns capítulos da chimica e da biologia, sem outra philosophia senão a que se contém nos phenomenos expostos e que nelles se conserva á es-pera do philosopho. De resto, sem fins didácticos nem literários, que, uns e outros, não se lhe percebem, "A chimica da vida" seria uma obra de vulgarisação si não fosse materialmente rica e si não abundassem no mercado as bibliothecas de Educação Scientifica.

Altamirando Requião •— CONSCIÊNCIA E LIBERDADE (Critica polygraphic) — Ed. Livraria dos Dois Mundos — Bahia — 1922.

"Consciência e liberdade" é um conjunto de artigos sobre vários assumptos, taes como politica, litteratura, arte e factos locais que fizeram ruido na cidade que lhes foi theatro, a Bahia. Em todos, do primeiro ao ultimo capitolo, o fogaoso jornalista, como é elle comprehendido em nosso paiz, se revela nitidamente: um grande ardor, um santo entusiasmo forrado de uma linguagem tão correntia quanto violenta. Nem é tanto o jornalista, como é o polemista. Comtudo, o illustre escriptor bahiano se conserva sempre em nivel elevado, sem descer ao theor da polemica de campanario.

"Mesologia ethnica e diagnose social" intitula-se o primeiro estudo

do livro. E' um titulo "difficil", uma bomba para espantar o indígena, que olha para aquillo e não entende nada. Compreenderá, porém, desde que leia. O escriptor se revolta contra a imprensa que commémora o 13 de Maio... Pois si essa mesma imprensa é responsável pelo atrazo com que se fez a abolição... A proposito, o autor ataca com desassombro as instituições e os governos aciuaes: não somos uma nação; somos menos que uma tribu.

Outro capitolo traz o titulo: — "Republica de sclerados!" com a epigraphe — "Allocação civica, para um comicio popular". Esse discurso começa: "Senhores! Maldicta a Republica que nos conduziu até aqui! Maldicta, sim, com todas as suas deturpações odiosas..."

Eis ahi, neste ou naquelle trabalho, puras indignações generalisadas, soltas, atiradas ao ar como bombas. Já era tempo de termos deixado o genero, exactamente o mesmo em que foi fertil Silva Jardim e de onde sahiu esta "maldicta Republica". Generalisar sobre indignações é um processo errado, positivamente. Não é com raciocínios de paixão descabellada, (si é possível reunir essas palavras) não é com essa lógica vulcanica que alguma coisa melhor se fará deste paiz. Essas tempestades são excellentes para augmentar a confusão e o des-crédito do genero.

A cada caso a sua solução. De resto, mais ideias nos juizos de conjuncto, menos descomposturas e m?is serenidade não nos farão mal.

Ou tamanha differença irá entre São Paulo e a Bahia que os sentimentos bahianos não nos sejam accessiveis?

Charles Steinmets — L'INDUSTRIE ÉLECTRIQUE — Ed. Gauthier-Villars & Cie. — Paris — 1921.

Os Srs. Gauthiers-Villars, editores em Paris (55, Quai des Grands Augustins) publicam neste volume, traduzido do inglez por Benjamin



Giraud, o trabalho de Charles Steinmetz sobre a industria electrica.

Esta obra, já em 5.ª edição no idioma original, trata da produção, controle, transmissão e utilização da energia electrica, encerrando-se com um estudo sobre a influencia da electricidade na civilização moderna.

O volume in-8, com 195 paginas, é illustrado com 50 gravuras.

J. B. Pomey — *ANALOGIES MÉCANIQUES DE L'ÉLECTRICITÉ* Ed. Gauthier-Villars & Cie. — Paris — 1921.

Publicam-se neste volume as conferencias que, perante os alumnos do curso de telegraphia sem fio da Escola Superior de Electricidade de Paris, fez o sr. J. B. Pomey, engenheiro-chefe dos Telegraphos da França.

Como o indica o proprio titulo do volume, occupa-se o A. de questões pertinentes á mecanica e á electricidade, principalmente das theorias de Maxwell e Bjerknès e das exposições de lord Rayleigh, Gutton e Blondel.

Pedro Costxi — *ALAOR E OC&DE* — Ed. Loester & CL. Bahia — 1922.

"Em bons terrapos que já la se foram, um bello principe do Oriente, chamado Alaôr, que aqui para o Brasil viera em peregrinação não bem definida ou revelada, e pasáara modestamente incognito como simples pianista, apaixonára-se em uma estação balnear, por uma galante menina da plebe, mocinha estheticamente formosa, mas que não soubera aquilatar-lihe de antemão o dedicado e desinteressado amor, bem como o valor subido de sua mui nobre personalidade.

Entretanto, annos depois e já «nuito melhor educada e instruída, ella que o despresára de um modo mui decidido e franco, senão cruel — é irresistivelmente atrahida por eile, ao encontrai-o mysteriosamente modificado »em toda a sua anterior idiosyncrasia... "

Essa é a "lenda" que fornece argumento ao poema lyrico de Pedro Costa, de São Bento de Lages.

"Alaôr e Ocède" começa, naturalmente, em "Preludio" :

Reina o silencio mui privativo
Das altas culminancias do oriente...
E que eu interrompo.

Muito gentil leitora
Ou attento leitor,
— Meu prezado senhor,
Minha virtuosa senhora —
Eu, Alaôr,
Deixando o leito,
Deixando o lar,
Com o desejo amplo
De saber,
Já passo ao campo
Ao coração da natureza,
Almoxarifado da belleza —
E amphitheatro da grandeza
— Para aprender
Com santo ardor,
A minha lição de amor.

Como se vê, lá do seu retiro no sertão bahiano surge um poeta de envergadura que não pede meças aos próceres do nosso ultra-civilizado futurismo. "Já passo ao campo, ao coração da natureza, almoxarifado da belleza..." Eis ahí. No Theatro Municipal não esfuziou imagem equal, com ta! vigor realista e tal senso do futuro.

Dia virá, de facto, em que a natureza será como uma repartição publica de deposito, em que as cores serão dispostas em caixinhas de luxo, as flores empilhadas aos molhos pelos cantos, as paizagens distribuidas em feixes de claros para um lado, feixes de escuros para outro e, de permeio, novos feixes furta-côres de claros-escuros.

Perfeito almoxarifado^ donde, com um simples requerimento, Sellido e assignado, se retirará, grátis, um pouco de côr para um quadro, flores para a rhetorica e luzes para as paizagens. Mecanismo admiravel, a arte futura, mecaraisada como a vida e como a mesma vida, automaticada, será feita por supprimentos democraticos, egualitarios de belleza, talento e gênio. Esse, decerto, é o sentido da imagem: —



"natureza, almoxarifado da beil-za".

O novo chefe futurista tem paginas que fazem inveja aos nossos, desbancando, a léguas, as melhores da "Paulicéa desvairada". Eis alguma coisa como a dança dos tan-garás:

"Estala" o canariol
— Trinos! Trinos, Trinos!
Repentinos!
Peregrinos!

E a cuyuba "chilreia"...
(E' bardo de aldeial)

Mas outro alado vâe, e repete um "rosário":
— Maridol... Marido!... Marido-ê-dia?!...

Ma-ri-do-ê-dia?!...

Ma-ri-do-ê-dia?!...

(E como "delle" o canto com a hora con-
C diz!)

E lá stá uma que á luz diz:
— Surgi! Surgi! Surgi!
E enquanto este assim clama,
Acolá já um outro exclama:
Bem-te-vil! bem-te-vil bem-te-vil!

Ah! desperta I Natureza
Almoxarifado da belleza!...

*Gastão Franca Amasal — AS
BELLAS-LETTRAS — Livra-
ria Azevedo — Rio — 1922.*

Em seu ensaio "As Bellas-I-etras", o sr. Gastão Franca do Amaral desenvolve ideias apreciáveis sobre literatura, sua compreensão, sua utilidade e relações com as outras artes. Desenvolve — dissemos — porém, não errariamos se, ao contrario escrevessemos — concentra. Pois, de facto, os altos temas da critica o autor os per-lustra rapidamente, tocando em todos, em synthese, para nos dar um quadro summario de conjuncto.

Não pretendemos, com isto, apoucar-lhe o trabalho. As suas boas qualidades de estudioso estão patentes na sua obrkiha, seja pelo espirito critico, seja pelo methodo de analyse, seja ainda pelo estylo — onde vae o seu melhor elogio — de uma grande sobriedade.

*Alberto Veiga — O DECLIVE
— Typ. Instituto — Santos —
1921.*

"O Declive" é um livro bom. Pelas ideias e pela composição faz jus, perfeitamente, ao qualificativo.

Livro de ensinamento moral, va-sa-se nos mais sãos dos princípios ethicos, recorrendaado-se á lei-tura e meditação da mocidade.

O fim visado pelo autor está nas seguintes linhas do prefacio:

"Nas linhas aqui escriptas não se pretende, roçando pela impertinência e até pela ingenuidade par-voa, que a mocidade se retraia hu-milde, laboriosa e abstimente sem derivativos para o espirito absor-vido, durante toda unia semana de afazeres, em trabalho material e embrutecedor". E mais adiante:

"... o que se lhes diz é que todo excesso é um erro funesto, com repercussão próxima ou remota e que entre o uso e o abuso vão distanc.as inteiras"

Como se vê, é um livro são.

*Roque Callcúe — RINCÃO —
Ed. Livraria Brasil — Porto
Alegre — 1922.*

Roque Callage, autor de vários livros, apresenta-se em "Rincão" como um bello escriptor, cheio de vigor na concepção e no estylo. E' um "contador", que conta coisas com propriedade e relevo, ùs seus quadros da vida gaúcha são vivos, bem delineados e animados de um romanesco e dramaticidade, que agradam sem exceder da medida. O senso artistico do autor não o deixou cair na tentação da bravata fácil e o heroísmo derramado, tão communs na pintura dos nossos heroes do matto ou do campo. Paginas heróicas, não faltam em "Rin-cão", narradas, porém, com verdade humana. Os recontos da fronteira, propnios á manifestação da detes-tável patriotice literaria, fornecem

Ihe matéria para a apresentação de scenas e typos, que, na justa medida são os ignorados campeões da nacionalidade no extremo sul, na lucta diuturna da vida, sem que degenerem em semi-deuses irrisorios na sua invulnerabilidade.

A labuta dos pampas offerece ao autor o thema de narrativas e descripções cheias de pittoresco.

"Rincão" é livro que interessa o leitor.

RECEBEMOS:

"Revista de Cultura Religiosa", de Campinas, dirigida pelos srs. Epaminondas Mello Amaral e Miguel Rizzo Júnior, com a collaboração dos srs. Américo de Moura, Ottoniel Motta, Bento Ferraz e outros.

"Vozes de Petropolis", revista religiosa, quinzenal, com artigos de Viveiros de Castro e Fr. Pedro. Sinzig.





ARTES E ARTISTAS

A Camara Municipal de Santos teve a idéa feliz de collocar em sua sede o retrato da Princesa Izabel, como justa liomenag-em á excelsa redemptora dos escravos. E acertou escolhendo para executal-o ao pintor Angelo Cantu, de quem a Reviste reproduz neste numero não só essa tela como diversas outras, todai retratos. Artista seguro, firme e elegante no desenho, compositor de altas qualidades, é, entretanto, no retrato que Cantu culmina, tendo-os executado, numerosos, na Italie e aqui. Neste, da princeza Izabel, concorriam difficuldades sérias. Retrato posthumo, com relativamente pouco material consultivo de valor artistico, dada a exigencia restrictiva de fixar as feições que a princeza tinha no anno da abo-lição, todos os obstáculos venceu Cantu com viva gallardia praças á funda comprehensão que tem elle da sua arte e graças também á sua probidade. Conseguiu- compor uma tela que á fidelidade possível do aspecto physico dá o retrato psychologico da princeza regente. Sua bondade, sua simplicidade de maneiras, sua aversão ao luxo do vestuário e ao excesso de jóias transluzem do quadro de maneira flagrante. E como, tecnicamente, a pintura é um documento excellente da * valia do artista, a obra resultou desses rasgos felizes que os pintores tem poucos na vida. Necessitando de um testemunho pessoal sobre esse retrato conseguiu Cantu que viesse vel-o a veneranda baroneza de Loreto, amiga intima da princeza, obtendo delia a carta abaixo transcripta, muito honrosa para o pintor.

S. Paulo, de Março de 1922.

Illm. Sr. Cantu

Profundamente commovida vi o bello quadro a oleo que representa a Augusta Princesa Izabel, a Redemptora, na época da Abolição, 1888.

Apreiei bastante esse retrato e admirei-me que V. S., tendo apenas informações e photographias, conseguisse reproduzir com tamanha fidelidade a doce physionomia, o porte esbelto e tudo

quanto diz respeito á Magnanima Senhora Condessa d'Eu, em trajas de Corte.

Queira, Sr. Cantu, aceitar os parabéns e cumprimentos affectuosos da

Baroneza de Loreto.

MARTIM FRANCISCO

Suas 30 lições

Em um artigo publicado no "Jornal do Brasil" do Rio, o dr. Martim Francisco estabelece as seguintes lições:

- 1.*-Não mentir.
- 2.*-Não provocar, nem recuar.
- 3.*-Não opinar sem ser tconsultado.
- 4.*-Não prometter depressa.
- 5.*-Não se vingar, nem distender ressentimentos.
- 6.*-Não abusar de álcool e de credores.
- 7.*-Não estar na cama depois do nascer do Sol.
- 8.*-Não ficar serio quando os outros rirem.
- 9.*-Não confundir verso com poesia.
- 10.*-Não responder no mesmo tom á primeira indelicadeza.
- 11.*-Não discutir durante as refeições.
- 12.*-Não ser o primeiro a experimentar remédios novos.
- 13.*-Não ler mensagens presidenciaes.
- 14.*-Não reclamar contra impostos.
- 15.*-Não citar trechos latinxs a convalescentes.
- 16.*-Não se julgar prejudicado pela felicidade alheia.
- 17.*-Não contar com obséquios completamente gratuitos.
- 18.*-Não responder a uma pergunta indiscreta senão com outra.
- 19.*-Não conceder ao bom senso alheio mais de 33 %.
- 20.*-Não repetir serviços a um ingrato.
- 21.*-Não deixar de ler diariamente o obituário.
- 22.*-Não replicar a grandes asneiras.
- 23.*-Não empreistar a tratantes grandes quantias.
- 24.*-Não diminuir intimidade com o sabão.
- 25.*-Não prezar os homens pela carteira mas pelo caracter.

- 26.*—Não empreitar brigas alheias-
 27.^a—Não disputar, nos enterros, a alça do caixão.
 28.^a—Não acreditar em religiões, respeitando todas.
 29.^a—Não almoçar pouco nem jantar muito.
 30.^a—Não falar sem pensar.

AUTO-BIOGRAPHIA DE VICENTE DE CARVALHO

Palestra proferida na Escola Normal do Braz.

Minhas jovens patricias.

Por gentileza que não sei como agradeça, quizestes prestar com esta lindíssima festa affectuosa homenagem a um dos nossos poetas. Mas exigistes delle que, a proposito disso, vos dissesse alguma cousa de si mesmo. E* uma graciosa travessura que a victima tem de afrontar sorrindo...

Procurarei com cuidado não ser maldizente. O poeta de quem quereis que vos fale nunca me fez mal Quando descambivm em pleno delirio os exageros românticos, os poetas lastimavam-se com amargura de o serem. Zorrilla escreveu que

El poeta en su mission
 Sobre la tierra que habita
 Es una planta maldita
 Con fructos de be-ndiccion.

O nosso grande Gonçalves Dias, ainda verde em annos, affirmou num dos seus prefácios que punha grande empenho em acabar com a desgraçada vida de poeta. Eu nunca tive essa ambição. Nunca pensei que fazer versos fosse uma desgraça. Nem mesmo que fosse um defeito. Nunca me envergonhei do vício de rimar sinão quando, e muitas vezes me tem acontecido, reconheci que rimára detestavelmente. Não lastimo como perdidas as horas que empreguei a versejar; nem choro como desperdiçada toda a porção de alma que nessa tarefa venho ha tantísimos annos gastando. Não considero a poesia como um veneno. Para mim não o tem sido. Nem o convívio com as musas me priva de viver como vive o commm das pessoas que têm juízo; nem morri moço, como foi moda em poeta de varias gerações. Dizem que morrem cedo os amados dos deuses. Eu devo agradecer aos deuses o seu desamor. Os poetas precisam envelhecer: só um poeta velho poderia receber, minhas jovens pitricins, esta demonstração de sympathia que não vos acanhaes de manifestar-me. Não me festejaes, e não correis o risco de que ninguém o supponha, pe os meus bonitos olhos. O que achaes bonitos s"o os meus versos. Devo dissuadir-vos disso? Cabe aos vossos professores, e aos criticos, fazel-o. Não sou nem uma cousa, nem outra. Não me compete a obrigação de vos tirar desse erro. Si eu tivesse tal obrigação, talvez a cumprisse; mas havia de ser com grande dor de coração...

O que os meus versos me custaram, e têm-me custado muito, pois foi-se nelles boa parte da minha existencia, está largamente pago. A sympathia que aqui me estaes tão suavemente manifestando é uma das fórmas mais coramoventes da larga recompensa que tenho obtido. Eu escrevi algures com referencia á obra de um poeta:

"Um livro como este representa, e disfarça na simplicidade aparente e procurada dos seus versos, um esforço violento e duradouro. Não o produziu o meio-indifferente, sinão hostile; fel-o o poeta sosinho, desajudado, consagrando-lhe o melhor da sua mocidade, sacrificando por ella a bemaventurança tão cobiciada de se deixar viver, trocando a delicia fácil de apenas vegetar sobre a iterra pela anciosa tortura que é o desejo insaciavel da perfeição. Só explioa tão forte empenho em grangear tão modesto resultado como é um livro de versos aquelle fortíssimo instincto, profundamente humano, que se rebela contra a morte sonhando, para depois delia, uma continuação mortificada da vida. A ambição de deixar a sua alma echoando sonoramente em outras almas é, sem duvida, o incentivo dos poetas, e a illusãD de quasi tdos ell» 8 Que recompensa melhor promete alguma religião aos que estimula na incerta e penosa conquista do céu?"

Sou dos que alimentam essa illusão, e com ella se contentam... Mas o que me encommendastes foi uma auto-biographia; e eu tenho estado a tagarelar ao acaso. Ao fim de tudo que vos tenho dito, apenas sabeis por minha bocca que não sou modesto e não sou fingido. E não peccaria eu por ingratidão si me fingisse modesto deante da vossa sympathia, a que dou todo o apreço que ella merece, e que me enche de vaidade? A sympathia de vossa mocidade em flor pelo velho poeta que eu sou vale para o meu coração desvanecido, e é na verdade, como um começo de posteridade.

Quanto á minha biographia... Sabeis quando nasci. Conteio em versos ao

Mar, bello mar selvagem
 Das nossas praias solitarias:

Quando eu nasci, raiava
 O claro mez das garças foraisteiras:
 Abril...

Nasci em Abril. Quanto ao aranno... Attingi uma idade em que a gente já não gosta de falar da que tem. Eu sinto já saudade do tempo em que escrevi estes versos:



"Tu, moça: eu quasi velho... Entre nós
[dois, que horror,
Vinte annos de distancia. Entre nós dois,
[mais nada.
E hoje, pensando em ti, puz-me a so-
[nhar de amor
Sómente porque vi por acaso, na estrada,
Sobre um muro em ruina, uma roseira
[em flor...

Usei de todos esses rodeios para che-
gar á difficil confissão de que já não
sou... quasi velho. Nasci ha muito tem-
po, muito. Ha cincoenta e dois annos
que isso aconteceu. Musset dis-se pela
voz de um dos seus personagens:

Je suis venu trop tard dans un monde
[trop vieux

Eu diria, ao contrario:

Je suis venu trop tot dans un monde
[trop jeune.

Nasci em Santos.

Com esta declaração categórica pre-
tendo poupar ás sete cidades do nosso
littoral, de Cananéa a Ubatuba, o per-
derem tempo a disputar-se, no futuro, a
honra de ter sido meu berço.

Sou de antigo tronco paulista, mistura
remotíssima de sangue godo e sangue
guayaná... Da minha estirpe indigena
contei numa carta:

.....
Ai, no fundo não sou mais do que um
[bugre, eis tudo.
Corre abundante em mim sangue de gua-
[yanáy.
Veste-me a pelle branca o espirito des-
[nudo,
Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz
Que porventura herdei de algum avô
[beijudo.

Imagina que sou neto de algum cacique
Cuja vida feliz de nômade sem lar
"Tinha a alegre feição de um grande pi-
[que-nique;
E em cuja frente altiva as plumas de
[um cocar
Eram como a expressão ritual do ultimo
[Ichic;

Algum bugre feroz, cujo corpo bron-
[zeado
Mantinha a liberdade inata da nudez;
Que dormia tranquillo um somno des-
[cuidado
—Passivo, indifferente, enfarado talvez—
Sob o mysterio azul do céu todo estrel-
[lado.

Ignorando o pavor do vida extra-terrena,
"Tinha para o Futuro um olhar de imbe-
[cil;
E, passando na terra, inútil, em pequena
Viagem atravez da natureza hostil,
Vivia sem cuidado, e morria sem pena.

Vegetava feliz, sem lei, sem rei nem ro-
[que.
Sua única ambição era a fome vivaz,
Sua única riqueza — uma flexa e um bo-
[doque.
E abria-se num riso eterno e contumaz
O seu lábio—fendido ao peso do batoque.

Imagina tu, pois, a alma do avô selva-
[gem
Comprimida, esmagada, attonita, infeliz,
Mettida numa vasta e complexa engre-
[nagem
De deveres moraes e tramóias subteis,
De apuros de dinheiro e apuros de lin-
[guagem.

Vê si esse humilde e toscó espirito ima-
[ginas
Ao sabor de uma iturba em grita e em
[confusão,
Pela predica e o livro, os jornaes e as
[mofinas,
Arrastado em tropel—disputado em leilão
Em nome de tres mil Systemas e Dou-
[trina».

Imagina oaptiva, entregue, s-ubmettida
Aos caprichos da Moda e á exigencia das
[Leis,
Entre o encanto do Mal e a idéa da
[Outra Vida,
Entre o culto de Deus e o culto do Mil-
[réis,
E as pompas de um salão e o pó de uma
[avenida;

Ai, imagina assim a alma do bugre bravo
Meu avô — que, no matto, era o dono
[feliz
Do seu tempo vazio e do seu gosto igna-
[vo,
Que, era, emfim, o senhor do seu próprio
[nariz
— Alma livre que em mim reviveu num
[escraval

Alma apenas cap:z -de adejar, fugidica,
Em vãos le/es de um i az: d- beija-flor,
E obrigada a p.urar nas regiões da Jus-
[tiça
Como um corvo que scfe a, ceu todo
[esp'endor
Para, do alito, melhor lobrigar a carniça.

Ai, a alma do tupy, bem mal domesti-
[cada
A' macaqueação cabocla do europeu,
Conserva, forte e viva, a angustia de
[exilada,
A saudade fiel de tudo que perdeu,
Da floresta nativa, ausente e devastada.

Assim, de quando em quando assalta-me
[a cachola
Um furioso desejo ou do matto, ou do
[mar.
De vastas solidões onde ninguém me
[amola;
E, passaro captivo, eu fujo, a me escapar
Da Civilisação — como de uma gaiola.



Fujo, escapo, disparo através das viellas
Plenas de agitação, de attrictos, e de pó;
Salvo-me, aos esbarrões!, dando cêbo às
[canellas,
A ouvir a voz de algum decendente de
[Job
Que apregoa moral coberto de mazellas.

Liberto, a salvo emfim, penetro na flo-
[resta
Como num templo augusto habitado por
[Deus;
E ante o vasto esplendor da natureza
[em festa,
Sob a aureola em que a cinge a aboba-
[da dos ceus
Rendo-lhe a adoração que o meu olhar
[lhe presta.

Nem padres, nem altar, nem liturgia...
[Um côro
De aves canta a alegria ingênua de viver.
De longe em longe reza e resmunga um
[bezouro.
E sobe, como incenso, o perfume, a se
[erguer
Da sombra em flor do chão que o sol
[polvilha de ouro.

E, por um dia, ou dois, eis-me entregue,
[alma antiga
De bugre resurreoto, o olhar vago, os
[pés nus,
A' doce Religião da Natureza amiga...
Erro á toa: o primeiro atalho me conduz;
Ver o ceu me contenta: uma arvore me
[abriga.

Estendo-me na relva; e, na delicia ab-
[sorto
De se-ntir a alma leve, ôca, vazia., as-
[sim
Coso a beatitu.de inteira do conforto
De me deixar levar pelo tempo sem fim
Como um tôco sem vida a boiar num
[mar morto.

Não pensar, não querer... A ambição e a
[saudade
Adormecidas; morta essa illusão pueril
De fazer intervir no Destino a Vonta-
[de...
Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil
Que rôe a vida e vae tecendo a eterm-
[dade.

Na solidão do matto, esqueço, ignoro...
[Em summa:
Sou feliz: dou suêto a esta alma de alu-
[guel
Que vive, de auto em auto, a desfazer-
se em espuma.
E, livre do canudo atroz de bacharel,
Passo orgulhosamente a ser cousa ne-
[nhuma.

Sou, como vêdes declarado nesses ver-
sos, uma planta bem da nossa terra,
ura caboclo bem brasileiro, e que nun-
ca quiz e nem quer ser outra cousa.

Nascido em 1866, pouco depois, em
1885, publiquei o meu primeiro livro.
Eu tinha dezenove annos. O livro inti-
tulava-se "Ardentias". A sua publica-
ção foi uma estroinice de estudante. Era
um horrendo folheto em que versos de

adolescente appareciam impressos em
barrões...

Quasi tudo borrões, — aspecto e subs-
tancia. Eu aconselharia aos poetas jo-
vens que deixassem amadurecer a sua
poesia antes de a fixarem num livro.
As "Ardentias" custaram-me, mais tar-
de, uma penitencia que contei em pre-
facio aos "Versos da Mocidade", livro
organizado em 1909, e que appareceu
em 1912. Tive de refazer muitos dos ver-
sos que, com a imprudência dos dezeno-
ve annos, aventurara á publicidade em
1885. Quem os lesse, depois, na sua fór-
ma primitiva, não se lembraria para os
perdoar ao poeta,—de que eram versos
de criança. Comtudo, entre aquelles
versos viçavam, aqui e alli, algumas
imagens, algumas estrophes que eu me
senti mais tarde demostado pobre para
delias desfalcar o meu modesto patri-
mônio. Preferi concertar, mesmo á casta
de um grande esforço, aquelles velhos
versos que tinham sido como a toska
morada da minha alma de moço. Fui
impiedoso para com as "Ardentias", de
que fiz um outro livro. Mas conservei
delias, com carinho, o que me pareceu
que merecia ser conservado. Estas* duas
imagens, por exemplo, da poesia "Ne-
ver more", que eu escrevi, aos dezoito
annos, na illusão sincera e ingênua de
que um arrufo era como um fim de vida:

Um dia ergueste o vôo. O roseo torve-
linho
De uma existencia nova e eisp'endida
larrastou-te.
Voaste para a luz — e aqui fique sô-
tsinho
No fundo deste amor onde cahira a
[n>utr.

Hoje, meiga, talvez arrependida, voltas
Mendigando á minh'alma um pouco do
[passado.
Tentando reunir aquellas folhas soltas
Em que atiraste ao vento um sonho des-
folhado...

Eram também das "Ardentias" estes
versos desanimados que escrevi aos dez-
e-sete annos:

Eis o ninho abandonado
Dos sonhos do nosso amor.
E' o mesmo chão onde oscilla
A mesma sombra tranquilla
Dos arvoredos em flor.

E' o mesmo o banco de pedra
Onde, assentados, nós dois
Falámos de amor um dia.
Lembras-te? Então, que alegria,
E que tristeza depois!

Falámos de amor.. E sobre
Minh'alma arqueava-se o azul
Do teu olhar transparente
Como o ceu alvorecente
Das nossas manhãc do sul.

Quando eu partia, chorámos.
Toda a alma se me desfez.
Cada lagrima- cahida
Era uma folha de vida
Que eu desfolhava a teus pés.

Então amavamos tanto!
Tanto esquecemos apoz!
E de minh'alma, alto e doce,
Foi-se afastando... e calou-se
O ultimo som de tua voz.

Hoje volto... Tudo é o mesmo
Que quando amámos aqui:
Sombras, passabras,^ fragrancia,
Tudo me fala da infancia,
Tudo me fala de ti.

Abril desenrola em torno
Seu- esplendor festival;
Tudo é jubilo... No emtanto
Não mes'clas teu doce encanto
A este encanto matinal.

Não voltás.. pomba emigrante,
Ao ninho de onde se ergueu
Teu vôo, abrindo caminho
Em busca de um outro ninho
Sob o azul de um outro ceu...

E o pobre poetinha de dezesete annos
terminava desconsoladamente:

E aqui deixo nestes versos
O ultimo sonho de amor...

O ultimo... Talvez nem chegasse bem
a ser o primeiro....E' também daquelle
tenipo este simulacro de soneto que,
trinta annos depois que elle apparecera,
ou melhor, desaparecera, nas "Arden-
tias", tive o prazer, de ouvir recitado
de côr por Affonso Arinos:

DONA FLOR

Elilia é tão meiga! Em seu olhar me-
[droso,
Vago como os crepusculos do estio,
Treme a ternura como sobre um rio
Treme a sombra de um bosque si'en-
[cioso.

Quando, nas alvoradas da alegria,
A sua bocca húmida floresce,
Naquelle, rosto angelical parece
Que é primavera, e que amanhece o dia.

Um rosto de anjo, límpido, radiante...
Mas, ai! sob esse angélico semblante
Mora e se esconde uma alma de mulher

Que a rir-se esfôlha os sonhos de que
[eu vivo
— Como atirando ao vento fugitivo
As folhas sem valor de um malmequer.

Mas as "Ardentias" não continham
apenas versos nesse genero. Era natu-
ral que o jovem poeta, tão desiludido
do amor, como se dizia e talvez se acre-
ditasse em certas horas, se voltasse para
a philosophia. Voltou-se. E versôu
blasphemias furiosas, de uma retórica

ôca em estrophes que eu preferia que
ele nunca tivesse perpetrado. Não os de-
senterre nunca do pó em que jazem se-
pultados algum implacável pesquisador
de cousas esquecidas... O parnazianis-
mo era então a moda da gente grande.
O poetinha das "Ardentias" resistiu-lhe
sempre, por instincto. Mas não pôde
escapar de todo á sua influencia. Ri-
mou assumptos gregos, de que nada
entendia; e pintou a impressão de uma
noite no "Sahara", deserto do qual ape-
nas tinha uma vaga noção geographica.
Também sob a influencia deleteria de
Baudelaire, rimou cousas que tinham a
intenção de ser satanicas, e eram ape-
nas ingenuamente decamatorias. E tra-
duziu, a granel, poetas estrangeiros. Era
moda, por esse tempo, no geral dos nos-
sos poetas, — "traduttore, traditore" —
trahir simultaneamente poeta-s estran-
geiros e a inspiração própria. A função
de um poeta é dizer o que concebe e
sente, e não o que os outros concebe-
ram e sentiram. O que foi dito em verso
só pôde, em outra lingua, ser repetido
em prosa. E o vicio de traduzir habitua
ao artificio e á insinceridade, dois ini-
migos capitaes da poesia.

Deixemos, porem, as "Ardentias", de
que apenas me lembro como de um pec-
cado de que me arrependo. Trez annos
depois delias publiquei o "Relicário".
Esse era já um livrinho perdoável —
perdoável em poeta provinciano que não
completara vinte e dois annos. Eu co-
meçara a entrever que só se transmit-
tem impressões que se receberam. A
única fonte da poesia é a vida que o
poeta vive, ou vê. Não ha lantejoulas
de estylo que suppram a sinceridade.
A arte, salvo nas épocas de decadencia
em que o artificio a substitue, em que a
retórica supplanta a poesia, é, e sempre
foi, simples. No "Relicário" já havia
cousas destas:

Vivo aqui neste ermo agreste
Entre passaros e rosas
Beijando as letras graciosas
Das cartas que me escreveste.

Sinto o contagio suave
De tudo que me rodeia:
Minh'alma palpita, cheia
De vôos tremuos de ave.

Vim tão triste! E um sopro doce
Da viração perfumada
Varre a neblina esgarçada
Dessas tristezas que eu trouxe.

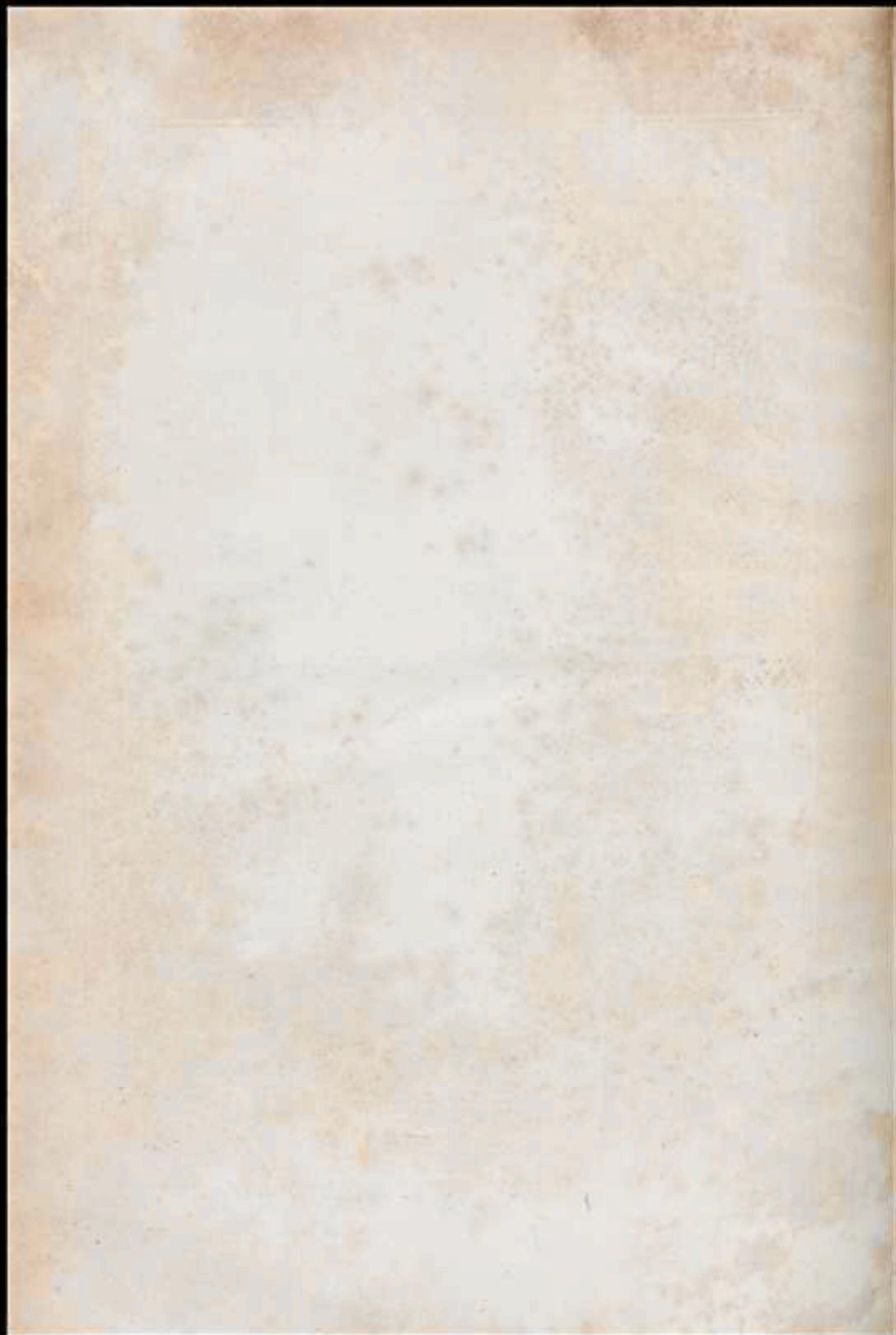
Volta-me o sangue... A alegria
Brotava em meu peito doente
Como um lyrio suprehenden-te
Numa caveira sombria.

E espero poder em breve
— Sadio, intrépido, forte,
Minha existencia depor-te
Nes's mãosinhas de reve.

E desta*:



ANGELO CANTÙ — *Retrato*





ANGELO CANTÓ — Retrato





Era um tronco sombrio,
Morto de sede à beira da corrente...

Sobre os barrancos ásperos do rio
Bebia unicamente
Frescura e seiva — quando o rio erguia
As águas turvas na explosão da enchente.

Mas então como o triste revivial
Como vingava o pobre tronco, ufano,
Numa hora de alegria
A tristeza de um anol

Soffregamente submergindo n'água,
Bebia-lhe a frescura;
E ao fundo dessa magua
Nua, infecunda, dolorida, escura,
Folhas brotavam, rebentavam flores,
Reverdecia o tronco...

O' minha pura,
O' minha doce amada! Em meus amores
Sou como essa raiz morta de sede
E que floria de anno em anno apenas.

Raro, raro succede
Que raie em minhas pena»
A ventura de ver-te... Passo a vida
Triste, ausente de ti, desconsolado...

Mas basta que te veja o rosto amado
Para sentir minh'alma re florida.

Versos de moço que tinha vinte annos,
e que era sinceramente, nos seus versos
como na sua vida, um moço... Um moço
que cantava a volta de Setembro trazendo o sol:

Olá, de volta, primavera!
E's tu, bem vejo e se conhece
No ceu azul que reverbera,
No campo em flor, que reverdece.

Formoso sol! E' certamente
A festejar a sua volta
Que a natureza impaciente,
À natureza desenvolta

Garridamente se engrinalda
De flores e mostra a riqueza
Dos seus vestidos de esmeralda,
Das suas jóias de princeza.

Meu coração, esse estouvado
Que a luz da aurora contamina,
Sente-se prezo e asfxiado
Entre as paredes da neblina.

Mas hoje voltas, primavera,
A' terra, verde e re florida,
Ao ceu azul que reverbera,
A* minha vida revivida...

Noiva do sol e minha noiva...

Quando, a sorrir, surges e tornas
Quando, radiosa e alegre, assomas
No ceu, e sobre o terra entorna»
As tuas amphoras de aromas:

Meu coração floresce todo,
Por elle todos os risos vêm:
E eu rio, rio como um doudo
E sou feliz como ninguém!

Não era natural que esse moço de
vinte annos fosse triste, e sim que sen-
tisse e cantasse o que a vida lhe dava,
e mais ainda, o que lhe promettia. Mui-
to mais tarde, elle referiu-se àquella

Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber si a
[ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte an-
[nos...]

Velho, resumes a velhice inteira:
Cançado approximar do ultimo somno,
Bruxoleio de lampada agoureira,
Melancólica tarde em ceu di outomno:
Abysmo onde a alma cheia de cansaço,
Dorme dos desalentos carcomida
E para onde me arrasta cada passo
Com que troçoço pelo chão da vida.

Vendo-ie, lembra-me a velhice, 6 velhot
Sombra que foste aurora e primavera,
Olho-te, e vejo como num espelho
A imagem do futuro que me espera,
Ha de também cair, saudosa e calma,
Sobre o meu dia a tarde merencória,
E Assistirei morrerem na minh'alma
Sonhos de amor, aspirações de gloria.

Em ti bem vejo o que hei de ser, lá
[quando
Para o deante, seduções e enganos
Da mocidade — forem-me rolando
Na correnteza rapida dos annos.
Quando a força vital que hoje me anima
Fugir-me aos frouxos membros — e eu,
[no escuro*
Erguer os olhos pelo ceu ncinra...
E não achar nem astros, nem futuro.

Deve ser triste olhar para os caminhos
Da vida, e ver, na troca das idades,
Flores transfiguradas em espinhos,
Esperanças mudadas em saudades;
Deve ser triste, por um chão agreste,
Desilludido de illusões falazes,
Ir procurando a sombra de um cipreste
Como si fosse um derradeiro oasis...

O poeta tinha, com o presentimento-
de que envelheceria, um melancolico re-
ceio da velhice. Não de comprehendel-o,
e dar-lhe razão, todos os que já vive-
ram, como eu.

Apparecia também no "Relicário" uma,
outra nota humana — nos versos escri-
ptos a proposito de uma creança morta.
Mas o poeta de vinte annos não podia
definir em toda a sua extensão a dôr
causada por essa crueldade da natureza
que é a morte de uma criança. A mo-
cidade pôde soffrer, mas só a vida já
vivida ensina a comprehender o soffri-
mento. Os versos a que me refiro fe-
riam apenas, muito de leve, a superficie
do assumpto:

Amanhã tu serás o lodo de um monturo,
Uma caveira a rir um riso de idiota,
E surgirás no limo, e has de ser verme
[impuro,
E has de vir na herva má que a sepul-
[tura brota.

Embora Terás sempre a alvura do ala-
[bastro
A' vista espiritual de uma illusão ma*
[terna.
Ah, para tua mãe, tu serás sempre um
[lastro
Fulgurando no azul de uma saudade
[eterna.

Foi sobre o mesmo thema, mas com alma mais experimentada, e uma arte mais amadurecida, que escrevi, muitos annos depois, o "Pequenino morto". Havia também no "Relicário" uns versos, a "Marinha" que acabo de ouvir deliciosamente gorgeiados, na fôrma definitiva, por uma de vós. A "Marinha" é um documento de que o poeta começara a libertar-se das impressões das leituras, e começava a interessar na sua arte mais o que via do que o que lêra... Mas tal qual sinceridade na emoção e simplicidade na expressão, fidelidade nas imagens e cohesão nas idéas, qualidades essenciaes da poesia vivida, appareciam no "Relicário" ainda com meros prenúncios. E quando foi da reforma, ou da destruição das "Ardentias", em 1909, tive de refazer também o "Relicário", de que apenas uma parte, e essa mesma muito alterada quanto á forma, foi conservada no volume dos "Versos da mocidade".

O "Relicário" appareceu em 1888. Mau grado a benevolencia rara com que o festejara a critica, a publicação desse livrinho não me contentou. Eu sentia bem que não tinha ainda adquirido a lingua em que precisava falar. Recolhi-me a um longo silencio de quatorze annos. E só em 1902 publiquei — "Rosa, rosa de amor..." O successo daquelle pequeno poema estimulou-me a reunir em volume o que tinha escripto de melhor; e em 1908 appareceram os "Poemas e Canções". A esse livro eu dei tudo que tinha. Fiz nelle, e por elle, o máximo de que era capaz uma vida tão trabalhada de preoccupações de outra ordem. Na terceira edição, apparecida o anno passado, o livro vem augmentado de algumas produções dos últimos annos, entre ellas alguns trechos da "Arte de Amar", poema da madureza, que eu não sei si me restará vida para concluir... Infelizmente não faço versos quando quero, e sim quando elles querem. Quanto á orientação com que procuro encaminhar a minha poesia resumí-a nesta nota á primeira edição dos "Poemas e Canções":

Na escolha das poesias aqui reunidas adoptou o autor como criterio preferir as que lhe pareceram exprimir menos mal, isto é, em phrases simples e corredias, com imagens, sóbrias e mais

ou menos claras e fieis, idéas concebidas com lógica, sentimentos sinceros, impressões recebidas. A poesia, como sempre ambicionou o autor deste livro realisa-a nos limites ao sei alcance, deve ser, antes de tudo cousa que se entenda. Si neste livro ha extravagancias aparatozas, quer de idéas abstruzas, quer de sentimentos artificiaes, ou de phrases complicadas, ou de palavras meramente decorativas, a ellas resvalou o autor sem o perceber e a contra gosto; e disse se penitencia humildemente".

Eis, longamente contada, a minha pouco interessante biographia literaria. Quero apenas accrescentar-lhe um traço. Faz hoje precisamente um anno que eu recebi da nossa terra uma comovedora manifestação de apreço, por occasião do apparecimento dos "Poemas e Canções" em nova edição. Foi, exactamente a 10 de junho. A coincidência é interessante. E desvanee-me receber a tão curto intervalo duas tão expressivas demonstrações de estima pelo teimoso poeta que sou. Creio que á minha teima em rimar devo em boa parte a sympathia de que cercaes e que honra o meu nome. Os poetas precisam envelhecer, e envelhecer fazendo versos. Em nossa historia literaria é commum o caso de poetas que só o foram na mocidade. Quantos, a meio do caminho, desanimam da arte que só por esse motivo não chegam a conquistar! A biographia dos poetas que envelhecem é uma lição a esses desanimados sem razão. Os moços devem ganhar corajem verificando que a tenacidade, e esforço, e os annos, podem levar um poeta desde a poesia informe das "Ardentias" e das tentativas incertas do "Relicário" até bastante longe delias. E vale a pena insistir. A suave emoção que esperimento, minhas jovens patricias, ao ver aureolados pela vossa estima os meus versos, recompensa de sobrejo os trinta annos de esforço que tenho gasto rimando estrofes e namorando a gloria. Por essas emoção que a vossa generosidade me proporciona, eu, tão orgulhoso quanto agradecido, beijo-vos as mãos...

Vicente de Carvalho.

(D' "A Cigarra").

O COMMERCIO EXTERIOR DA FRANÇA E DO BRASIL

No banquete recentemente offerecido em Paris pelo ministro do commercio e da agricultura aos addidos commerciaes acreditados na capital franceza, enalteceu esse ministro, em phrases calorosas, a acção desenvolvida por aquelles funcionarios, que, desejando, como lhes competia, produzir obra util aos respectivos paizes, haviam comtudo contribuido também, e enormemente, para o reerguimento moral e material da França.



Em verdade, quando os addidos commerciaes estrangeiros faziam nas principaes cidades da França, com intuitos natural e forçadamente egoisticos, a propaganda do commercio, da industria das suas patrias de origem, forneciam ao mesmo passo aos commerciantes e homens de negocios francezes informações preciosas para os seus proprios interesses, incitando-os ao estudo e á observação de novos mercados estrangeiros, que, sendo centros de produção para determinados artigos, eram também, para outros, magnificos centros de consumo. Das palavras do ministro Dupeyrat, depreheñde-se terem os addidos commerciaes concorrido grandemente para o equilibrio da balança commercial exterior, já quasi conseguido em 1921.

Parecerá estranho á primeira vista que os agentes estabelecidos por cada governo em França com o fito de incrementarem ali a "importação", possam actuar de fôrma a concorrerem para equilibrar a "importação" e a "exportação" francezas e não, ao contrario, para desequilibral-as... Os paizes europeus, porém, cujo territorio é, em geral, insufficiente á produção dos viveres necessários á subsistência dos proprios habitantes, fundam a sua prosperidade economica no trabalho industrial, pelo qual as matérias primas "importadas" se transformam em productos de "exportação". O facto de crearem em França novos mercados consumidores de matérias primas, levou os addidos commerciaes estrangeiros a darem á industria franceza novos elementos de trabalho. E como, para a venda fácil de taes mercadorias no paiz, aquelles addidos tornavam conhecidas em França as praças de além-mar, "ipso facto" forneciam também ao commercio francez possibilidades excepçionaes de collocação commercial no estrangeiro dos artigos de fabricação franceza.

No nosso paiz, como em todas as nações agricolas em desenvolvimento, o phenomeno é inverso. Aqui, nós vemo-nos forçados a importar, quando não as próprias sementes e os brados para semeal-as, pelo menos as machmas e os utensilios agrarios que nos permitiam arregar, arar, semear, colher, enfiardelar... A nossa exportação depende assim também, em maior ou menor escala, da nossa importação. E como as culturas agricolas se estendem aqui por zonas cada vez maiores, é também cada vez maior a necessidade que sentimos de obter do estrangeiro os instrumentos de trabalho imprescindiveis á grande obra civilizadora. D'ahi o desequilibrio permanente, sempre desfavorável, da nossa balança commercial, que só se poderá inverter definitivamente quando a área productiva em exploração alcançar mais de metade da superficie total da Patria.

As condições economicas da França, inteiramente diversas, permitem-lhe, depois de crise grave, equiparar as cifras do seu commercio exterior com facilidade relativa. O capital por ella empre-

gado na compra de matérias primas, volta acrescido, outra vez, á nação, logo que, ao fim de limitadissimo tempo, taes matérias primas, transformadas pelo trabalho fabril, são de novo enviadas para fóra do paiz.

De accordo com o resumo estatistico publicado agora, as importações francezas soffreram no anno de 1921, relativamente ao anterior, a diminuição imensa de "vinte e seis milhões trezentos e oincoenta e seis milhões e quatrocentos e vinte e quatro mil francos", baixando de francos 49.904.897.000 em 1920 a francos 23.548.437.000 em 1921 — ou seja "menos da metade da cifra total anterior!"

Quanto á exportação, alcançou ella a somma global, em 1921, de francos 21.553.101.000, contra 26.894.938 francos em 1920, ou sejam menos francos 5.341.837.000.

A differença entre a importação e a exportação, que fóra de 23.009.959.000 francos num anno, já no seguinte se reduziu a 1.995.372.000.

Em relação ao Brasil, são estes os algarismos do commercio francez, em milhões de francos:

<i>Importação</i>	
Em 1920	881
Em 1921	537
Differença para menos	344

<i>Exportação</i>	
Em 1920	362
Em 1921	129
Differença para menos	233

Conclue-se destas cifras terem sido os saldos "a nosso favor", em milhões de francos:

Em 1920	519
Em 1921	408
Differença para menos	111

No discurso com que o addido commercial brasileiro em Paris, sr. Francisco Guimarães, respondeu, por delegação de todos os seus collegas, ao brinde do ministro Dupeyrat, frizou esse esforçado funcionario a importância crescente da missão desempenhada por essa classe especial de agentes representativos, a cuja acção tanto deve o desenvolvimento do commercio internacional. E agora, que o Congresso, após haver tomado conhecimento da limpida mensagem do sr. presidente da Republica, vai refazer o orçamento de despeza, é opportuno lembrar aos legisladores a necessidade de fornecer-se ao pniz, com a reorganização do seu apparelho de propaganda no estrangeiro, com a criação de novos cargos de addidos e da reparição central de informações commerciaes, os meios que tão lamentavelmente lhe têm faltado até hoje, de desenvolver pratica e intelligentemente o seu commercio exterior.

Afonso Lopes de Almeida.

("O Paiz").

VIDA FORENSE

O cyclo do idealismo, mesmo nesta phase grosseira da vida humana, ao contrario do que muita gente pensa, ainda não se encerrou. Hoje, como nos primeiros séculos da civilização christã e na era esplendida da cavallaxia andante, ainda ha quem morra por uma idéa e quem padeça por uma crença. Mudou-se apenas o conteúdo de uma e outra. Não se põe mais dentro da crença a figura de um Deus, nem se indaga da espiri-tualidade da idéa. Época da "jazz band", que é a expressão musical da doença de São Guido, tudo nos serve hoje, na meia demencia em que vivemos, para exercicio di facultade de renuncia e de ascenção que, ora viva, era adormecida, ora visivel, ora occulta, cada um de nós traz dentro de si. Exilados os deuses, canalisa-se a fé em disponibilidade para o culto dos programmas em que os politicos desdobram a sua capacidade de cynismo e das promessas de bemaventurança social com que as setas revolucionarias laudanisam as miserias do rebanho humano. Menos exigentes que os judeus do Êxodo, não pedimos que seja de ouro o bezerro a cujos pés deitamos o tributo da nossa adoração. Aceitamos até de barro e não nos repugna que elle seja, no real ou no figurado, um touro annoso...

Demonstração eloquente desse phenomeno psychologico ahi está nesse caso forense, que o "Estado" noticiou na sexta-feira ultima, — no caso daquella dama que, por amor a uma boneca, agitou os tribunales civis e criminaes, afim de obter para a companheira que se apoderou da figurinha querida um aposento na cadeia publica. Na conquista do velocino de ouro. Theseu não gastou provavelmente mais energia do que a dispendida na retomada da boneca, por essa deandista heróica. A proesa do grego reclamou muito menos obstinação e muito menos sangue frio ao que a dóse minima sem a qual não se leva a termo, em nossos dias, com êxito ou sem elle, o mais insinifcante processo.

Duas causas intentou a dama para adquirir a boneca. Imagine-se quantas não intentaria se, em vez da boneca, lhe houvesse a amiga escamoteado o escolhido do coração, se ella não é das que pensam que os homens valem menos que as bonecas. ...

O que mais nos admira, neesse episodio, não é a fria intrepidez da dama que se aventurou aos trabalhos e as decepções de dos processos. É a soberba da que supportou até o fim, por amor da boneca, os intoleráveis incommodos dos ócios processos e viu, sem desfallecimento, abrir-se, a pouco e pouco, para sorvel-a, as portas do calabouço. Nem Abelardo recebeu nunca de Heloisa demonstração de amor tão ardente como essa que uma simples boneca acaba de receber das duas damas que a deputaram. A guerra de Troya, como phenomeno de aberração mental,

ningua de importancia diante dessa batalha forense. Trucidarem-se dois povos pela posse de uma mulher, que era a mais bella do tempo, é loucura, mas, loucura que se comprehende e que, pela sua galanteria, se absolve... Degladrerem-se, porém, duas pessoas na arena dos tribunales, que é toda sulcada de laminas cortantes, para o dominio de uma boneca, é coisa que ultrapassa a nossa capacidade de comprehensão e de indulgência.

Até agora figurava em primeiro lugar, na lista das pendencias curiosas entre-mulheres, aquella que, a proposito da maternidade de uma criança, foi sentenciada por Salomão. D'oravante, esse lugar pertence, de pleno direito á contravérsia sobre a maternidade da boneca.

Muita gente haverá para quem este episodio não será mais do que uma simples florescência no terreno judiciário, da roseira do capricho fennino, que é a mais tenaz, a mais prolfera, a mais avassaladora e a mais venenosa das plantas humanas. Entretanto, não é assim. Será antes, parece-nos, manifestação singular da fatalidade da exuberancia do amor na alma da mulher. Caçada de amar bonecos de carne e osso, entrou ella a amar bonecas de "biscuit"... É uma expressão nova do mesmo sentimento que a submete á tyrania pouco asseada, dos cães e dos gatos. A sua necessidade de affectos não soffre interrupção, nem disfarce. É permanente e imperiosa. Para, satisfazel-a, tanto lhe monta um boneco locomovei, como uma boneca estatica — um homem ou uma figura de porcellana.

Nem se diga que é uma extravagancia. Responderia ella que não é: entre a boneca de louca e o boneco de musculos a differença é muito menor do que se cuida. É apenas de calor: o boneco tem-no proprio, ao passo que a boneca precisa que lhe communiquem. De espirito não ha entre os dois differença apreciavel... ("O Estado").

LEI DE IMPRENSA

A proposito da debatida questão de uma lei de imprensa no Brasil, escreveram os nossos brilhantes collegas do "Estado de São Paulo":

•É preceito eterno de justiça que a todo accusado se devem proporcionar os recursos de defesa: na imprensa nacional, contra o que se pratica em todo o mundo-civilisado, esse preceito é letra morta. Um loquax ierido em sua honra, injuriado, enlameado, coberto de calumnias-atrozes, achalchando com requintes de ferocidade ignóbil, ou tem que appellar para o recuso terrivel do revólver, ou tem que resignar-se a tragar todos os dias uma afonia, a ver todos os dias o seu nome rolando nas sargetas. Porque o recurso ás nossas famosas leis, ás nossas magnificas, admiraveis leis, é dispendioso, é lento é precario, e é quasi sempre contraproducente.

Além de injuriado e ealumniado, o infeliz que incorreu na cólera de um louco, ou de um malvado irresponsável, tem que martyrisar-se nas agruras, nas idas e vindas, nas chicanas, nas lutas, nas despesas e nas demoras de uma acção judic'aria, para, no fim, como cem exemplos têm demonstrado, ver o seu carrasco escapar pelas malhas ou falhas da lei ou do processo, voltar ao pelourinho armado na praça e continuar victoriosamente na sua faina de perseguição caprichosa, iniqua, crudelissima, levando a dor, a vergonha, a confusão e o desespero a fanvlias inteiras, innocentes das pretensas faltas de seus membros aggreddos.

Haverá quem desconheça esta situação? E haverá quem a pretenda conservar, como preciosidade inestimável e intangível do nosso patrimonio de conquistas l'beraes? Não, não é possível que semelhante situação encontre defeja. Só cobardes e miseráveis poderão reclamar para si o direito de viver atufados na irreporsabilljade, como o sapo no charco ou o escorpião na pedra. A maxima responsabilidade é complemento indispensável, é corollario forçado, é consequência obrigatória da liberdade maxima, — ou então a l'herdade já rão se chama senão licença e desordem, e não leva a outra coisa que á tyrann'a, mil vezes peor que todas as outras tyrannias, dos pasquemos armados de audacia e de cynismo.

Ora, a imprensa bras'leira, com todos os seus defeitos, pôde peccar, frequentemente, por excesso de paixão, mas não pecca por proposito reflectido e assentado de injustiça e de irracionalidade. A imprensa brasileira ha de apoiar qualquer projecto que tenda apenas a tornar effectiva a responsabilidade juridica do jornalista, dentro das concepções aceitas e em vigor, — porque esse projecto, convertido em lei, só poderá trazer á imprensa um sensível accrescimo de respeitabilidade e de autoridade.

Mas... só disso cudadá o futuro projecto? só de tornar effectiva aquella responsabilidade? só de fornecer meios *effectivos* de defesa aos offend'idos? E's a grande questão!

Se o projecto não passar desses limites, terá o nosso apoio. Se, porém, ameaçar a liberdade de manifestação do pensamento, tendendo a d'fficult-a ou en-traval-a de qualquer modo, combatel-emos com a maxima energia".

*"TIRADENTES, HEROE E SANTO"

Em nosso numero de Junho de 1921 inserimos sob este titulo um estudo do sr. prof. Joaquim da Silve'ra Santos, da Escola Normal de Piracicaba, neste Estado.

"Inter America", revista que se ed'ta em New York, fez traduz'r para o mglez e em seu numero de Fevereiro publicou «a integra esse trabalho, acompanhando-o

das seguintes linhas, pelas quaes se vê o alcance da propaganda brasileira, que a,s m devemos ao nosso prezado collaborador: "Um movimento obscuro e um grande heróe, quasi "n-teiramente desconhecidos no mundo que fala inglez, são aqui claramente desenhados. O autor demonstra, a nda uma vez, que o sangue de um martyr pôde ser a origem de uma vigorosa nacionalidade".

A "ARTE DE AMAR"

A "Arte de Amar" de Julio Cesar, que tanto «uccesso tem alcançado no Brasil, vae agora firmando a sua reputação na Europa. Em Paris, muitos jornaes se têm referido com carinho ao bello trabalho do nosso illustre poeta.

No "L'Intransigeant" de 24 de Janeiro do anno corrente, na sua secção critica "Les Lettres", encontrámos o seguinte:

"Il y a quelque temps, écri't la "Revue do 'Brasil" de San Paulo, Mme. Aurel commentait "L'Art d'aimer" d'Ovide dans la "Grande Revue" et demandait avec chaleur si un poète français n'opposerait pas un peu de psychologie affective á ces leçons d'un maître ignorant tout ce qu'il veut enseigner.

Sous ce titre "Arte de Amar", un grand poète brésilien, Julio Cesar da Silva, avait, peu auparavant, réuni des poèmes ou' la femme est révérée comme elle ne le fut jamais chez les Latins.

Même de lo'n, l'exemple nous serait a'nsi donné d'outre-Atlantique".

BRASIL, MAIOR PAIZ DA TERRA

Bryce, na sua viagem á America do Sul, não se conteve e disse diante do Amazonas: — Que maravilhas fariam aqui os homens do Miss'ssippil Muitos brasileiros se indignaram com essa phrase, mas em tudo é preciso não esquecer a equação pessoal. O sr. James Bryce é inglez e se tornou celebre estudando a civilisação norte-americana. E' natural portanto, que vendo uma terra tão rica de possibilidades se lembrasse, num momento de expansão poética, da sua gente tão rica de energia creadora. Mas o proprio publicista inglez reconheceu como nossa esta terra incomparável pela sua grandeza e variedade.

O esforço que a nossa gente portugueza e brasileira desenvolveu para tomar conta deste território sem par é um dos feitos mais notáveis da historia e honra sobremaneira a nossa raça. Os portuguezes dos tempos da colonização e os primeiros brasileiros eram como que predestinados — procuravam ampl'ar a terra conquistada.

Para alargar o dominio, foi preciso dispersar a população. O povoamento intermitente foi assim a causa da nossa riqueza geographica e dc nossa pobreza so-

cial. Os homens dispersos, sem comunicação directa, sem troca de productos, não progredim, e assim tivemos e temos núcleos de população que apenas guardam o patrimonio para os descendentes.

Foi melhor assim. De outra maneira, o Brasil não poderia ter sido grande como é. Para conservar a herança, o império teve de encontrar, na conservação da escravidão, um elemento de solidez para o aparelho social. Ha em toda a historia como que uma teleologia; tudo se conduz como que procurasse uma finalidade.

A dispersão das "entradas" e das "bandejas" garantio o maior patrimonio da terra e para conservar a tivemos de governo, a centralização de direcção e de trabalho. Sem esses elementos, nunca teriamos conseguido a estabilidade, como Rosas não alcançou a restauração do vce-reinado do Prata.

O caso norte-americano é diverso. Os Estados Unidos, grandes como são hoje, são resultado de conquista, de absorpção, de compra, de expansão. O Brasil, não. Desde os primeiros tempos da colonização, ficou sendo virtualmente o que hoje é: — o maior paiz do mundo. O maior paiz do mundo que contem todas as possibilidades de riquezas e de progresso.

O Brasil é a maior reserva de matérias primas do globo. E' um paiz que assenta num bloco de ferro e no seu immenso territorio ostenta uma area florestal sem possibilidades de confronto. Assim offerce todos os elementos para fornecer as utilidades que o homem necessita. A sua terra é fértil, tão fértil que rntos productjs dão mais de uma colheita por annj.

No nosso immenso territorio ha todos os climas aproveitave's, por que no plano a altitude corrige a latitude. De modo que para todos os ramos da actividade humana apresenta o pa z cond ções naturaes incomparáveis. Mas justamente por ser a maior area occupada por um só paiz e governada por um só Estado, é que a sua situação é particularmente auspiciosa. Os nossos publicistas, os nossos escriptores, os nossos autores de compêndios, todos os que se occupam de historia e geographia do Brasil ainda não apanharam uma verdade clara, a nda não descobriram até agora que o Brasil é o maior paiz do mundo.

Um "paiz" só pôde ser considerado como tal quando é constituído por uma só "nação", por uma só "nacionalidade", com as mesmas aspirações nacionaes. Para esse efeito, povos subjugados, vassallos ou tributarios, não fazem parte do mesmo paiz. Assim a Rússia era politicamente um "grande paiz" e está hoje d'vidida em varias republ-cas, que ainda tendem a outras subdivisões...

O maior paiz do mundo dentro dessa definição é o Brasil. O segundo, os Estados Unidos.

"Paiz" no sentido de nacionalidade, é o territorio occupado, sem solução de continuidade por uma só "nação", com o mesmo "Estado", as mesmas aspirações, nacionaes, lingua, tradições, direito. Das grandes collectividades da terra só o Brasil e os Estados Unidos da America do-Norte poderiam entrar em competição. Ora, hoje já é um ponto pacífico de que os Estados Unidos, não contando com o territorio de Alaska, que não é ligado ao seu, formam uma area sem solução de continuidade menor do que a do Brasil.

A Russ'a foi maior e pode voltar a ser. Mas será maior em virtude de conquistas militares, de compressão politica, militar e policial. A Siber'a não é Rússia, o Caucaso não é Rússia, todos os paizes do-Báltico não são Rússia, a Ukran'a não é Rússia, Vlad'svoek não é Siber'a e poderamos ir reduzindo quasi indefinidamente o antigo territorio dos Tzares, tão diversas são as su's tradições, raça, idéas, linguas, contingents, nacionalidades...

Com a China dá-se a mesma cousa.

Não ha chinês que se considere compatriota de um mandehú, de um mongol, de um thebeteano, de um turkestanio... E um mandehú, um mongol, um thebeteano, um turkestanio não quer ser chinês... Seria o mesmo do que considerar "hespanhol" um "brasileiro" ou um "portuguez" nos tempos dos Philip-pes ou inglez um "s'nn-feiners" e antes da guerra um thecco austriaco e um w-saciano allemão... A Ch'na, propriamente dita, é a herdeira das grandes tradições, tem 1.501.000 nrhões quadrados, apesar de sua formidável população de cerca de 400.000.000 de habitantes... O que constitue o territorio de -1.257.000 milhas quadradas, maior do que o do Brasil são: a Mandchur'a (360.000); Mongolia (1.076.000); Tibet (75.000); Turkestan (600.000); paizes vassallos, tributar'os ou, annexados. A Mongolia é mesmo um paiz autonomo sob o protectorado da China, e essa autonomia foi confirmada a nda recentemente pelo tratado de Kia-khts (1915).

Ass'm, dentro da nossa definição, e-Brasil é o maior paiz da terra. Os Estados Unidos são o segundo. Porque reunidos artificiaes de terras e antigos Estados forçados por vencedores de occasão, mesmo quando prevalecem por muito tempo, não formam caracteristicamente nacionalidade. Vimos, porém, que a antiga Rússia já se desfez e que a China, dos nosso compêndios não é um paiz uniforme como o Brasil dos nossos mappas. Por isso, podemos proclamar com orgulho que o Brasil é o maior paiz da terra...

Victor Vianna.

(Jornal do Commercio)



AMORES DE DOSTOIEWSKY

Dostoiewsky, ou porque puzesse a mulher acima de julgamentos humanos, ou porque a não considerasse digna de que sobre ella se formulasse um juizo absteve-se de estudar o coração fem.nino, e até aos v'nte e oito annos não conheceu mulheres. O gen'io arreado que o afastava dos homens, com medo de vulgarizar-se, afastava-o das mulheres, com medo talvez, de ser humilhado, vendo as fâceis conquistas dos frívolos e dos inconscientes. Ou seria dureza de alma, occupado como andava em dar por terra com os tyrannos?

Sobreve'u-lhe a prisão; esteve a dois minutos de ser fuzilado. Cumpriu desterro na Sibéria, fazendo dep'os, ahi mesmo, o serviço m'ltitar. E só então amou aos trinta e tres annos.

No livro publicado na Allemanha pela filha de Dostoiewsky, sob o titulo *Dostoiewsky gschildert von seiner Tochter*, ha um capitulo consagrado ás mulheres do celebre escriptor, e que a imprensa largamente reproduziu.

Não é, pois, uma nov'dade, mas poderá ser uma licção, a todo o tempo, para os incspertos.

E' até certo ponto, a confirmação de que os homens de talento não são dos mais feizca ccm as mulheres, de que a sua ir,enu'dade é por vezes humilhação nivelando-os com as crianças, de que sua aln.a snipies e boa não tem na vida a compensação das virtudes que a exornam. O gen'io, sendo 'ncomprehendo, é um suppliciado. Dostoiewsky, no seu convívio com mulheres, foi mais que isso, pois foi um ludibriado.

Devemos, porém, d'zer, em abono da mulher, que a culpa foi em grande parte do proprio escriptor, que se entregava nas mãos da primeira que o requestava. Este é o perigo dos que não herdaram as armas de D. Juan, para conquistadores: são conquistados.

E senão vejamos.

A primeira a querer apoderar-se do coração do romancista foi a mulher de um capitão do regimento, que era doente e mal podia fazer o enlevo de uma fútil, arvorada em intellectual, como Maria Dmitrinevna. Com o seu romantismo morbido, enlaçou o inexperiente soldado, 'ornndo-o seu amante.

Morto o cap'tão, serviu-se ella de todas as manhas para induzir Dostoiewsky a tomal-a como esposa.

Vendo que o romancista hesitava, inventa um «upposto pietendente, a que devia uma resposta, po's t'nha que zelar seus interesse e os do filho Dostoiewsky acoi'seiha-a a que aceite a proposta.

Mais tarde, é uma desavença com o noivo e a saudade do am'go longínquo. Dostoiewsky obtém licença, no regimento, afim de ir visital-a e fazer a reconciliação entre ella e o prometido. De posse do amante, declara que, ou o casamento com elle, ou a morte. E ameaça suicidar-

se. D'ante de tamanha desgraça... Dostoiewsky não viu outro remeio senão casar-se com Dinitrinevna.

Esta mulher atraioou o futuro marido até o dia do casamento, com um pequeno professor, que sempre a acompanhou, dep'os, até se aborrecer delia. E foi então que, num grito de cd'o e de desespero, por se ver abandonada pelo amante, lançou em rosto a Dostoiewsky a verdade crua de que nunca o amara, de que só lhe votara desprezo, vendo nelle, não o escriptor, mas o homem humilhado pela prisão. E cospe-o de injuras.

Onde foi Dostoiewsky procu-ar esta mulher, com quem resolveu ligir-se para a vida e para o morte?

No adultério, fóra de todas as leis. Talvez se illud'sse, crendo numa paixão romantica. Mas a paixão não se repete, como se repetiam os homens, nos amores fâceis da Dmitrinevna do quartel...

Expulso, entre achincalhos, com quem foi entender-se o romanesta, para de novo encher o vácuo de seu coração?

Com uma estudante, dessas estudantes russas, cuja vida é tão livre como a lios rapazes, com os quaes se permitem toda a sorte de camaradagem.

Mas ella fizera-lhe uma declaração ardente de amar, e era nova e bonita. Dostoiewsky de nada mais quiz saber, nem se preocupou com o passado da nova escolhiua.

Fazem o projecto de uma especie de viagem de núpcias ao estrangeiro. Negocios de uma rev'ista fazem que Dostoiewsky se demore um pouco mais em S. Petersburgo, e a bella Paulina parte só. Pouco depois, o escriptor recebia uma carta de Paris, em que ella lhe diz'a que um francez amavel lhe prendera o coração, e que punha de lado velhos amores.

Desesperado, o romane sta corre a Paris, a mendigar o affecto da menina estouvada. E' recebido a ponta de espada, e regressa triste a S. Tetersburgo.

Ma's tarde, abandonada pelo amante francez, Paulina escreve a Dostoiewsky, suplicando-lhe que venha agora ter com cila. Desilludido, o romancista respondeu-lhe, aconselhando-a a que procurasse resignar-se.

Ella ins'ste, e o nm'go ahi vem de novo até Paris, mas d'spo:to só a aconselhar resignação.

Mas Paulina entra uma noite pelo quarto de Dostoiewsky, com uma faca de cosinha na mão, ameaçando suicidar-se, tal qual como a outra.

O resultado era fatal, e lá vae elle correr a Italia, em companhia da nova conquistadora, entregando-se ao vicio da roleta.

Como, portm, os inimigos do escriptor fizessem correr o alevie de que o romance *Crime e Casngi*, a que servia de protagonista um estudante, visqva achincalhar a classe, Paulina, num espirito de solidariedade exemplar para com os colleg'2s, des'gou-se ruidosamente de Dostoiewsky.

Segue-se depois Anna Krukowska'a. Ella era anarchista, e Dostoiewsky fizera-se monarchico, persuadido da neces'dade do czar, que promoveoC a educaçao social do povo.

Irmãos em literatura, mas antipodas em politica, houve nova separação, e Dostoiewsky f'eu outra vez ?o.

Mas, finalmente, encontrou a mulher que lhe servia. Procuro-a no trabalho honesto; era uma dactylographa, intelligente, que lhe copiava os manuscritos.

Admirou sinceramente o escriptor, supportou com elle dias amarjos, administrou-lhe com zelo os rendimentos de seu labor intellectual, proporcionandolhe vinte annos de v'da, relativamente felizes, em meio de dois filhos, que cila lhe deu tambem.

Dostoiewsky precisou fazer a experiencia de quatro mulheres, para no fim encontrar uma ás d'reitas. Pior seria se nem a quarta o reconciliasse com o sexo... Mas havemos de convir em que a culpa, neste caso, foi menos das mulheres, que da leviandade ou ingenuidade com que Dostoiewsky se dexava conquistar por ellas. Fraquezas do génio...

Portanto, o seu exemplo só comprova, até certo ponto, a incapacidade da mulher, para devidamente apreciar os homens de talento, e para os amar...

J. M. Gomes Ribeiro.

("O Paiz")

O HOMEM NECESSÁRIO NO BRASIL

Quem percorresse os Estados Unidos nos primeiros decennios do século XIX, ficaria horrorizado com o medonho chãos social que encontrara nesse paiz. Ninguém então poderia imaginar que daquella gestação confusa emergiria a formidável e esplendida un'dade que hoje constituem os Estados Unidos.

De todas as partes do mundo vinham as mais disparatadas raças para a America do Norte, com as ma'i variadas characteristics, com costumes, linguas, hábitos e religiões diversissimos. Era aquillo — os Estados Unidos no principio do século XIX — um conglomerado heterofeneo no qual n'nguem poderia prever a formação de uma consciencia nacional.

De 1520 a 1919 entraram nos Esndos Unidos 33.200.103 imigrantes, dos qua-s 8.205.675 eram inglezes, 5.494.549 alle-mães, 4.068.421 austriacos e húngaros, 4.100.740 italianos, 3.311.406 russos, 2.134.414 dinmarquezes, suecos e noruegueses, 834.450 canadenses, 523.806 francezes, 352.883 gregos, 311.404 turcos, 225.030 japonezes e outros em menores contingentes.

O povo americano actual é, como se vê, o composto hybridado dos descendentes de todos esses disparatados elementos componentes. Entretanto, ninguém pôde negar a esse povo presentemente uma

alma nacional, uma perfeita unidade mental e uma completa harmonia collectiva.

Que é que operou o milagre dessa prodigiosa unificação, dessa formidável fusão tão completa e perfeita?

Foi o cohsal aparelhamento educativo instituido nos Estados Unidos, foi essa incomparável expansão das instituições do ensino, taes como nenhum paiz jamais as possuiu em nenhuma época da historia.

Ha 22.000.000 de alumnos matriculados nas etcolas primarias americanas, nas quaes leccionam 650.000 professores e se gastam mais de 550.000.000 de dollars, isto é, em moeda brasileira, aproximadamente quatro milhões e quatrocentos mil contos de ré's.

No Brasil, até hoje não se comprehendeu que é essa a causa de todos os nossos males — o descaso pela educação do povo. Entretanto, já em 1882, em seu famoso relatorio sobre a instrucção primaria, diz a o conselheiro Ruy Barbosa: "Ao nosso vêr, a chave mysteriosas desgraças que nos affligem, é esta, só esta: a ignorancia popular, mãe da servidude e da miséria. Eis a giranle ameaça contra a existencia constitucional e livre da nação; e s o formidável inimigo, o inimigo intestino, que se asyla nas entranhas do paiz. Para o vencer, releva instaurarmos o grande serviço da "lefeza nacional da ignorancia", serviço a cuja fiente incumbe ao parlamento a missão de collocar-se, impondo intransigentemente á t'bieza dos nossos governos o cumprimento do seu supremo dever para com a Patria".

Nada se fez do que Ruy Barbosa propugnava já em 1882 e por isso o Brasil arrasta ainda e sempre a mesma v'da ingloria.

A America do Norte teve em Horace Mann o formidável apostolo da educação popular, o génio da propaganda que arrastou o paiz a realizar a colossal acção educativa que ora lá se presencia.

Horace Mann foi o orador eloquente da causa da instrucção popular, o pregador, o tribuno da educação. Graças a elle formou-se nos Estados Unidos o grande movimento generalado que arrastou os seus concidadãos á comprehensão da alta necessidade da educação do povo e dos benefic'os da instrucção.

Horace Mann conduziu a campanha com ardor e enthusiasmo inegalaveis, de um apostolo apaixonado.

O seu enthusiasmo, a sua eljqueicia e o seu espirito humanitario eram em* polgantes.

Dizia elle aos seus concidadãos:

"Como?! Se amanhã vos dissessem que se encontrará uma mina de carvão de pedra rendendo dez por cento, todos correriam para exploral-a; entretanto, ha homens de que poderieis tr'rar 40 a 50 por cento, se fussem instruidos, e vós os deixaes ester'lisarem-se na ignorancia. Vós sabeis servir-vos das plantas e dos pni-maes: de um terreno esteril e arenoso fizestes sahir o trigo, do chagal fizestes

o cão, e tendes filhos de que nada sabeis tirar!

"Vós construis ho=picios e creaes tribunaes. Para que? Para punir homens que a ignorância tornou criminosos, para recolher miseiaveis que não puderam ganhar a vida por falta de instrucção. Mas não sois vós mesmos os autores ou os cúmplices inconscientes destes males que tentaes em vão impedir ou remediar? Creae escolas. Acabareis assim com a gno-rancia, o crime e a miséria. Diminuireis assim os odios e fareis a fel'cidade e a grandeza da Nação pela prosperdade e moralidade de caia um dos seus filhos".

Eis ahí a voz que devia reboar, sonora e viril, pelo Brasil inteiro para acordar os nossos concidadãos ao cumprimento do grande dever que Littré resumiu na phrase: "Toda a moral social resume-se nisto: instrui-vos, instrui aos outros".

Horace Mann devotou-se inteiro á sua propaganda nos Estados Unidos. Em uma occasião elle chegou a falar vinte e cinco dias em segu da deante de auditorios diferentes.

Mas foi sobretudo pela publicação dos seus relatorios, como commissario de Educação, que Horace Mann ma's eficazmente agiu sobre a opinião americana. As doze memorias que elle redigiu, de anno em anno, constroem um verdadeiro monumento pedagogico. Occupam ellas cerca de mil paginas na edição de suas obras. Essas memorias, editadas em dezenas de mil exemplares, circulavam em toda a parte. Officialmente dirigidas ao Bureau de Educação, na verdade ellas visavam ao povo americano, a quem era urgente fazer comprehender a importancia da instrucção popular. Eram verdadeiros manifestos escolares, apellos á opinião para reforma e desenvolvimento da educação do povo.

Mann foi o verdadeiro fundador das escolas normaes nos Estados Unidos, que hoje contam mais de 200 dessas escolas. Dizia elle: "Eu considero as escolas normaes como um novo instrumento de progicso para o adeantamento da raça. Eu considero que, sem ellas, as escolas publicas perderiam sua força e seu poder benefeo e s> tornariam simples escolas de car'dade."

Ninguém mais energicamente que Horace Mann formulou a lei da solidariedade que, un'ndo uma a outra as gerações successivas, faz da instrucção uni versai uma divida social, que a nação deve solver tomando a seu cargo todas as despezas das escolas. E' o que elle formulava nas seguntes proposições:

"1.* — As gerações successivas dos homens, tomados collectivamente, constituem uma grande communidade.

2.* — De todos os bens que ella possui, e3ta communidade é devedora a todos os seus filhos, tendo em v'sta uma educação que seja tão desenvolvida quanto baste para os pôr ao abrigo da pobreza e do vicij, e para os preparar a cumprir

convenientemente seus deveres civicos e sociaes.

3.* — Os detentores successivos destes bens não senão depositários, obrigados pelo dever mais sagrado a executar f'elmente seu mandato: subtrah'r taes bens ao seu destino, á educação dos menores, isso não é menos criminoso para com os descendentes, e o seria muito ma's, que não o são as violações do n-esmo genero para com os contemporâneos."

Mario Pinto Sena.

(A Patria)

"A LAMPADA VELADA"

Hermes Fontes perdeu o entusiasmo que lhe inspirava a contemplação do mundo externo. Astros, céos, mares e terras, a fauna meida que parasita o homem, tudo, afinal, que, de começo, foi o grande motivo da sua arte passou para sempre, e o poeta cerrando os olhos pôde ver quão mais digna é a belleza intima e espirital que sae da alma em gottas de eterna alegria, segundo se compara no verso celebre de Keats.

Pôde-se agora através dos seus poemas recompôr-lhe o drama da vida, porque, pela primeira vez, a sinceridade falou mais alto, deixando perceber aos olhos estranhos que a musa da "Lampada Velada" foi a Dôr, inspiradora infallivel de toda a grandeza, vara de gloriosa magia, cujos prodigios são o encanto da existência humana.

Nas "Apotheoses" era uma creança aturdida pelo resplendor da natureza, cantando ambientes, escandindo lões ao sol, como um selvagem no coração da floresta a render culto ás forças brutas que não comprehende. Simple movimento da consciência infantil, que, no entanto, foi bastante a revelar no poeta talentos incomuns de rythmos novos, originaes e livres na concepção e na fôrma, do que dá testemunho a palavra severa de Bilac. Todo elle vibrava de commoção perante o mundo physico, feliz pela visão, inexperienced dos males da existência que representam, em ultima analyse, a única verdade e por conseguinte a belleza única. Mas o embevecimento desfez-se porque era transitório, como transitórios são os proprios phenomenos que o provocaram.

A intelligencia não pôde ficar perdida no gozo ephemro dos aspectos naturaes, sem que lhes imprima a alma, a sua própria feição, os mysterios tristes e as influencias sedutoras. O que, aparentemente, está numa combinação de cores do céu, na majestade das aguas, na magnificência das montanhas, reside, em realidade, dentro do nosso espirito, medida racional das coisas un'versaes. O mundo é uma projecção do individuo, e delle volta o homem para si proprio, incontente do espelho em que a sua alma se reflecte, procurando o fundo do coração, que é a boceta real de Pandora, donde todo o

bem dimana e todo o mal provém. Hermes Fontes fez qual o derviche do conto. Saliu-se á aventura de percorrer o mundo e, depois de muito andar, considerando que tudo era mal, voltou ao silencio do deserto, sem outra companhia que o seu proprio pensamento. E desde então começou a crescer.

"Lampada Velada" é o livro da contemplação interior, que o poeta amadureceu nos pezares da vida, assistindo á morte lenta das aspirações de gloria que animam a gente ao entrar nos scenarios das letras ingratas. Bem o diz o nome que lhe deu. A lampada é o symbolo do Ideal que não morre, mas se atenua sob o véo do recolhimento. No inicio, eram "Apotheoses", altos clangores de entusiasmo, rubras esperanças de amor, ansias gritantes de victoria immediata. Mas desgraçadamente a natureza é a eterna inimiga: não proporciona as condições physicas do individuo com a elevação do seu intellecto. Cerceia a probabilidade do êxito absoluto dentro de uma minúcia ridícula de conformação. Encerra o estro de Virgilio numa gagueice invencível, torce o pé a Byron e paralyza as pernas a Heine em pleno vigor de uma mocidade dominadora. O exercício do pensamento enfeia, dil-o Oscar Wilde, e eu adeanto que só a imbecillidade rjnsent a formosura inte"ril. No entanto, /econncç que o segredo da amargura de muitos espiritos superiores reside na consciência duma inferioridade minuscula que aos seus olhos assume a feição de um desastre irremissível. E nisso pôde o critico encontrar o fundamento das tristezas desarrazoadas de quantas estrophes eternizam a belleza suave dos crepusculos, dos sentimentos reconditos, das queixas dissimuladas contra a rudeza inclemente dos destinos.

Adivinho na "Lampada Velada" a tragedia constante da desillusão, sobrevinda dia a dia, nas lutas aspérrimas do meio, no trato diuturno dos homens, do qual, na voz de um santo padre, o homem volta sempre menos homem. Hermes Fontes foi neste seu livro verdadeiro consigo e com os outros. Disse, poeta soberbo que é innegavelmente, a sua magua com muita força de comunicabilidade, impondo-a aos seus leitores, que delia chegam a participar como se própria fôra. Ninguém sentirá sem doce perturbação o influxo da luz amortecida que deixa o espirito na penumbra da piedade pelo que soffreu e cantou o seu soffrimento. Maior é a sympathy pela musa de Hermes Fontes, quando se a percebe despida daquelle aspecto formidável de philosophia materialista, produto das leituras baratas de Haeckel e Buchner. Eu temo a erudição na poesia. Principalmente a erudição de espantelho, que entra fundo no estrambótico dos nomes para impôr de verdadeira e estupefaciente. Hermes, no caminho para a perfeição, compreendeu o horror de ser corrido em coisas de Darwin e, despreocupando-se das origens tumultuarias dos planetas e dos homens, passou a cuidar de si, da sua maneira de entender

a vida, com a multiplicidade dos seus males que são, bem pensado, o seu supremo encanto.

A "Lampada Velada" é a obra natural de Hermes Fontes, a que ficará ligada ao seu nome, para consagral-o poeta entre os vindouros que souberem ler. Sim, porque eu duvido muito que a humanidade do futuro se apoquente com as coisas ingênuas da poesia de todo o tempo. Acho que a obra de Cadmus e Gutenberg está destinada ao desaparecimento, desde que Edison descobriu o phonograph. Daqui a cinco mil annos, tudo estará reduzido a disco, no mundo do pensamento. Os livros precisarão de Champollion, porque o alphabeto de hoje passará a ser o maia, detestável dos hieroglyphos. Pois bem. Se algum sábio de boa vontade nessa época remotissima do futuro quizer dar aos seus contemporâneos uma amostra phonographada do que era a poesia no Brasil, no século da electricidade, de par com o "Não é assim que se maltrata uma mulher", da musa carnavalesca, imprimirá o "In extremis" de Olavo Bilac e a "Odysseia" de Hermes Fontes. E os homens ineptos confundirão os tres no mesmo applauso sincero.

Mas deixemos a antevisão da velhice do planeta, que Anatole prophetizou, com tão grande arte, no seu "jardim" immorttal. Baste-nos saber que os que amam a belleza encontrarão na "Lampada Velada" muito alimento á sua sede de emoções. Queima nella o azeite da desillusão, que sempre conservou a chamma da verdade. Só os homens felizes sabem mentir. Os que amargurados se retiram, contentando-se com a realza dentro da sua Dôr, nada dizem de falso nos versos, que distillam a modo de lagrimas. Leiam a "Lampada" os amantes dos bons livros e dos bellos versos. Talvez ella tenha as virtudes da que possuiu Aladin e possa ao simples contacto das mãos desvendar cavernas mysteriosas de preciosidades immensas. Apreciei o poeta evoluindo francamente para a sua derradeira feição de lyris<mo temperado. Permitta o Senhor que elle a alcance dentro em breve para honra do nosso tempo. Poeta de nascimento dos que não poderiam pensar sem metro, Hermes Fontes conquista com "Lampada Velada" um logar mais alto na cadeia dos nossos cantores, onde, infelizmente, os cimos escasseiam. Por isso a Academia Brasileira de Letras não a escolheu sabiamente para o seu grêmio. Os literatos de valor precisam estar em minoria, na gloriosa associação, a bem dos seus créditos de competencia. Houve, porém, cinco homens simples que votaram em Hermes Fontes. Feliz a Academia de tel-os. A* falta de cinco varões justos, Sodoma e Gomorrha foram devoradas pelo fogo do céu. Desgraçadamente, esse punhado de louvave's furtou a Hermes Fontes a maior consagração: o nome em branco na lista dos seus illustres competidores.

Austregésilo de Athayde.

("Correio da Manhã").



DEBATES E PESQUIZAS

A PURIFICAÇÃO DE SAPHO

... Sapho não foi uma cortezã. Sapho foi uma dama mui grave, mui respeitável, mui apegada aos seus aeoengos e até muito intransigente no que respeita a bons costumes.

Para nol-o demonstrar, o sr. Tlien loro Reinach, membro do Instituto de França, começa por destruir a antiga biographia peccaminosa. Logo, constrôe a nova, honesta e austera. A primeira parte não é difficil. Os primitivos biographos da illustre poetisa, athenienses do tempo de Pericles, desconheciam por completo os costumes de Lesbos e não sabiam tampouco o que, dois séculos antes, havia sido a existencia das hetairas. Para elles, uma mulher que, em suas poesias, exaltava as paixões com franqueza absoluta, não podia ser sinão avô de Aspasia. Basta, porém, estudar a historia de Mitilene, para se saber que naquella ilha bemaventurada as cortezãs não oocupavam nunca a posição que se lhes concedia na Attica e que lhes permittia, na época de Alcebiades, figurar como compinheiras respeitadas de seus amantes. "Não ha exemplo — (diz o nosso cicerone) — de que na Grécia cláissica e, menos ainda, na Grécia archaica, uma mulher de bom nascimento, e com maior razão, uma mulher de familia nobre, fizesse profissão de galanteria em sua própria patria. No século VI, mesmo nas cidades mais indulgentes, a posição social da cortezã era humilima: quasi todas eram escravas e muitas delias estavam a serviço dos grandes santuarios". Depois de falar assim, Reinach pergunta si é porventura possível que em taes condições Sapho tenha sido peccadora... Porque a alta prosápia da musa lesbiana é indiscutível. Os eruditos allemães Welcher e Muller demonstram que, nascida em Mitilene, ella se casou muito joven e enviuvou em pouco tempo. Suas poesias não' falam de seu marido. Em compensação,

falam de sua filhinha Clevis, a quem adorava. Um de seus irmãos era copeiro no Pritaneo, o que claramente significa linhagem e muito boa fortuna.

Outra prova de nobreza é que, ao cahir o governo aristocrático, o dictador plebeu Pittacos de-sterrou as principaes famílias, entre as quaes se achava a de Sapho.

Tudo isto, si bem que baseado em conjecturas mui plausíveis, podia prestar-se a que alguém objectasse:

— Muito bem: a dama era de linhagem e rica... Ademais, e certo que tinha uma filha... Porém, demonstra isso que fosse casta?... Já é algo extranho que nada se saiba de seu marido. Além de tudo, porque não havia de poder ser, já que não uma hetaira, ao menos uma aristocrática cultora do amor livre?... Em todas as épocas e em todos os paizes, têm havido filhas de mui nobres berços, cujas aventuras têm assombrado o mundo.

E por saber apenas o que Müller o Welcker nos ensinam, teríamos que responder a quem assim nos falasse:

— E' certo...

• • •

Aqui, porém, nos encontramos onde os novos panegiristas da musa nem sequer aceitam que ella tenha tido amantes.

"Em suas poesias — diz o sr. Reinach — não cita nenhum." Nos fragmentos que possuímos não ha, com effeito, nomes. Mas ha amor, ha uma febre magnifica de amor muito humano, muito directo, muito pouco casto, muito exigente, muito devorador. O que não haveria em suas obras destruidas?...

Por que se não deve perder de vista que o que dos antigos se conserva é o que escapou ás chammas inquisitoriacs dos religiosos de Byzancio. O proprio papa Leão X escreve, não sem nostalgia: "Ouvi dizer em minha infancia a



Demetrios Chaleondyle, homem, muito sabido nas letras gregas, que alguns sacerdotes christãos haviam tido credito junto aos imperadores bysantinos para obter delles o favor de queimar por completo um grande numero de obras dos antigos poetas gregos que continham pinturas amorosas e sentimentos licenciosos e que assim foram destrucidos os comicos Menandro, Difilo, Apolodoro, Filemón e Aléxis, e os lyricos Sapho, Eiina, Anacreonte, Mimnerme, Bion, Alemain e Aleco. Substituiram-nos pelos poemas de nosso Gregorio de Nazlanze, que embora se inspirem em sentimentos religiosos, não podem, sem embargo, pretender chegar a uma elegancia tão attica". Mas em fim, com relação á nossa musa, devemos confessar que o que' de suas poesias nos resta basta para nos fazer ver o fundo insaciável de sua alma enamorada. Enamorada de um só homem, de um esposo único?...

Os que querem nol-a apresentar qual a mais honesta burguezia, mãe de familia exemplar, terna filha e irmã solícita, chegam até o extremo de nos replicar: — "Sim, de um só esposo..."

* * *

Em que fundam tão arriscada opinião?... Nada mais que em uma ode descoverta ha poucos annos pelos eruditos allemães Grenfeld e Hunt. Eis aqui essa composição:

"Oh! Cipris e vós, Nereidas, dáe que meu irmão volte aqui são e salvo e que os desejos de sua alma se realizem. Si peccou em outro tempo, que se olvide tudo isso: que de hoje em diante seja uma alegria para os seus amigos e uma afeição para os seus inimigos, ou melhor, que não tenha nunca inimigos, si isto é possível. Que se vote a fazer com que se rendam a sua irmã as homenagens e honras que merece; que olvide por completo as sombrias humilhações que antes o entristeceram e me arrancaram a mim o coração. Quando escutava as palavras injuriosas que, em meio dos festins, mordiam ao vivo a sua carne e apenas desvanecidas, tornavam a elevar-se"...

Para dar a esta ode o alcance que desejam os srs. Reinach e companhia, temos que accitar como verídica outra lenda poética, relativa a seu irmão, que os chronicistas gregos nos referem nos seguintes termos:

"O bello Charaxos, irmão de Sapho, amava a cortezã "Cara de Rosa" e era amado por ella. Ia frequentemente ao Egypto para vel-a. Em uma dessas viagens, "Cara de Rosa", sentada, olhava o Nilo e buscava no horizonte a vela do navio que conduzia Charaxos. Um de seus sapatinhos havia sahido de seu pé impaciente e brilhava sobre a alfombra; viu-o uma aguia, colheu-o com seu curvo bico e remontou aos ares.

"Achava-se nessa occasião o rei Amasis em Neucratis, onde estava a sua corte e o rodeavam os principaes digni-

tários. A aguia que havia levado o sapatinho de "Cara de Rosa", sem que esta soubesse, deixou-o cahir sobre os joelhos do Pharaó, que experimentou natural surpresa. Jamais havia visto sapatinho tão pequeno e tão lindo. Propoz-se, em seguida, o monarcha averiguar a que pé correspondia o calçado, e fez experimentar o sapatinho em todas as mulheres de seu dominio. Nenhuma pôde calçar-o, a não ser a sua verdadeira dona. O rei se enamorou de "Cara de Rosa" e quiz que fosse sua amante... Julgamos que ella permaneceu fiel ao bello CKaraxos."

Si temos de crer em Reinach, com effeito, todos esses peccados passados que a poetisa atria á face de seu irmão, não são sinão suas velleidades de casar-se com "Cara de Rosa", a quem havia comprado como escrava para convertel-a pouco a pouco em sua dona e senhora. E naturalmente, Reinach acrescenta: "Si Sapho se montre á ce point sensible tout ensemble á l'inconduite de son frère et á la réprobation motivée par cette inconduite, comment admettre un instant qu'elle n'ait pas été innocente des débordemens publics dont la comédie athénienne chargea sa mémoire? Comment surtout admettre que ses contemporains, ses concitoyens aient rangé parmi les courtisanes cette femme de haute race, gardienne vigilante, jalouse, ombrageuse, de l'honneur de sa famille?"

Certo. Uma dama que tão intransigente se mostra com um irmão amado só para o castigar por ter querido unir sua sorte á de uma cortezã, não podia nunca nos parecer capaz de praticar o amor livre, nem de ter aventuras. Porém, é, acaso, seguro que as censuras cruéis da ode se referem só áquellas relações com "Cara de Rosa"? Notemos, desde logo, que os amigos de Charaxos "o injuriaram" nos banquetes "por causa da sua conducta".

Entre homens, no emtanto, não é, nem tem sido nunca motivos de injurias o acto de querer osar-se com uma concubina. Logo, não esqueçamos que Charaxos, ainda que de nobre familia, commerciava em grande escala, possuía barcos, exportava e importava, e, em uma palavra, manejava enormes cabedaes. Porque, nesse caso, não havemos de crer que "as sombrias humilhações" poderiam ter origem em alguma bancarrota, melhor do que em um episodio sentimental?... Mas, emfim, por não contradizer ao sr. Reinach e a seus discípulos, eu não vejo inconveniente em aceitar sua these, imaginando a musa lesbiana tão inimiga das "mesaliances" qual uma duqueza dos tempos de Luiz XIV. Em seu orgulho indomável, vejo-a mui bem erguendo-se contra a idéa de que uma escrava galante entre a fazer parte de sua familia. Apenas, ou muito me engano, o que mais a offende não é o galante, mas a escrava...

* * *

Acceiteis, pois, que Sapho não foi cortezã. Seu contemporâneo Alceu, ao falar delia, chamou-a: "a casta musa, a dos risos de violetas, a do sorriso de mel". E si vamos dar credito a Grenfel e Hunt, isto de "casta" não é simples lisonja. Já na antiguidade um critico havia dito, falando da Poetiza, que tudo nella era idealismo ou pensamento e que seu cenáculo podia comparar-se com o de Sócrates. Reinach, porém, vae mais longe e assegura que não só não teve amantes a divina poetiza, como até as fogaças caricias que faz a suas bellas amigas, os jovens que lhe inspiram os mais doces madrigaes, são puros brinquedos de meninas, mui affectuosos, mui cortezes, mui hellenicos e mui honestos. E' aceitavel? Sem citar de novo os hemistichios de fogo dirigidos "A uma mulher amada", parece-me que até os mais curtos fragmentos que de suas obras nos restam, têm um alento de sensualidade que embriaga. Eis aqui alguns versos dispersos que só se unem entre si pela sodadura da paixão e do desejo:

"Quero cantar por minha bem amada um canto agradável."

"... Então minha lyra divina fala e adquire uma voz."

"... A cigarra produz com suas azas um ruido harmonioso, quando o sopro do estio, voando sobre as messes, queima-as... Assim, eu canto queimada pelo sopro do amor..."

"Eu retorço meus membros em um brando leito;

"A lua se banha no mar,

"E nel'a as pléyades; a noite está em sua metade,

"A hora passa.

⁴⁴E eu estou acostada, solitaria".

"O amor, que quebranta os membros, vem a agitar-se de novo; serpente doce e cruel que não pode destruir-se!

"Por mim, amarei a voluptuosidade enquanto tenha a dita de ver a luz brilhante do sol e de contemplar tudo o que é bello..."

"O amor rompe a minha alma como o vento abate as cumieiras nas montanhas..."

"Teu talhe é semelhante a uma palmeira... Ao som de tua voz minha alma se funde... eu pasmo de amor..."

Tudo isto é casto como o pretende Alceu?... E' puramente ideal como o assegura Máximo de Tiro?... Não. Até no mais breve, no mais insignificante, no mais impessoal desses versos soltos, se sente o forte aroma de fervor carnal, de religiosidade amorosa que distingue de seus compatriotas de todos os séculos aquella mulher singular, enamorada da paixão tanto como do prazer. Que differença entre sua concepção abstrata, irreflexiva, tyrannica e humilde do amor, e a dos convivas do Banquete, tão donos de si mesmos, tão galantes, tão capazes de disreitar, mesmo nos momentos de maior entusiasmo sensual! Melhor que uma pagan contemporânea de Anacreonte, parece uma italiana do Renascimento, digna de sabo-

rear com deleite o que o desejo tem de mais subtil, de mais enfermizo, de mais fundo, de mais mysterioso. Que digo! Com as mesmas santas que desmaiam de mystico arrebatamento, pode comparar-se aquella extranha pagan! Neste ponto, os antigos biographos são mais perspicazes que os novos. Um delles, depois de citar certas paginas de Santa Thereza, que tem como um sopro de loucura igual ao da "Ode a Cipris", escreve estas significativas palavras: "Vê-se

bem que só muda o objecto do amor, porém, que é o mesmo amor, o mesmo ardor, os mesmos transportes. Sob o céu de Hespanha, cheio de sol, como sob o céu da Eólida, nesse ar doce e perfumado — seja depois dos banquetes coroados de rosas, onde se embriagam com vinho de Lesbos, em meio de canções e de lyras, ou junto a essas jovens do claustro, que debilitam o cerebro, excitado pelos cantos do orgão e pelo silencio; seja nas bellas ilhas do mar Egeu e do mar Jonico, verdejantes, como dizem os poetas, de espessas sombras inimigas da innocencia, ou nesses conventos de Avila e de Alba, também de sombras mysteriosas; nos pateos dos mosteiros cheios de sonhos, ou nas discretas cellas — como defender as almas ou os sentidos contra a paixão, erótica ou se-raphica, e contra os dardos inflammados?" E accrescenta, com um bom senso que não possuem os mais modernos glosadores das odes: "Esta mulher, em uma palavra, não foi mais que amor. Amor ideal ou amor sensual? Em seu tempo não se faziam distincões. Não se sabia outra psychologia que a de Homero, que mescla e confunde sem cessar, mais philosophicamente do que se pensa, o estomago e o coração, os sentimentos e os appetites. Todavia, Plátão não havia chegada ainda para isolar o espirito na cabeça, a força no peito e relegar ao ventre os appetites, pouco mais ou menos como em sua republica aristocratica relega para o terreiro plano o povo obreiro. Pelo anno 590 antes da nossa era, não se sabi analysar tudo isto e, na poesia, como na vida, não se subtilizara o amor. Sapho amou, pois, á maneira de deuses homéricos; mas, sem poder, como Júpiter sobre o monte Ida, quando encontra Juno ornada com a faixa de Vénus, envolver-se numa nuvem de ouro". Nessa mescla confusa de idealismo e de sensualidade, nessa chamma interior que funde e confunde a ternura e a luxuria, é precisamente no que se estriba a sublime praça desta mulher que, saltando por sobre as religiões e as raças, se approximou ao alvorecer da civilização hekenica das que mais tarde haviam de saber agonizar de prazer e fervor.

E não se trata das tragicas agonias que conheceram as heroínas do theatro grego, as Fedras, as Neféas, as Clitemnestras. Não. Entre os dois polos do amor antigo: o polo risonho do prazer e o polo terrível do crime ou do martyrio, só ella, a Musa, encontra o digno termo médio de onde se exhalam

já todos os sublimes suspiros que mais tarde immortalizarão as amantes legendárias. Como é possível, tenho me perguntado mais de uma vez lendo a ode a Afrodite, como é possível que os que buscam mães a Heloisa, a Francesca de Rimini, a Cleópatra, á doce Julieta, ás almas mais ternas e mais fogosas, ás mais completas na sublime complexidade do querer sem limites, não tenham pensado na divina Sapho? Os gregos chamaram-na — Ella — em signal de adoração. Nós poderíamos canonisala como verdadeira patrona das que têm santificado o amor e, si se quer, até a luxúria. Porque, por mais que queiram os eruditos fazel-a parecer uma especie de abadesa de convento ou de mestra de escola, não lograrão nunca acostumar-nos a tão peregrina visão. Que não seja uma cortezan, accetamol-o. Que seja uma bôa burgueza, não, não...

* * *

E' curioso o quadro que Reinach traça para collocar ao centro Sapho purificada. "Algumas damas que por viúvas ou por terem empobrecido tinham que procurar occupaões para os seus ocios — disse — souberam reunir em seu derredor, talvez na forma de associaões religiosas, enxames de moças que foram para ellas amigas e discipulas, e ás quaes communicaram não só seus conhecimentos musicaes e poéticos, como também suas graças refinadas e seus nobres ideaes. Sapho não foi a única que teve uma destas "casas de musas" segundo sua própria expressão: "O nome de duas de suas emulas chegou até nós e Sapho lhe faz, a uma delias, a cruel censura de não saber vestir-se com elegância".

Estas instituicoes femininas não eram desconhecidas em outras comarcas helênicas. Reinach reconhece que desde os tempos archaicos existiam na Lacedemonia. Seu verdadeiro apogeu se encontra, porem, em Mitilene, no século VI, que chegou a possuir institutos poéticos aos quaes as familias ricas das ilhas visinhas e até de paizes remotos e barbaros, mandavam suas filhas para aprenderem os segredos da musica, da poesia, da elegancia e da seducção. Havia nessas escolas algo de convento aristocrático, á maneira franceza, algo de conservatorio artistico e também de 'Cub elegante com os que existem na Inglaterra e nos Estados Unidos. "Uma estreita e terna amizade — accrescenta Reinach — unia as alumnas entre si e ás mestras. Uma directora secca, beata, severa, havia feito murchar em flor as tendencias affectuosas daquelle enxame, dando-lhe um caracter claustral. Por fortuna, a superiora de Mitilene, a nossa, não tinha nada de insociável, nem de desagradavel, sião o contrario". E' muito agradavel a imagem physica que de Sapho nos traça nosso douto cicerone. Ell-o aqui no original para que nada perca do seu encanto:

"C'était une petite femme brune, vive, de belle humeur et de franc parler, tressaillant à toutes les émotions de la nature e du cœur, malicieuse avec grâce, aimante avec fougue, de plus potesse inspirée, musicienne accomplie et novatrice, reflétant dans son âme et dans son langage tout le charme de cette île enchantresse où le ciel et la mer cèlèbrent un mariage perpétuel. A l'égard de ses jeunes compagnes, son attitude n'est pas celle d'un pedagogue, mais plutôt celle d'une soeur amee qui fait de cette vie commune, trop breve, l'cole indulgente de leur maturité, qui couve, avec une sollicitude de tous les moments, l'éclosion de leurs perfections corporelles et morales. L'ardeur dont elle cèbère leurs progrès, la véhémence dont elle gourmande leur paresse, quand les roses de Piérie les laissent indifférentes, la douceur qu'elle trouve à communier avec elle dans toutes ces réjouissances naïves que la religion grecque imprégnait et sanctifiait de sa beauté, la blessure de son affection lorsqu'elle ne rencontre pas dans un de ces jeunes cœurs tout l'écho réclamé, par le sien, le déchirement des séparations ultimes, soit lorsque la mort prématurée fauche une de ses aimées au passage, soit à l'heure inévitable où la fleur, épanouie par ses soins, est cueillie par le fiancé conquérant et parfois transplantée vers de lointains rivaires — tout cela forme la trame d'une existence sentimentale, à la fois très simple et très riche, dont la pareille n'a pu se produire que pendant certains courts intermèdes de la Renaissance italienne, et plutôt encore dans le rêve que dans la réalité**.

Já vêdes que nada pode ser mais tenro, mais sentimental, mais affectuoso e ao mesmo tempo mais puro. Reinach tem grande empenho em convencer-nos de que o que atravez dos séculos se tem chamado "amor saphico" e "amor lesbiano" não tem nada que ver com Lesbos nem com Sapho.

"Quest-ce qu'il en sait?" — podemos perguntar-lhe, repetindo uma frase famosa... Porém, elle nos responderá citando odes de nossa grande poetiza, descobertas recentemente e dedicadas a antigas discipulas suas. Uma destas poesias diz:

"A meude, desde Sardas, sua cidade natal, seu pensamento se volta para nós:

"Para a vida que vivemos juntos. Tu sabes que Arignote te considerava qual uma deusa e que tua canção a encantava mais que nenhuma outra;

"Agora brilha entre as mulheres de Lidia tal qual se vê brilhar a lua, quando o sol se põe;

"Dominando todas as estrellas e deramando sua claridade sobre o mar salgado e sobre os campos floridos.

"Sem embargo, Arignote vae e vem, inquieta, sonhando com Athis amavel.

E uma languidez roe seu espirito subtil, e a tristeza morde seu coração.

"Com voz aguda, ella grita nosso nome, chamando-nos, e a noite nos traz, atravez os espaços marinhos, seu lamento incompreendido".

Pode dizer-se que nesta ode não ha sinão affecto amistoso como o assegura o nosso cicerone?

Eu, na verdade, não me atreveria a ser tão bem intencionado.

Reinach, porém, em seu desejo de supprimir todo peccado, nos faz a subtil explicação seguinte, que prefiro não traduzir para lhe não tirar nada de sua engenhosa elegancia histórica:

"L'amitié de ces femmes d'élite s'exprimait avec d'autant plus de ferveur et d'abandon qu'elle ne supportait pas la concurrence de l'amour. On sait d'ailleurs que dans la Grèce archaïque. l'amour sentimentale entre les sexes apparaît aussi rarement dans la vie que dans la littérature. L'esprit analytique des hommes d'alors semble avoir considéré comme contradictoire la réunion, sur un meme object, d'une affection vrainmente élevée et d'un penchant commune à l'homme et à la bête, la matérialité inhérente à l'un semblait vicier irrémédiablement ce qu'il y avait dans l'autre de noble, d'éducatif et de généreux. De là l'importance prise par ces attachements, tantôt plus tendres, tantôt plus heroïques, entre personnes de meme sexe, mais d'âges différents. Et si l'on s'étonne de reconter parfois dans la poésie saphique, à côté des sages conseils de l'amitié la plus pondérée, l'invocation d'Aphrodite et d'Eros, des paroles de feu et de fièvre, des orages et des tourments tout pareils à ceux de l'amour, on n'a qu'à relire quelques lettres de Madame de Sévigné à sa fille pour savoir comment sous notre doux ciel de France, loin des étés embrasés et des parfums grisants de ces îles de la Grèce".

("Nosotros", de Buenos Aires).

E. Gómez Carrillo.

Paris, 1921.

A EXPLORAÇÃO DAS NOSSAS RIQUEZAS FLORESTAES

A exportação de madeiras attingiu, no anno passado, a 109.499 toneladas contra 125.394 em 1920, 103.324 em 1919, 181.799 em 1918 e 20.310 em 1913.

O valor correspondente foi de réis 17.977.000\$000 em 192-1, 20.483.000\$ em 1920, 13.317.000\$000 em 1919v 21.000.000\$000 em 1918 e 2.021.000\$ em 1913.

Convertido em moeda ingleza, esse movimento representou 619.000 libras esterlinas em 1921, 1.198.000 em 1920, 806.000 em 1919, 1.139.000 em 1918 e 135.000 em 1917.

Assim, a nossa exportação de madeiras ainda é pequena em relação ás nossas riquezas florestaes, cuja exploração ainda não é systematica e intensa. Mas

em relação ao commercio anterior á guerra, não é possível esconder a progresso realizado.

Conquistamos os mercados do Prata, e convém que saibamos mantel-os, expandindo ainda mais as nossas vendas. Na nossa exportação de madeiras predominou nos últimos decennios a pinho dos Estados do sul destinado ás Republicas do Prata; mas com a suspensão da navegação para os paizes europeus em que se suppriam, os paizes visinhos tiveram de augmentar os campos no Brasil.

O Brasil exporta principalmente pinho, cedro, Gonçalo Alves, Jacarandá, pão-Brasil e Sebastião Arruda.

O acapú são do Pará para Portugal; o cedro, do Pará, Paraná e Rio Grande para a Argentina, Estados Unidos, Noruega, Portugal, Uruguay, etc.; o jacarandá, da Bahia, Victoria e Rio de Janeiro para quasi todos os paizes da Europa e dos Estados Unidos; o pão-Brasil, principalmente, do Rio para os Estados Unidos; o pinho, da Bahia e Santos, mais principalmente dos portos do Paraná e Rio Grande para Argentina e Uruguay; e Sebastião Arruda para Alemanha, Bélgica, Estados Unidos e França.

A exportação do pinho foi de 11.932 toneladas e 832 contos em 1913, 30.719 toneladas e 1.794 contos em 1915, 152.021 toneladas e 16.825 contos em 1918, 103.823 toneladas e 13.316 contos em 1919 e 125.398 toneladas e 20.483 contos em 1920.

("A Patria").

A LUA CAHIRA' SOBRE AS NOSSAS CABEÇAS?

Acabam os jornaes inglezes de estampar alarmantes e curiosas entrevistas obtidas recentemente com o astrônomo inglez Crommelin.

Nas suas declarações, o popular astrônomo principia dizendo que havia observado certos movimentos suspeitos no ultimo eclipse da lua. O sol não se apresentou — diz Crommelin — com exactidão ao local fixado pelos cálculos dos astrônomos, parecendo não obedecer mais estrictamente à lei de Newton sobre a gravitação universal; o satellite da terra accelera o seu movimento, e se isto continua, nós estaremos ameaçados da sua quêda, qualquer dia, sobre as nossas cabeças.

O problema, entretanto, não é novo. Em 1693, Halley mostrou que a marcha da lua não era uniforme e que depois de 2.000 annos ella parecia ter avanzado sobre sua trajectória theorica ditas vezes em torno do diâmetro.

Elie concluía que um tal estado de coisas annunciava simplesmente a aproximação continua do nosso satellite e que esta acceleração secular, continuando, a lua acabaria faatalmente cahindo sobre a terra.

Porém, era 1787, Laplace demonstrou, por sua vez, que o phenomeno se ex-

plicava muito bem pelas leis da mecânica celeste.

Nós sabemos todos que a terra descreve em torno do sol, durante um anno, não uma circunferencia mas uma elipse: pois bem, Laplace demonstrou que esta elipse não tem a mesma forma. Nós poderíamos comparal-a a um arco de barril sobre o qual se exerça uma pressão lateral e que se alonga mais ou menos.

Como de outra maneira a lua gire em redor da terra, ficando submissa á atracção do sol, concebe-se que toda a mudança na distancia do nosso globo ao astro do dia "tenha por consequência um augmento ou uma diminuição de acção sobre nosso satellite.

O padre Moreux dá de sua parte uma explicação mais completa:

"Observastes — diz Moreux — quanto são numerosas as apparições dos meteoros nestes últimos annos?"

A cada momento os jornaes assignalam novos apparecimentos.

Este poço celeste que rodeia o sol em cima da terra deve formar um meio mais ou menos resistente: ora, demonstrei depois de muito tempo que a condensação dessas particulas sobre o sol exerce uma influencia no apparecimento das manchas solares: haviam zonas mais ou menos densas em comparação com a acção do sol, e quando nós atravessamos uma dessas ondas, é natural que a lua accelere o seu movimento. E a prova que o espaço celeste está mais ou menos cheio de materiaes cosmicos nas regiões que nos occupamos é a coloração dos eclipses lunares, como se provou recentemente.

Assim, na sua volta ao redor da terra, a lua, segundo as épocas, atrahiria um numero mais ou menos grande de meteoros, e, se approximando de nós, ganharia mais velocidade".

Esta seria a explicação do mysterio que intriga os sábios ha mais de dois séculos.

Em todas as previsões, não ha nada que possa fazer crer na probabilidade da realização mais ou menos longinqua do cataclysmo previsto pelo astronomo Crommelin.

("A Patria").

FRAGMENTOS DE PHILOSOPHIA POLITICA

Os problemas financeiros actuaes só terão solução possível olhados em funcção do tempo. Com o seu concurso, a dívida mais colossal torna-se tão pequena quanto se deseja. Só as collectividades são capazes de realizar essas combinações baseadas no Ppder do tempo, porque a sua vida é illimitada.

* * *

As revoluções não têm, em geral, outro resultado final que substituir uma olygarchia por outra.

O communismo russo mais uma vez verificou esta lei histórica.

* * *

O erro individual é tido por uma verdade desde que se torne collectivo e nenhum argumento racional pode impedir a sua propaganda.

* * *

Um regimen politico só é fecundo quando leva em consideração os elementos permanentes da vida de um povo.

As agitações populares são comparáveis ás vagas tumultuosas que alteram a superficie do oceano sem perturbar a serenidade de suas aguas profundas.

* * *

Uma das grandes difficuldades da idade moderna consiste em fazer viver conjunctamente homens que aspiram á egualdade, quando os progressos das civilisações se realizam unicamente como os da natureza, por desigualdades progressivas.

* * *

Todos os naturalistas sabem que o esitado actual de um sér quaquer, desde a planta até o homem, é determinado pela stocessão de seus estados anteriores e que as transformações realizáveis a cada geração são sempre minimas. O estado social de um povo é egualmente determinado por seus estados anteriores e eis porque as mudanças radicaes sonhadas pelos partidos politicos permanecem irrealizáveis.

* * *

Os sonhadores não têm nenhum poder creador, mas seu poder destruidor é ás vezes considerável. Sob sua acção dissolvente, as instituições pensosamente edificadas pelo tempo rapidamente se desagregam.

Bastaram alguns mezes aos communistas russos para mergulhar a Rússia moderna na barbaria.

* * *

A egualdade na miséria sem meio de sahir delia, termo fatal das theorias socialistas, pode se considerar preferível ás desigualdades que permitem todas as ambições e são para o homem um estimulante energico de esforços e por conseguinte de progresso?

* * *

Qualquer que seja o modo de governo, termina sempre na olygarchia: permanentemente no regimen monarchico e ephemero no regimen democrático.

("Les Annales", de Paris).

Gustave le Bon.



Si sou um menino
gordo e corado
Devo tudo ao
Biotônico
Fontoura

ISBN

**BIOTONICO
FONTOURA**



**O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE**

BioTônico Fontoura



**O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE**

IIII

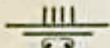
**Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas e os**

CUBA A AHEMIA

CUBA A FRAQUEZA MUSCULAR E KEHYOSA

II II

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA - PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAÚDE - EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:
BIOTÔNICO elixir

Adultos 1 colher das de sopa ou meio cálice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTOMCO pastilhas

Adultos 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTOMCO Injeção

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTÔNICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desapparecimento completo das dôres de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intento dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior reistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigore de saúde.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rápido levantamento das forças e considerável abundancia de leite.
- XII — Rápido e completo restabelecimento nas convalescências de todas as moléstias que produzem debilidade geral.



= C 3 =

O Biotônico Fontoura
julgado pela probidade
científica do professor

DR. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripta a clientes meus o

Biotônico Fontoura

e que infelizmente tenho observado de observar que lia, era geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem afigurado • sen uso quando lia accentuada denutrição e occorrem manifestações nervosas, delia dependentes.

Kio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(11) Dr. Henrique de Mello Bellotti
Professor de moléstias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
tamente em minha clinica o

Biotônico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais furtar
a obrigação de o receitar.

Kio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica Medi-
ca da Faculdade de Medicina
do Kio de Janeiro.

O Biotônico Fontoura

consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado com
os maiores resultados na cli-
nica civil o preparado

Biotônico Fontoura

Kio de Janeiro 12 de
Julho de 1921.

1. flustregesilo

Professor catliedratrico da
clinica neurologica da Facul-
dade de Medicina do Kio de
Janeiro.

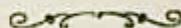
Palavras do eminente
cientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes
meus e sempre que lhe acho
indicação therapeutica o

Biotônico Fontoura

Kio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliana Moreira



Preparação especial do **"INSTITUTO MEDICAMENTA"**
FONTOURA, SERPE & - S. Paulo

OS INIMIGOS DO TELEGRAPHO

Os leitores conhecem a historia, certamente apocrypha, do campono simplorio, que, ao enviar noticias ao filho, soldado em Africa, lhes juntou um par de sapatos, que suspendeu ao fio electrico, persuadido de que o embrulho seria transportado, num fechar de olhos, da Franca a Algéria.

Os camponezes estão lixe mais familiarizados com o telegrapho, preferindo o "colis" postal ao "clegraphioo, enquanto esperam que o "cols" por avião seja definitivamente introduzido nos nossos usos e costumes.

Todavia, outra razão ha para que o campono nada mais suspenda ao fio telegraphico, e as crianças se abstenham de tirar pedras aos postes. E' por que a lei os defende e os infractores são severamente punidos.

Assim, os postes telegraphicos, os fios e isoladores são geralmente respeitados pelo homem. Têm, porém, outros inimigos, que não raramente e muitas vezes escapam á vigilancia e repressão. São os animaes quadrupedes, os passaras, peixes e os proprios insectos.

Os pexes atacam os cabos submarinos. O espadarte é o mais temivel. Encontra-se aos cabos fragmentos de barbatana, em fórma de espada, de são providos, a qual penetra até os fios do cabo que arrebatam.

Também se observaram sérias avarias, produzidas por baleia, no cabo do golfo Persico. O cetáceo, coberto de parasitas, quizera desembaraçar-se delles, esfregando-se de encontro ao cabo, e com tamanha violencia e persistência, que o envoltorio se rompeu. O enorme mamífero foi collido pelas junções dos fios, que o estrangularam completamente.

Ainda mais perigosos são alguns vermes, principalmente o "teredo navalis", que corroem e furam o cabo, abrindo os fios protectores, o envoltorio de canhamo e a gutta-percha, de tal modo, que o cabo, collocado em grande extensão, fica em condições de não poder ser reparado, tendo de ser substituído.

Felizmente está ahi a graphia sem fio, para compensar largamente a telegrapha submarina, até que de todo a substitua.

As linhas telegraphicas terrestres estão mais expostas aos ataques e á hostilidade dos animaes do que as submarinas.

Muitos quadrupedes esfregam-se de encontro aos postes, quando sentem comichão, e não raro é vêr uma vacca ou um cavallo dextrar o pasto e ir coçar-se nos postes das estradas.

Nos paizes habitados por macacos, estes quadrumanos aham-se aos fios e nelles se balançam como num trapézio, estorvando, assim, a communicacão telegraphica.

Os passaras, como corvos, pegas e gralhas alcandoram-se nos fios e deitam, no local onde permanecem, uma camada de guano, bastante prejudicial ás linhas telegraphicas. Não falem dos pardaes, das andorinhas e de outros passarinhos, que pagam caio a sua temeridade, quando fazem poleiro dos fios. A primeira transmissao electrica levou um choque terrivel e vão despedaçar a cabeça de encontro aos postes e ás pedras. No cativo são frequentemente encontrados passaras mortos junto aos postes do telegrapho.

Um dos inimigos alados perigosos para o telegrapho é o pica-pau, que trepa nas arvores para caçar insectos. Dá bicadas fortes nos furos dos isoladores de porcelana ou vidro, julgando que servem de esconderijo aos insectos. E não se engana, porquanto, muitas vezes mais de um ali se aboletam, e as aranhas tecem as teias nos logares onde o telegrapho não funciona constantemente.

Os noruegueses constataram muitas vezes que o urso é inimigo do telegrapho, e que deruba os postes.

Explica-se. O rumor produzido pela transmissao da corrente electrica é semelhante ao zumbir das abelhas; dahi o aerditar o urso que os isoladores são colmeias, derrubando o poste, que é, para elle, uma arvore, afim de fazer cahir a presuppuesta colmeia e colher o mel de que tanto gosta.

Os lobos, ao contrario, eviam, com prudência, passar por baixo das linhas telegraphicas, parecendo que as tomam por armadilhas suspensas.

Os suecos aproveitam-se do seu temor prudente, estabelecendo os curraes, tanto quanto possivel, nas proximidades dos telegraphos.

ORIGENS ARABES DE DANTE E DE PASCAL

E' o hespanhol M. Asin Palacios quem, em estudos tão profundos quanto curiosos, demonstrou as origens musulmanas da *Divina Comedia* re'ntegrando assim o Islam entre os elementos que têm presidido á nossa arte occidental.

O primeiro versiculo da "Sourate XVII", intitulado *A viagem nocturna*, marca o inicio das investigações de M. Asin. Sobre um simples versiculo do Alcorão, a imaginação oriental preparou as mais surprehendedes visões.

Todo um cyclo de *hadits* ou commentar-os se abre lá, desenvolvendo as maravilhas que o propheta, montado sobre o cavallo feérico Borac, ou conduzido pelo archanjo Gabrel, viu nos mundos ultraterrestres. Toda uma *eschatologia* se imagina lá em c'ima: descripção das torturas da gelienna e das alegrias do paraizo.

Uma primeira metáfora poética se opera nos *hadits*: ai descnp-rV • i a a excitar os sentidos os mais delicados.



cs pelos quaes se pode exercitar já a se despregar da materia, isto é: o olfacto, o ouvido e a vista; o viajante se eleva a ura paraizo se perfumes, de musica e de luz.

O mais completo desses desenvolvimentos da legenda primitiva é constituído por uma parte do *Fotuhat*, uma obra do theologo Abenarabi de Murcie, pertencente á seita dos *souffies*, ijio é, dos mysticos. feille é d'scipulo de *Abenmo-sarrd*, um theologo cordovão instruido por doutrinas orientaes, cm particular da heresia montazilla e da philosophia alexandrina, e que devia influenciar profundamente a escolastica christã.

O *Fotuhat* d'Abenarabi contem o historico duma evolução interior, uma autobiographia religiosa semelhante á d'uma Santa Thereza, ou duin santo Jean-de-la-Croix. Esses exercicíos, sinceramente narrados e attingindo aos mais altos extasies, nos mostram, não somente que a mystica christã e a mystica musulmana são irmãs, mas que ha entre seus adeptos uma especie de unidação psychologica.

Todos os detalhes das visões infernaes e paradisiacas d'Abenarabi, a descripção des supplir's e a ascensão através as epherac celestes apresentam com a *Divina Comedia* innumerables relações. A demonstração de M. Asin se desenrola com um rigor que perturba. A semelhança manifesta-se por todo. Dante, por outro lado, fala segudo dos arabes. Elie considera o Islamismo não como uma religião diferente, mas como uma seita christã. Dante transmuda a velha legenda e applica a sua vida e a eleva a uma altura. Unia vagem através o inferno, o purgatorio e o paraizo torna-se uma viagem através uma alma humana.

M. Asin Palacios escreveu um estudo do mesmo genero sobre as origens arabes dos estudos de Pascal. A argumentação de Pascal se encontra no theologo arabe Al-Ghazali.

Os apaixonados trabalhos de M. Asin Palacios nos mostram como duas civilizações podem forjar sobre o problema do além concepções similares.

Jean Cassou.

(*M La Connaissance*)

A INSTRUÇÃO NO PIAUHY

O Dr. João Luiz Ferreira, governador do Piauhuy, reuniu em Therezina, um congresso de municipalidades, no qual os representantes dos 31 municípios do Estado adoptaram por unanimidade as seguintes resoluções:

"1.* — Cada município despenderá com a instrução primaria vinte por cento, no mínimo, do total de sua receita arrecadada annualmente.

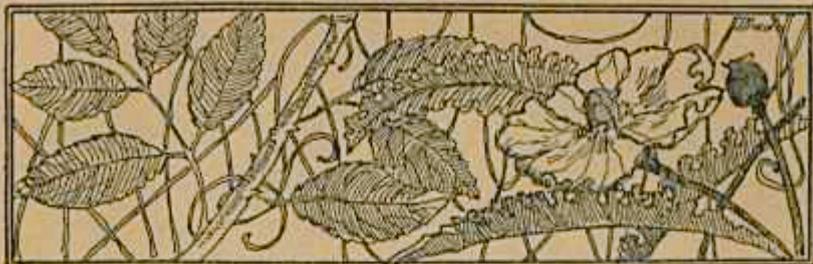
2." — A Intendencia de cada município procederá, de 5 em 5 annos, a principiar de Janeiro de 1922, ao recenseamento da população em idade escolar, isto é, dos 7 aos 14 annos de idade. O resultado deste recenseamento servirá de base á creação de escolas para cada sexo ou para ambos os sexos englobadamente, na proporção de 50 alumnos para cada escola das cidades e villas, e 25 nos povoados.

3.® — As escolas mantidas pelas municipalidades ficarão sob a jurisdicção technica e administrativa da Directoria Geral da Instrução Publica, quanto ao registro escolar, fiscalisação e nomeação de professores. Os municípios fornecerão para essas escolas, além dos vencimentos dos professores, casa para sua installação, material escolar e de expediente, livros, papel e roupa aos alumnos pobres. Os professores não poderão residir nos prédios escolares.

4." — Quando o município não puder manter escolas para instrução primaria, será applicado seu auxilio para a installação e manutensão de escolas estaduais e para desenvolvimento do ensino de iniciativa privada.

5." — As subvenções a escolas de iniciativa particular, feitas em consequência da conclusão anterior, só deverão ser realizadas quando essas escolas apresentarem o numero de matriculas indicado na conclusão 2.ª, observarem o programma das escolas publicas e preencherem os demais requisitos do regulamento geral da instrução do Estado, ficando facultado ao município exigir também o ensino gratuito para crianças pobres.

6.* — Cada município poderá dentro da quota com que contribuir para a instrução primaria, manter ou subvencionar alumnos no curso da escola normal, os quaes se obrigarão, depois do curso, ao magistério no município"



QUESTÕES SOCIAES

O CRIME ORGANISADO

Deu-se, ha dias, nesta cidade, um facto horrivel, de um horrivel profundo e inenarravel, como um pesadelo obsessor. Entretanto, passou quasi despercebido! V'nte linhas singelas e frias de um jornal, perdidas entre mil outras coisas, contenham embora o extracto condensado dos horrores possiveis, passam sempre despercebidas.

Vamos ao theatro, e a aventura vulgar de um pôtro insoffrido, melosamente apaixonado por uma lambisgóia ingrata, nos põe tremeiques na palpebra humidecida; e, da platéa ás galerias, percebe-se que rechinam, em suspiros abafados, entre furtivos revôos de lenços, as comportas da universal choradeira, prestes a estalarem — só porque o moço romântico geme com eloquencia e sem vergonha as decepções o seu appetite. Lemos uma novella, escripta nos confins o mundo, com uma trama nos confins do passado e da real'dade; e bate-nos o coração com ma's força ao enxergarmos, meio diluido em tantas brumas, um espectro vagamente humano que soluça uma desventura corriqueira. Passa, porém, a Desgraça ao •E de nós, e espalha soifrimentos atrozes, com urros e gemidos soantes com sangue e lagrimas de verdade, com desesperos e pavores que sacolejam e esfarrapam almas vizinhas ás nossas, — e nada vemos, nada pejeebemos, nada sentimos, beat'ficamente occupados á procura de emoções dynamisadas, em livros e obras de arte, muitas vezes vazios de humanidade e de intelligencia como esculturas de papelão e gesso armadas com sarrafos!

O caso do outro dia é de uma simplicidade atroz.

Em S. Paulo ha leis que prohibem o trabalho das crianças nas fabricas; mas

as fabricas revogam as leis e aproveitam o trabalho das crianças. São estas uns operários ideaes: fracos, mas esportos, tímidos, respeitosos; governam-se facilmente; ganham pouco. Venha, pois, quanto mais se puder arranjar dessa lenha tenra e preciosa, que arde bem e custa barato! Encham-se as officinas de rapazelhos na primeira flor, delgados e pallidos estes, corados e jov'ães aquellos, uns buliçosos e brincalhões como borboletas, outros silenciosos e diligentes como formiguinhasaju'zadas; labutam monotamente em cantos escuros Je galpão, a dobrar impressos, verguem e suem ao peso de cargos, manobrem mecanicamente a cochilar, ao pê de um appai lho estupro. tostem-se ao calor de uma caldeira ou ao bafo de um forno, absorvam gazes, ácidos, saes e poeiras nocivas bezuntem-se de graxas e tintas, encurvem-se, repuxem-se, torçam-se e esalfem-se na repetção indefinida de posções forçadas e de movimentos excessivos, percam a cór e a alegria, tomem ares pávidos de cães'nhos maltratados, ou ares opacos de homens sem mais innocencia nem ma's doçura, chatos e rudes... oh! que importa tudo isso, desde que as machinas funcionem e a fabrica rendai

Quebra-se ás vezes um braço, ás voltas de uma polia? Rebutam-se todos os dedos da mão sob o choque de uma barra de ferro ou ao golpe de uma alavanca? Parte-se uma cabeça no soalho, ao peso de uma ruma de coisas, por effeito de um tropeção 'nfeliz? Tudo isso é nada diante do interesse supremo das empresas ricas, conchavado com a ganancia ignorante dos paes.

Vai dahi, ha dias, um pequeno de doze annos, caçado, ao fim do trabalho, adormeceu num canto da fabrica, e lá ficou esquecido.

Somno pesado devia ser o seu — o somno dos que trabalham e não fazem mal; somno descuidado, somno tranquillo, talvez povoado de doces vsões.



Quadro interessante: as entranhas complicadas de uma fabrica em seogo, cheia de sombras profundas com laivos de claridade frouxa, de onde em onde, a lamberem traves, ferragens, perfis de machas; e neste ambiente desolado e alido, resonando sobre um caixão, serenamente, como numa cama de plumas em seu lar aconchegado e feliz, uma criança de doze annos—

Mas na fabrica havia um guarda terrivel. Esse guarda terrivel d'spunha, para o seu serviço, de cinco ou seis cães policiaes, fortes e bravos, afeitos a farejar carne humana, e com dentes magnifeos nuns tnhxIUies ôe aço. Ora, o guarda, quando a noite era fechada, sahiu, como de c->stunc, a percorrer a fabrica, levando os seus bellos cães por diante. Os molossos correm, afuroam, farejam, e, de repente, dão com o pequeno adormecido. Estacam, ladram e ravam, erriçando o pello, arrebítando a orelha, arreganhando a dentuça, alçando a cauda, e acabam por investir com o menino, que, naturalmente, já acordado, se encolhia retransido de pavor, defendendo-se com os braços, e mordem furioso, e retaham roupas e carnes, e arrançam talvez pedaços frementes e sangrentos do corpo nho estrebuchante...

Acóde afnal o guarda, contém os cães, e soccorre a crança. Mas, antes houvesse deixado que morresse logo! Ella só morreu muitas horas mais tarde, após inúteis e atrozes cuidados q'ê só puderam prolongar-lhe a agona e o soffimento.

Imagine-se um pouco, se é possível, o que se passou na alma desse desgraçadinho que acorda de repente atacado, como um animal bravo, por uma matilha de cães assanhados... E imagine-se a expressão de horror com que elle succumbu no seu martyrio.

Pobre crança! O teu sacrificio ainda seria bom, se tivesse a virtude de levar um rebate bastante forte ás conscencias empedernidas e ás almas egoistas e cruéis, e dahi resultasse acabar-se com a ignominia, a infame exploração do trabalho infantil, em terras de S. Paulo. A tua agonia espantosa ainda poderia ser abençoada, se fosse o s'gnal da redempção para esse immenso rebanho, composto de milhares de meninos-forçados como tú, que desabrocham frouxamente para a vida numa atmospha escura e pestosa de malvadez, de insensibilidade e de hypocrisia. A tua morte seria quasi bella no seu horror, se tivesse o poder de lançar uma sincera, religiosa raiada de pedade, de arrependimento e de ternura através der,ta sociedade esteril e chata, futil e feroz, que esmaga e devora impassivel os renovos e as flores da própria vitalidade. Mas, pobre crança! A tua tragedia parece que nem sequer foi percebida...

E' certo que os jornaes a noticiaram, — rapidamente, como cumpria em caso tão

breve, tão simples e tão "desagradável". Mas a historia não abriu o minimo sulco* na conscencia da população.

Não houve para ahi coração de mulher que deixasse escapar um bramido de maternidade arrepiada, diante desse menino de doze annos que dorme descuidoso e tranquillo, e acorda dilacerado e triturado entre as tenazes e as púas de seis fauces diabolicas. Não houve bocca de sociologo, de philanthropo, de educador ou de moralista, que viesse clamar contra o estupro, o ignóbil descaso com que tratamos a infancia pohre sujeitando-a a um regimen atropiante e desmoralizador de escravidão do dinheiro dos ricos. Não houve sequer conscencia bastante destemerosa ou bastante desprendida, para se dar o grande "commodo de um protesto contra esta innjminavel iniquidade e esta requintada ferocia de se fazer pol'ca de fabricas com o auxilio de toda uma matilha de cães, sob o risco, já agora provado, de se trucidar um innocente, ou de se cumprir uma injustiça mmoral e sanguinaria, sem processo e sem exame, indo immediatamente da suspeita ao supplicio!

Mas, porque essa indfferença? E' simples. A população andava attenta a outros objectos, mais sérios do que a morte de uma criança, fosse embora num desastre horripilante e culposo.

Havia as exhibções futuristas: a arte e a literatura são fontes de alta em>ção (com que se regalava principalmente os in'cados) — e a V'ida, ao que parece, não commove, nem interessa. Havia o Carnaval que chegava: o tempo era escasso para os preparativos da sumptuosa e réles bacchanal, — único verdadeiro divertimento possível para uma sociedade que vive aos balanços entre a crueldade-tôrva e o sensualismo esbagachado, e que é incapaz desses doces recolhimentos do espirito, em que as almas reijosas e sinceras se vão rehave e reconfortar em silencio. E bav'a a campanha presidencial — outra modalidade do profundo e coheso carnavalismo indigena, feita como os demais de espectacularidades, de rumores, de vaias, de intrigas, d' imposturas e de "fantas'as", e que, como as demais, depois de dar a impressão de um oceano em fúria, acaba tristemente, aorair de uma quarta-feira de cinzas, como um prest'ito desmantelado e rôto sob a chuva...

Por sso, á pobre criança! a tua tragedia enternecedora e medonha appareceu, nos jornaes, aos olhos indifferentes da multidão, como o relato resfriado de alguma atroeidade or'ental, colhido em livros de argila com inscrições cunéiformes, dos tempos de Assur-bani-pal, ou de Sennacherbe.

Mas, ao cabo, tu ainda foste fel'z. Tu donn'a?, tranquilla, num canto da fabrica. Sonhavas, talvez. Talvez sorrisses. O asfalto da ferocidade humana transfundida nos cães deu-te a amostra mais *intensa e perfeita desta civiúsação canina, que organisou o er me, para o qual o >

amor e a doçura são vergonha: e, em seguida, lançou-te para o outro mundo, onde continuaras o teu somno tranquillo, e talvez — quem sabe? — o teu sonho!

Amadeu Amaral.

("O Estado", 4-3-922).

POLICIA DE CAES

I

E'ra de Christo, Século XX. Em São Paulo. No interior de uma fhnrcá.

Silencio e solidão. Nas sombras da noite morta, entre raros rrtallios de escassa claridade, mal se dist'nguem os vultos negros das grandes machinas, as quaes, mudas e inimoveis como que se amontoam, exhaustas de fadiga, a dormirem o pesado somno da materia inerte, paralyzada, por algumas horas, a cyclopica foiça, que lhes infunde, na musculatura de aço, a intelligencia humana.

Já vai alta a hora Embuçado em seu capote, porrete á mão, em passo lento e cauto, lançando o olhar perquirjr, ora para a d'reita, ora ora a esquerda, um homem entra a percorrer os corredores, longos e escuros.

E o vigia da fabrica, um pobre diabo, que, para não morrer á fome, al' passa as noites a montar (uardj ais milhC"S do patroa, emquanto este, descumndo C feliz, dorme regaladamente, na desfrueta os nocturnos prazeres da fortuna. A' sua frente, correm, alvoroçados, saltarilhando, farejando os cantos, desapparecendo aqui, resurgindo acolá, seis terriveis cães policiaes.

São a guarda do guarda.

Ora, na vespera, prostrado pela canseira de oito ou dez horas de trabalho, um pobre menino de doze annos, — a "bem dizer uma crança! — recostára-se sobre um monte de lenha a um canto escuso da fabrica. E, quanfo esta se esvasiou, ao cahir da noite, da multidão de operários, vencidos de fad'sra e de fome, mas alegres com o pensamento de Tepouso nos modestos lares, aquelle operariosinho humilde para al' ficára, abandonado, a dormir profundo semno. A dormrr e a sonhar, talvez. A sonhar que já era moço e forte, que já menos lhe pesava o rude trabalho quotidiano, que já ganhava ma's alguns mil réis diários, e que, embora, estes mal lhe dessem para comprar o suado pão de cada dia, talvez já lhe fosse possível pedir a namorada em casamento...

Como é bom sonhar! E que lindo sonho aquelle!

Eis que de Súbito, o rapazelho acorda, tremulo de susto: ouvira, bem junto aos seus ouvidos, um rumor pavoroso, que, de começo, não poude comprehender se era o rolar de trovões, ou o rugir de alguma fêra... Mas, ai! não era uma fêra: eram seis fêras, que, de improviso

e de roldão, se lhe atiraram sobre o franzo corpo, encarniçada e sanguisedentemente.

Desvairedo pelo terror, o mísero operariosinho tenta levantar-se, para correr, para fugir, para defender-se ao menos a pontapés, dos se's ferocissimos molossos. Já não poude, porém, sequer levantar-se. l'oude apenas gritar. Gritou, apenas, mas não só de medo: gritou de dôr, num desespero inenarravel, porque sentia retalharem-se-lhe as vestes e rasgarem-se-lhe as carnes, nos dentes, agudos como púas, daquelles seis lobos bravos.

Acorre, presurosamente, o guarda, o chefe da matilha, amroso por se apoderar da caça humana (algum ladrão...), pela qual o patrão lhe daria, com certeza, uma grossa gorgeta... Mas, ao deparar a scena, recuou, horrorizado, como um criminoso em presença da sua vítima: o pequeno operário, com as roupas dilaceradas e tintas do sangue que lhe escorria, cin filetes, das faces e das mãos, nem já, com estas, pod'a ma's cobrir, sequer, o rosto, contra a implacavel sanha das seis dentuças, que o investiam, pois acabára desmaiando.

Aquelle desma'io já era o começo da agonia franca: desvelos da familia, recursos da medicina, foi tudo inútil. E, ao cabo de longas horas de atrozes sofrimentos, o desgraçado operariosinho poude, emfim, continuar o seu derradeiro romno, do qual, já agora, não conseguirão mais arrancar-o o egoismo dos scelcrados dinheirosos e a ferocidade dos seus cães de fila!

Ninguém se oocupará mais com o caso. Não se guardará sequer o nome desses pequenino martyr da actual organização "desta sociedade esteril e chata, fútil e feroz, que esmaga e devora impossivel os renovos e as flores da sua propria vitalidade", desta "sociedade que vive aos balanços entre a crueldade tórva e o sensualismo esbagachado em summa, desta nossa admiravel "civilização canina, que organizou o crime, e para a qual o amor e a doçura são vergonha..."

Mas, sobre a sepultura, rasa e sem lousa, desse anônimo pequenino martyr, mais refulgente do que os soberbos Gargophagos da opulência, ficará refulgindo, como um halo de gloria a formosa grinalda de piedade, que, como alguém já disse, commovidamente lhe teceu em artigo emocionante, o alto e nobre espirito de Amadeu Amaral.

E, ao lado dessa grinalda, ha de ficar a arder, perennemente, a chamma purrissima da sagrada indignação do poeta, para queimar, como um» castro, as faces dos que se approximem desse tumulo, sem sentirem nellas um pouco de calor, de revolta, ou de vergonha.

Heitor de Moraes.

("Commercio de Santos", 19-3-922).

Não faltará quem diga, e já foi dito, que esse caso, da morte do pequeno operário, esquecido a dormir num canto da fábrica, é, sem dúvida, impressionante e doloroso, mas, afinal de contas, se reduz apenas a um lamentável accidente.

Na verdade, não é justo se pretenda ver, no triste facto, uma prova directa da maldade fria, com que, salvo raras excepções, os senhores industriaes costumam tratar os seus operários. Mas, n'nguem poderá negar que esse episodio é uma vergonhosa consequência do espirito de iniquo e sordido egoismo, que preside, ainda hoje, em pleno meio-dia da civilização, a nossa evolução social.

Ahi está a prova, a tremenda prova, de que é um verdadeiro crime a habitual apathia, a immutável inércia, em que permanecem, na sua quasi totalidade, os nossos chamados estadistas, em face dos múltiplos, graves e delicados problemas da questão social, a qual, em ultima analyse, outra coisa não é senão a urgente, a inadiável necessidade, sentida por todos os povos cultos, de se r'fornar, de alto a baixo, de maneira menos injusta e mais humana, o actual regimen do trabalho.

Um dese^ problemas mais del'cados é o da regulamentação do trabalho fabril da infancia. Este é um dos maiores males, de que çoffre a sociedade moderna, cuja r'nelnor vitalidade, cujo sangue nia's novo, porque é o sangue da infancia, e constantemente dessorado, envenenado, eliminado, p'r esse cancro roaz, que, assim, lhe esgota, dia a dia, hora a hora, as forças vivas e as novas energias.

Entre nós, não temos ainda, ou se os temos não os applicamos convenientemente, leis e regulamentos, que protejam a saúde, physica e moral, dos infelizes filhos do proletariado, aos quaes a miséria, ou a ganancia dos paes obriga a sacrificar o melhor da vida, que é a men'nice, no penoso trabalho das fabricas. Assim, ao passo que, em varias legislações estrangeiras se estabelece o máximo de seis a oito horas diarias para o trabalho dos menores, de 10 a 14 annos de idade, aqui, no Brasil, em S. Paulo, um dos seus maiores e mais cultos industriaes, de espirito reconhecidamente liberal, confessou, *coram populo*, que nas suas fabricas tem a seu serviço cerca de 300 crianças, de ambos os sexos, as quaes "trabalham todas dez horas, como os adultos"; e que isto é um mal, também o reconheceu o mesmo cavalheiro, embora procurando attenuar o seu conceito, nesta significativa confissão... "o relativo inconveniente, que confesso, do trabalho de dez horas para essas cranças."

Ora, sem já falar do que ficou, e da mísera dos salarios, que ellas ganham, os quaes variam entre 1\$200 e 2\$000 por dia, pensemos, um minuto, nos perigos de toda sorte, com que ameaça a in-

fancia o trabalho fabril. Até hoje, eram conhecidos os perigos ordinários, resultantes do funcionamento das machinas, ou dos descuidos dos imprudentes: uma polia, que fila por um braço um infelz, e em segundos lh'o tritura, ou lh'o decepta, de arrancada; uma linguada, que, de súbito, se desprende do guincho, e esmaga um thiorax, ou uma cabeça; a ruptura de um cano de agua a ferver, que irrompe, inesperada, e escalda as faces de um desgraçado; o imprevisto escapamento de algum gaz asphyxico; uma explosão inopinada...

O que, porém, até ha pouco, não se conhecia, o de que não se suspeitava, era esse perigo extraordinário, absolutamente inédito, de esquecer-se um operário vnc'ndo de cansaço, a dormir num canto da fabrica, e de repente acordar num «obresalto como num pesadello, transformado em pasto de cães ferozes! Eis o perigo, o inaudito perigo, denunciado no emocionante artigo com que Amadeu Amaral protestou "contra esta inominável iniquidade e esta requintada feroçia de se fazer policia de fabricas com o auxilio de toda uma matilha de cães, sob o r'sco, já agora provado, de se trucidar um innocente, ou de se cumprir uma injustiça immoral e sanguinaria, sem processo e sem exame, indo immediatamente da suspeita ao supplicio!"

Mas, já não ha que admirar na pratica de taes abusos, por particulares, se se considerar que elles nada mais são do que os fructos naturaes dos altos exemplós, de altruismo, demonstrados pelos detentores dos prderes públicos, nesta nossa libérrima democracia de botocudos.

Sinão, vejam esta scena:

Em Santos — na terra da liberdade, a "Char.aan dos captivos". Na Praça dos Andradas. Na Cadeia Publica.

Injustamente suspeitado da pratica de um acto muito vulgar, e, em seus effeitos, muito semelhante ao que, nas rodas da alta politica, tem a elegante qualificação de advocacia administrativa, um pobre homem do povo, com o rosto colado ás grades do xadrez, mata o seu tempo a observar o que se passa, no lugubre casarão, já mergulhado nas primeiras sombras da noite.

Reina, em torno, o silencio, o silencio abafado das pr'sões, onde, de quando em quando, se ouve o ranger do ferrolhos o brado das sentinellas, ou um grito de desespero no fundo de um cárcere.

Eis que se abre o pesado portão central. Entram no pateo dois negros, em passo arrastado e cambaleante. Segue-os, de perto, o carcereiro, acompanhado de um enorme cão policial. Os dois pretos, com um ar de aparvalhados, param, um instante... Desgraçados! Porque ousaram parar? Cahe-lhes em cima, brutalmente, a soccos e pontapés, o miserável, que os conduz. Não reagem. Soffrem o insulto, sem uma só palavra de protesto. Atordoados, dobram-se-lhes os joelhos, estendem-se por terra. O carrasco faz um ra-

pido signal ao cão. Este se lança, então, sobre as duas victimas, e, numa fúria igual á do seu d'gno emulo, e amo, lhes esstraçalha as vestes e lhes rompe os carnes. Presos de pavor, levantam-se os dois homens, com extrema difficuldade. Tentam, num grande esforço, livrar-se com os braços e com os pés, das dentadas do terrível animal. Mas, este continua a investda. Ataca-os, ora num salto, pondo-lhes as possantes patas sobre os hombros, ora num rastejo, cravando-lhes nas pernas a dentuça de aço... E assim, acuados, comj caça, a dentadas, sopapos e pontapés, lá se vão os dois miseros pretos para a solitaria, onde os aguardam outros horrores de novos supplicios.

Ma's tarde, foram removidos para o cárcere, onde, aos companheiros de infortúnio, mostraram as pernas ainda manchadas do sangue escorrido das dentadas, qut lhes déra o cão, com tamanha fúria, que, cm certos pontos, lhes atravessaram as carnes, de um lado para o outro.

Haverá ainda, cm Santos, quein duvide da veracidade d'esse caso, conhecida como é, e de ha muito provada, a monstruosa, e inaudita ferocidade da policia canina, que aqui campea a solta, a assaltar a bolsa e a vida dos desprotegidos, e a manchar Je opprobio as tradições d'este nobre povo, amante da liberdade e amigo da justiça, cujo passado se cobriu de gloria na campanha libertadora dos escravos?

Custa a crer, na verdade. Mas, eu creio, porque a vergonhosa scena me foi narrada por uma testemunha ocular. E essa testemunha, homem do povo, humilde mas honrado, merece absomto credito.

Que a Providencia se amerceie de nós, na sua infinita misericórdial

Heitor de Moraes.

("Commercio de Santos", 21-3-922).





NOTAS DO EXTERIOR

"ASDAKZAS a UIJOTESCAS"

Os novos

Para a "REVISTA DO BRASIL"

I. — Salvador Alfredo Gomis.

Um mocinho pallido de wns vinte annos, de olhos verdes, de alma sensível e coração de princeza... Prosa alegre, que contrasta com sua .jalúdez; fina Ironia propria, sem medlta>do estorço para encontral-a, tal é o director da revista mensal "BLPIS".

Conheci-o em um Ateneo Literário fazendo uma conferencia »obre a poesia argentina, e logo mais, quando o sympathico periodista es-panhol — e me refiro a A. Martinez Lujan, — me apresentou ao conferencista, experimentei uma alegria sem limites, toda uma satis-facção porque adivinhei em Gomis um companheiro para minhas andauzas.

Foi uma noite memorável! "La dei alba serian..." quando nos estreitamos as ir.aos após termos sellado um pacto de franca amlaade.

Abriu-me, as portas de sua revista, em 'germem naquelles dias, e havendo recahido nofea conversação, em diversas o'casões, sobre as letras do Brasil, disse-me em uma oiportunidade: "Você, meu amigo, .poderia começar occupando-se dos escriptores brasileiros. Creio de superior importância para o desenvolvimento e intercambio das letras sul-airericaras, ccjreçar a ferio, a fazer conhecer aos leitores da Argentina, o caracter e as obras dos escriptores cariocas. "Elpis" teria muito que lhe agradecer se você se encarregasse d'isso..."

E assim foi: ficamos de accordo, e certa tarde marchamos para Palermo; collocaino-nos entre um massiço de rosas, e as paginas de "O Professor Jeremia" foram se succedendo, enchendo-nos de intiimas eênsaçOes.

Quando falamos das letras d'esse palz, quasi esquecido por estes eswriutores argentinos que ee Julgam consagrados e sós na terra com seu talento como fards!...

Depois me mostrou sua obra toda inédita, sem pufolicar-se, não por falta de meios, não por aratihia, em viista do vazio que se faz ao nobre da arte, ao puro da arte.

Sua obra? Um volume de versos — "Ritos al Sol", uma novella — "Un raro" duas comedias — "La farandula" e "El provinciano", um drama — "Les lunildes", além de uima serie de artigos breves, d'eta-Hhes de o.bservaçSo sob o titulo "Acotaciones al marigen de mi vida". E toda esta obra, como ficou diW>, permanece inédita, porque Gomis tem uma marcada indifferença para tudo que é seu, para "todo lo proprio. ."

Eu que sou um dos poucos que conhecem seu labor literário, pu&so affftmur que Salvador Alfredo Gomis é um d'esses extranhos escripto-



res todo idealismo, todo pureza, todo sentimento, que se esforça por não crer no mérito de sua produção.

Sua produção é um expoente de honradez artística, de valor literário... em que pese a sceptica e Injustificada opinião de Gom>S.

II. — Nicolas Olivari.

Este escriptor da moderna geração argentina é um temperamento mordaz, e, si bem que não esteja de accordo com sua apreciação critica, não deixo de reconhecer-lhe uma intelligente superior e um conhecimento sensato na exposição.

Olivari é um amante furioso de Pio Baroja, Azorin, Araquistain e de JoSo do Rio, e trata de pôr era castelhano as satyricas palavras do endiabrado "carolca".

Olivari, como quasi todos os que passam <por esta chronica, é pouco conhecido, apesar de ser numerosa sua produção disseminada por diversas revistas, e ainda, creio, tem trabalhos dignos de menção em alguma anthologia.

E se digo que não compartilho da opinião critica de Olivari, é porque me refiro a sua tendencia de "masacrar" tudo que não esteja de accordo com seus principios. E mais ainda pelo amor que professa a um médiocre critico — vil mercador que com pretensões de León Bioy contemporâneo arremette contra as letras e os homens da Espanha. Itéiro-me a Alberto Hidalgo.

No mais, Nicolas Olivari é um d'esses homens que chegarão mui longe, e sem tardar, antes que tenha 25 annos. Pertence ao grupo da revista ELPIS.

III. — E. M. S. Danero.

Ha na Espanha um escriptor dos mais raros que pode imaginar-se, — Eamon Gomez de la Serna; um escriptor com o qual mui poucos podem competir, por seu estylo e seu talento. Em França tem causado sensação Jean Giroudoux, um irmão quasi gêmeo de Gomez de la Serna; e aqui, entre um grupo de amigos intellectuaes, também o encontramos em E. M. S. Danero, que com suas "Apostillas" num estylo "cortado" e itelegraphico, de dar acção, sensação e opinião critica de muitas cousas — um tempo, com um humorismo cheio de graça e refinado donaire, pode e se faz icredor do titulo de irmão, também, quasi gêmeo de Eamon.

Danero ensnta co msuas apostillas, como Gom-ez de la Serna com suas "Gregue.lias".

Uma "Gregueria" é, segundo a afirmação de Alfonso Reyes, uma coisa complicada, sem pés nem cabeça, algo assim como um 8, a que não se pde encontrar o *xé e nem a bocca; talvez como o proprio Gomez de la Serna, porque elle é paçudo, pequeno, como si os pés e a oabeça, estivessem guardados nos bolsos interiores da "americana".

E Danere, o creador da Aioisilln na America, não é mais que um reflexo de sua própria ereação. Eu imagino a "Aipotllla" como uma coisa longa e pontuda, sem mãos, sem corpo, sem pés, uma coisa longa i@ pontuda como lança de Indio. Tal é a figura de Danero, fraco, comprido, mais comprido que fraco. Parece um ponto de admiração com ponto e tudo, e o ponto é precisamente seu "sombbrero" claro contrastando com seu elegante traje azul.

E' um exquiisito moralista; são perto de 25 as obras que tem publicadas, onde campeia um humorismo são e firme como o estylo de suas endiabradas "Apostillas".

IV. — Juan José Godeol.

Este escriptor reside em Rosario de Santa Fé: uma clara intelligencia, um audaz e rico temperamento em comprehensão psychologica, como o demonstrou em seu livro de poesias satyricas — "Breves" e em seu (ensaio de psychologia experimental atravez de um ser, como titula sua novella "Moral de topos".

Godeol é muito joven, tem 25 annos e é um apreciado professor de philosophia e leiras. Em Rosario é estimadissimo nas aulas e nos cenáculos literários. Tem essa franqueza expontanea e grata que tanto encantava a laltazar Graclan. Eaihe admirar e que o admirem, sua critica é certaera, ordenada e altamente humana, não tendo esse auto-didactismo que se nota na maioria dos "mettdos" a redemptores.



Fundou algumas revistas que lhe mereceram estimação e suas conferências sobre literatura clássica são dignas de escutar-se e ter-se em conta. Confesso que considero Go-deol como o herdeiro directo d'esse grande espanhol, modelo de estilistas e pensadores que se chama Ramon Perez de Ayala.

V. — Flaminio Pedraza.

Em 1918 fundou Flaminio Pedraza n'este Buenos Aires barulhento, uma revista intitulada "LA GESTA" que foi em seu curto período de vida, uma das melhores publicações que vieram à luz n'este país. A penna forte, completamente forte, d'este lutador não pôde tomar pé no campo da ideologia argentina. Quiz fazer obra de pensamento e de acção, porém, n'esta cidade, como em todas onde prima o interesse material das coisas, foi ura fracasso que guardou o ideologo em MU KINLL de homem s-incero. Pedraza, não em realidade condoído Do- sua cruzada feita em pedaços, mas para sahir destas a-gglomerações, onde os pensamentos, Tara terem lançado ao mercado necessitam uma etiqueta de controle como os queijos, retirou-se para o -campo, longe, muito longe, para a -provincia de Corrientes, cerca do Paraguay, a fazer obra sincera, ao pé dos -cerros, mão a mão com a natureza não tão ingrata como seus filhos...

Seu e&tylo—transpare-c-e em seus artigos e chrom-cas—é, pela mencionada razão, livre, pujante, robusto, forte -como a -natureza mesma.

Tenho em -minha mesa de trabalho um de seus últimos artigos, escripto especialmente para "Elpi*", intitulado "Una barbaridad", -que é uma alavanca formidável para a verdade em -marcha e uma realidade de conceitos sanissimos. Homem de campo-, prefere cultivar seu regadio, lutando com os elementos, mirando frente a frente ao sol, a modéstia cidadina, sob uma roupagem se senhoritismo, com que as mais das vezes só se cobre um coração anquilosado de bastardas sensações e interesses. Pedraza será em sua obra um valor realmente sincero como o foi Barret como o é Horácio Quiroga, pois como estes dois grandes Impressionistas do cora-ção maneja o ensaio e também a narração pequena e solida dos /actos da vida dos hom-ens que passam pela sabana immensa da natureza.

VI. — Jomer B. Villa.

Este joven novelista é dos -mais popularizadas, pois sua asstgnatura figura de continuo nas mais estimadas revistas de Buenos Aires.

Sua residencia é em Córdoba, essa Córdoba colo-nial e santarrona onde -grandes artistas e pensadores da altura de Arturo -Cap-devlla, Arturo Orgaz, l'artin Gil e Andrés Terzaga.

Jomer B. Vill-a, narrador apraziKel, espirito romântico, docemente sonhador, relata suas sensações, proprias de um coração todo cheio de espuma. Não conhece as desatadas e trepidantes emoções da dor e é carinhoso crepúsculo toda sua alm-a.

As mulheres são as mais afeitadas a essas narações norvelescas de Villa, das qua.es resalita logo o homem bom que não oonhe-ce a dor ou que não quer alojar-ise em sua morada...

Dizla-me não faz muito em uma de suas cartas: "He sufrido poco, y talvez, sea ese mi ensuefio... mas -tarde, despues, -cuando sufra, talvez enfonces, no dire mis emociones-, para no contradecir -mi ensuefio a loa ojos de mis lect-ores y mi sufrimiento sera mas grande porque te-ndre oje que fingirme a mi mi-smo una alegria que no sciente mi pobre corazlón..."

O homem se pintou a si mesmo. Não faz muito tempo, publicou sua melhor obra, — "Mo-tiros de Oriente" pequenos poema-s á maneira de Tagre, cheia, como toda sua obr-a anterior, de uma espiritualidade sincera.

Aqui, como em toda pur-te, não só merecem estimação aquellas flgura-s que "chapotean" — nas melhores publicações e dão mensalmente um livro á luz, seja prosa ou verso. O melhor sóe as mais das vezes, achar-se em rincões modestos, em cenáculos de Incipientes, em revi-stas jovens cheias de luz, nos andares mais altos dos edificios modernos...

Por isso, esta chronica para a "Revista do Brasil", vae dedicada á juventude brasileira que luta pelo ideal, para <que saiba que em toda parte o coração juvenil bate apaixonadamente pelas magnas realiza-Cões...

(Enero 922)

B. |SA'NCHEZ SA'ES

DO PLAGIATO

A "Revue de l'Epoque", de Paris, fez um inquérito entre certo numero de homens e de mulheres de letras acerca do seguinte: "Que estratagemaria usaria para lançar sua futura obra? Simularia o plagiato ou plagiaria, realmente. Caso estes artificios lhe repugnem, que pensa a respeito?" A primeira vista, essa "enquete" parece "bizarra.

E' bom lembrar-se, entretanto, que Pierre Benoit reproduziu no seu Olvro "Lac Salé" algumas linhas das "Choses vues" de Victor Hugo e declarou quando um de seus leitores percebeu isso que o fizera de proposito, tomando a precaução de comunicar com antecedencia o facto ao ministro da Ins-trucção sr. Leon Berard. Era o que o joven romancista chamava "uma armadilha": esperava elle que algum critico idiota lhe censurasse o seu mau estylo, citando por exemplo uma phrase que não lhe pertencia, mas sim a Victor Hugo. Os criticos são pouco clarividentes: ao menos essa é a opinião de todo auctor que não foi bastante louvado. E sua ignorância é geralmente profunda, como o fazia observar o sr. Pierre Mille na sua resposita á "Revue de l'Epoque..." Todavia nenhum délies cahiu na peça armada pelo sr. Pierre Benoit. Elles podem não saber de cór a literatura universal, ou não ter uma lembrança muito prompta, não reconhecendo de relance uma curta passagem de uma obra se-cundarta, mesmo de um auctor celebre, que um (folhetinista tenha fec-opiado. Entretanto, veem raramente erros de francez onde não os ha, e nem todos se parecem com aquelle velho professor de rhetorica, um tanito distr-a-hido a quem um alumno tinha entregue um discurso latino inteiramente trasladado de Cicero, e que escreveu a seguinte noticia:

"Alguns progressos, mas latinidade ainda bem fraquinha". De qual-quer modo, muitos confrades de Pierre Benoit pensaram, com ou sem irazão, que elle procurou nessa pequena "fumisterie" uma reclame para o seu romance. Comprehende-se agora melhor a razão do questionário ida "Revue de l'Epoque".

A maior parte dos escriptores interrogados responderam honestamente dizendo que punham todo o cuid-ado em escrever as suas obras, e outros qualificaram sem Indulgência toda e qualquer sorte de plagiato.

Ha algumas respostas divertidas como a de Fernando Divoire que diz: "Plagiar? Não tenho terrpo. E' muito mais rápido crear". Ou a de Mme. Valentine de Saint-Point que "só acha interesse em réalisar o que não viu nos outros auctores" e vangloria-se de ter sido ella mesma plagiada. Cumprimentos-! Não é plagiado quem quer.

Quanto aos modos de se ser "lançado", só ha dois verdadeiramente i&fficazes: o premio "Goncourt" e um bom processo por tendencias imrnou iraes ou subversivas. De resto, tudo isso é dispensável. O processo de "Madame Bovary" fez vender immediatamente um grande numero de exemplares; mas esse romance não seria menos lido, lhoje, nem Flaubert menos illustre.

Os jovens auctores contemporâneos, são terrivelmente impacientes e se inquietam porque a critica não os leva aos sete ceus. Mas uma obra de valor depois de uma espe-ctativa mais ou menos longa, acaba por fazer o seu caminho. O melhor meio de conquistar o publico é fazer uma obra prima. E cedo ou tarde, a justiça vlrã... x.

(Diari-o de Pernambuco)

A GLORIA DE PLARITBRT

No mez de dezembro ultimo, no jardim do Luxemburgo, foi inaugurado solememente o monumento a Flaubert.

O monumento é uma obra de arte harmoniosa e simples, que ficara bem no quadro desse jardim encantador de Luxemburgo. Elie não contém nenhuma composição symbolica, mas unicamente um busto, o busto do esculptor Clésinder, ampliado pelo esculptor Escuela, sobre um soclo em fôrma de banco, obra do architecto Pa-quet.

Todos os jornaes e todas as revistas evocam a personalidade e analysam a obra do grande romancista que nasceu em Ruão ha exactamente um século. Elie pretence ao numero daquelles cuja gloria perdura e se engrandece através das gerações. A posteridade fez-lhe Justiça, e hoje — pormenor curioso — o procurador da Republica, sr. Lecouvé, faz parte do "comité" promotor da homenagem ao autor do romance da



"Bovary", acusado outróra pelo procurador do império Pinard, de ultrages aos bons costumes e á moral iburgueza.

O numero do "Paris-Notcias" consagra alguns artigos a Flaubert e reproduz o magnifico retrato gravado por Favler para a edição de luxo, do livreiro Conard. Num destes artigos, Paulo Osorio estabelece um •paralello entre Eça de Queiroz e Flaubert, entre os quaes, quer na obra em geral, quer no estylo, as afinidades são numerosas. Ambos procuravam devotadamente, infatigavelmente, a perfeição do estylo.

"Ha em mim, literariamente falando — escreveu um dia Flaubert — dois bons homens diferentes: um, apaixonado pelas tiradas, peio lyrismo, pelos grandes vãos de aguia, por todas as sonoridades da phrase e pelas cyn iadas da idia; um outro <jue cava e rebusca o exacto tanto quanto pôde".

Falando do autor da "Salamrnfoð", o critico Emile Faguet disse que o seu espirito se partilhava entre a necessidade da realidade e a necessidade também de uma imaginação desenfreada e poderosamente fecunda, que essas dva< inclinações se balançaram no decurso da sua vida literaria e de tal rnod'o que, na sua penna, uma obra romântica succedea invariavelmente a uma obra realista.

Não é verdade que tudo Isso se poderia applicar a Eça de Queiroz? "Sem duvida, Eça de Queiroz possuia a ironia, o espirito critico que se não encontram em Flaubert. Já o têm comparado, por Isso mesmo, a Anatole France. Mas quando um dia escreveu que os seus romances, no fim de contas, eram francezts, que eile proprio o era quasi inteiramente, que a sua cultura, a sua educação tynham sido feitas nos livros francezes, pelas idéas francezas, as maneiras francezas, os sentimentos francezes, o ideal francez, — por certo eile pensava no poeta solitário do Croisset e nesse Oriente de seduetoras visões onde os dois tynham ddo orar á deusa Fantasia, num scenario de maravilhas, como Renan orou a Clara Athenéa, na collina do Parthenon".

Num outro artigo recordam-se algumas velhas phrases de Anatole France, que synthetizam admiravelmente a vida e a obra de Flaubert.

"Trabalhou como um boi, escreveu o autor de "Thais". A sua paciência, a sua coragem, a sua probidade, a sua boa fé, ficarão para sempre como exemplos. E' o mais consciencioso dos escriptores. A sua correspondência dá o testemunho da sinceridade e da continuidade dos seus esforços. E' preciso admirar, é preciso venerar esse homem de muita fé, que eliminou por um trabalho obstinado e pelo zelo do hello o que o seu -espirito tynha naturalmente de pesado e de confuso, que souo lentamente os seus so,berbos livros e fez ás letras o sacrificio methodico da sua -vida inteira".

A PROPAGANDA DAS LETRAS IIRASII.EIRAS

O Sr. Isaac Goldberg-, a quem me referi em artillgo anterior, fez o favor de escrever-me que seus estudos brasileiros se acham sobre uma ifirme base depois de encetadas as nossas relações, e que daqui por deante escreverá sobre noss-as grandes figuras literarias com a mesma frequencia com que se tem occupado de análogas personalidades hispano-americanas, acabando justamente de dedicar um admrlravei artigo a Florêncio Sanchez e tendo editado, um anno ha, um ibello volume de estudos sobre a literatura hispano-americana, volume de 400 paginas, em que, após definir a renovação modernista, o autor trata separadamente de Ruben Dario, Hodò, Santos Chocano, Eguren e Blanco Fomfoona numa série de ensaios, entremeados de traducções que são profundos e luminosos.

O sr. Goldberg escreveu-me assim simplesmente porque tem agora •quem lhe proporcione a matéria prima bibliographica. Diz elle, com muito critério, no prefacio do seu livro que acabo de -mencionar, que •ainda não chegou o tempo com relação á nossa produção ibero-americana de ensaios puramente criticos, que se trata antes de suggerir do •que de definir, dando excerptos traduzidos para dessertar o appetite ipara essas LiteTatras desconhecidas, o seu desejo no de tocante ás letras brasileiras, é fazer primeiro uma anthologla, no gênero da que Victor Orban Mez na lingua franreza, mas talvez mais reduzida, mais rigorosamente seleccionada. Importando mais a qualidade que a quantidade, e com introducção3 criticas a cada um dos nomes.

O gosto estrangeiro Impõe mesmo tal selecção. Não seria possível, •segundo aponta o Sr. Goldberg, verter para Inglez um romance sensual como o "Cortiço", que alarmaria o sentimento puritano, e também o leitor americano prefere a acção rapida, o jogo incisivo das personagens, •á discussão de idéas e propositos ou á descrição. de cositumes. As idéas



•entretanto, commenta o Sr. Goldberg, têm mais vida e são ellas que
•u,iam as .personalidades.

o Goldberg está preparando um volume de estudos ibrazil>iros
idêntico na fôrma e espirito ao volume hispano-americano. Sua idéa é
publical-o no decorrer do anno próximo, senão assim adequadam nte
orada a nossa independência no seu primeiro centenário. Outra
commemoração está preparando o professor da Universidade de Stan-
ford Alfred Coester, o qual é autor de uma "Historia Literaria da
America Hespanhola", como não existe mesmo outra na America Latina.

O autor está agora preparando uma edição hespanhola desse livro o
escreveu-me em Julho passado que lhe está dando maior desenvolvi-
mento e que projecta uma parecida "Historia Literaria do Brasil" que,
nas suas palavras, faça conhecida dos norte-americanos (pela primeira
vez vejo usada esta expressão nos Estados Unidos) a rica literatura do
Brasil, ajuntando que por causa dos muitos estudos de critica literaria
feitos por brasileiros como José Verissimo e outros, semelhante livro
não exigirá tamanha somma de pesquizas como o outro sobre a litera-
tura hispano-americana.

O livro do Sr. Coester não poderá deixar de ser um trabalho consci-
encioso e comprehensivo. A sua elaboração não pôde ter sido estranha
a inspiração do grande amigo do Brasil que é o Presidente emérito da
Universidade de Stanford, o Dr. Branner, assim como a orientação fôo
Sr. Goldberg não foi alheia, muito pelo contrario, a direcção recebida
em Harvard do professor Ford, que no departamento das linguas roma-
nicas alli se occupa com desvelo e com autoridade de quanto diz respeito
à lingua e à literatura de Hespanha e de Portugal e suas antigas depen-
dências americanas.

E' interessante notar o prestigio de que entre os estudiosos das cousas
brasileiras goza o fallecido José Verissimo, que nunca foi um espirito
derramado numa e&pressSo favorita de aM.chado de Assis, antes um
espirito severo, que nunca procurou impflr-se pela familiaridade ou pela
lisonja. O seu ncjre acide seirpre em primeiro logar ao tratar-se da
nossa critica literaria e suas opiniões fazem fé. Ainda nestes últimos
dias isto occorria numa carta em que o Sr. C. K. Jones, da B bliotheca
do Congresso ,outro excellento conhecedor das letras ibéricas, me infor-
mava de que fôra convidado para apresentar à reunião que em Dezembro
proximo realizará em Baltimore a Associação das Linguas Modernas,
irra iremoria sobre as presentes condições e tendencias da literatura
itero-amer'cara, na qual elle pretende comparar crtas phases de tleior-
ria e de idéas literários corro a polemica entre Sarmiento e Andrés
Bello, a influencia do romantismo de Echeverria, as idêns dos moder-
nistas, etc., desejando fazer outro tanto com relação ao Brasil.

A referida Associação orpanizou no seu selo um "corwité" de litera-
tura hispano-americann. presidido pelo professor Hills, da Universidade
de Indiana, que é igualmente autoridade nestes assumptos.

Aqui se costuma fazer a diistlnção entre "hispano-amertean" (a
Hispania abrangendo a Lusitania) r "Spanish-American", o que é en-
tretanto susceptível de confusão, pelo que, ao annuir em ser membro
do "comité", fiz sent r que na reunião de Dezembro deveriamos mudar
o seu nome para "Ibero-americano", que abrange as duas secções da
Península.

Eu proprlo fui convlvida a apresentar em Baltimore uma memoria
sobre "como deverá a literatura brasileira ser estudada nos collegios
e universidades dos Estados Unidos, a saber, que autores deverão ser
lidos primeiro e em que edições".

E' claro que a memoria comporta uma parte bibllcgraphica, sem a
qual não seria pratica, pois que o fito do novo "comité" da Associação é
promover e organizar o estudo regular das letras ibero-americanas nos
estabelecimentos de ensino superior norte-americanos: o Sr. Hills também
se serve desta expressão.

Fazendo-me vêr a conveniência da minha presença e da apresentação
da memoria solicitada, o professor Hills dizia-me na sua ultima carta:
"A maior parte dos presentes serão hispanistas e eu receio que todo o-
timpio seja concedido ao hespanhol e nenhum ao portuguez, se alguém,
como o senhor, não fallar áeerea da literatura e da civilização brasilei-
ras. Estimariamos especialmente dados bi>bllcgraphcoes concernentes a o
escriptores do Brasil, seus melhores livros, seus clássicos e seus actuaes
movimentos literários".

No dia em que o Brasil histórico e literário figurar nos "curricula"
das Universidades americanas, teremos conquistado nossos plenos fôros.
intellectuaes.

CARICATURAS DO MEZ



INDICE GERAL DO VOLUME XIX

<i>O Momento</i>	3
<i>São Paulo nos tempos coloniaes, por Saint-Hilaire</i>	5
<i>Uma estação de amor, por Horácio Quiroga</i>	17
<i>A victoria da mulher na poesia, por Benjamim Lima</i>	30
<i>Em tomo da geographia da alimentação, por Bernardino José de Souza</i>	36
<hr/>	
<i>No trem de ferro, versos por Paulo Setúbal</i>	40
<i>Variante carioca de um subdialecto brasileiro, por Antenor Nascentes</i>	44
<i>O curandeiro, por Luiz Gonzaga Fleury</i>	50
<i>Importancia da riqueza mineral no progresso das nações, por Miguel Arrojado Lisboa</i>	56
<i>Bibliographia</i>	66
<i>Resenha do mes</i>	70
<i>Debates e pesquisas</i>	82
<i>Notas do exterior</i>	90
<i>Caricaturas do mes</i>	93
<i>O Momento, por B. F.</i>	97
<i>A literatura em São Paulo, por B. F.</i>	99
<i>Géca Tatú e o principio da excepção creadora, por Brenno Ferraz</i>	106
<i>Educação cívica, por A. Sampaio Dória</i>	110
<i>Zé da Foice ou o Homem que roubou um, pão, por Léo Vaz</i>	120
<i>Ouro Preto, a cidade única, por Enrique Loudct</i>	127
<i>Sonetos, por Aristêo Seixas</i>	138
<i>Rastro de sangue, por Mario Sette</i>	141
<i>O médico e a sua physionomia, por Renato Kehl</i>	148
<i>Ronald de Carvalho, por João Pinto da Silva</i>	152
<i>São Paulo nos tempos coloniaes, por Saint Hilaire</i>	161
<i>Bibliographia</i>	173



Resenha do mes	176
Debates e pesquisas	183
Notas do exterior	18&
Caricaturas do mes	191
"Revista do Brasil"	193
A literatura em São Paulo (A sub-raça — O regionalismo), por Brenno Ferraz	194
O professor Ramalho, por Albertino Moreira	201
A piedosa ironia, por Monteiro Lobato	207
São Paulo nos tempos coloniacs, por Saint-Hilaire	212
Rastro de sangue, por Mario Sette	227
Importancia da riqueza mineral no progresso das nações, por M. Arrojado Lisboa	237
Com morto não se brinca, por Tranquillino Leitão	244
Bibliographia	254
Resenha do mes	258
Debates e pesquisas	271
Notas do exterior	277
Caricaturas do mes	285
A "Evolução das ideas argentinas", por Monteiro Lobato	289'
O crime inútil, por Lucilo Varejão	295
Os dois Brasis, por V. Coaracy	307
Velhinha rendeira, por Jaytne D'Altavilla	314
A philosophia natural do dr. Von Ihering, por Rodolpho von Ihering	316
Trinta annos, po, Oscar Brisolla	323
Variante carioca de vm subdialecto brasileiro, por Antenor Nascentes	327
Importancia da riqueza mineral no progresso das nações, por M. Arrojado Lisboa	333
Bibliographia	339'
Resenha do mes	348
Debates e pesquisas	363
Questões sociacs	371
Notas do Exterior	376
Caricaturas do mes	382

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e fotogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone: 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joallerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAES

PUBLICAÇÃO OFFICIAL DOS TRABALHOS
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO,
DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade!

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

LOTERIA DE S. PAULO

Em 28 de Abril

20:000\$000

P o r í \$ 8 0 0

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PAÍTE

íE3QJ ————— írtr-TOi ————— mr tm ————— tni-ini ————— íft

MARIA E AS MULHERES BÍBLICAS

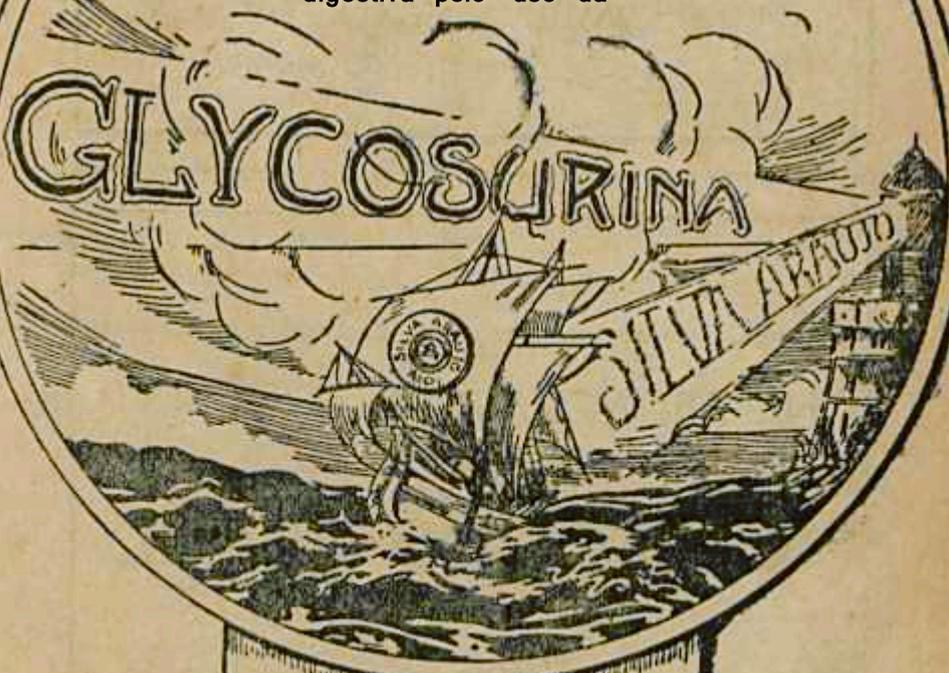
Um dos mais bellos trabalhos literários de Cláudio de Souza, o mais fecundo e popuiar dos nossos escriptores theatraes. "Maria e as mulheres bíblicas" — é uma reconstituição histórica de alguns typos femininos tornados immortaes pelas suas grandes virtudes heróicas. Cláudio de Souza, com o prestigio da sua arte, <leu a essas mulheres uma vida extranha e miraculosa. Livro de grande moral e de empolgante suggestão. E' um livro que todas as senhoras de bom gosto devem lêr. A edição, feita pela "Revista Feminina", é um primor de arte typographica e illustrada com encantadoras gravuras.

Vende-se na redacção da "Revista Feminina", avenida S. João, 87. Preço, 4\$000. Pelo correio, registado 4\$500.

DIABETICOS

7 / Vv^)) ® preciso combater a perda
^ - d e a5ucar. tonificar o or-
ganismo. regularisar as funcçõs dos orgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funeção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indígenas brazileiras

PAU FERRO • SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

Trabalhos typographicos

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE
TRABALHO TYPOGRAPHICO NAS EX-
CELLENTE E MODERNAS OFFICINAS
QUE A S. A. E. OLEGARIO RIBEIRO ACA-
BA DE INSTALLAR A' RUA DOS GUS-
MÕES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EM-
PREZA MONTEIRO LOBATO & CIA.

NA REDACÇÃO DA

REVISTA DO BRASIL

Vende-se uma collecção
completa da REVISTA
"EU SEI TUDO"



MÓVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogo e informações minuciosas á

FABRICA J)E MOVEIS ESCOLARES

"EDUARDO YVALLER"

DK

J. Gualberto de Oliveira

↓ Rua Antónia de Queiroz N. 65 (Copação) Cidade, 1218

— São Paulo —

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café» Mandioca, ^Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.

Bio ai mais recommendareii pa-
ra a laroura, segundo experien- »
ciai do ha mai« do 50 annoi no
Braail.

GRANDE STOCK de Caldeirai, Motorei a
vapor, Rodai de agua, Turbinai e ae-
cenorioi para a laroura.

Cerreiai - Olees - Telhai de line« -
Ferre em barra - Canei 4e ferre gal-
Tanliaie e mail pertence«.

CLING SURFACE mana iem rirai para
conierração de correiai.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaeiquer
machinai, canon de ferro batido galra-
nisado para encanamentoi de agua,
etc.

TAKA IMFOaiCA.Q6M. F*»CO«. ORQIMWXT*. K I .

DiRiaia-» A!

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

HOXA MO«A» o' » lit«« O«» Mm.«!

